

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
ADRIANA RODRIGUES MENDONÇA

**“O SILÊNCIO DOS HOMENS”: O SILÊNCIO NOS DISCURSOS SOBRE O  
MACHISMO EM UM DOCUMENTÁRIO**

**RIO GRANDE**  
2022

**“O SILÊNCIO DOS HOMENS”: O SILÊNCIO NOS DISCURSOS SOBRE O  
MACHISMO EM UM DOCUMENTÁRIO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial e último para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosely Diniz da Silva Machado

Rio Grande/RS

2022

## Ficha Catalográfica

M539s Mendonça, Adriana Rodrigues.

O silêncio dos homens: o silêncio nos discursos sobre o machismo em um documentário / Adriana Rodrigues Mendonça. – 2022.

105 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2022.

Orientadora: Dra. Rosely Diniz da Silva Machado.

1. Análise de discurso 2. Silêncio 3. Machismo I. Machado, Rosely Diniz da Silva II. Título.

CDU 81'42

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 8/2022**

No dia dezesseis de agosto de dois mil e vinte e dois, através de videoconferência, realizou-se a defesa de dissertação da mestranda **Adriana Rodrigues Mendonça**, intitulada "**O SILÊNCIO DOS HOMENS: O SILÊNCIO NOS DISCURSOS SOBRE O MACHISMO EM UM DOCUMENTÁRIO**". A sessão foi aberta às catorze horas e trinta minutos pela Profa. Dra. Rosely Diniz da Silva Machado (FURG), orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pelas professoras doutoras Aracy Graça Ernst (FURG), e Clóris Maria Freire Dorow (IFSul). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** a mestranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em Estudos da Linguagem. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata. Atendendo à Deliberação nº 025/2020 do COEPEA, que dispõe sobre Diretrizes Acadêmicas Gerais para o ensino de pós-graduação Stricto Sensu durante o período emergencial devido à pandemia da COVID-19, o presidente da comissão examinadora assinará a ata, substituindo as assinaturas dos demais membros da banca. Este documento possui chave de autenticidade gerada pelo sistema FURG, podendo ser verificada em <https://www.furg.br/consultardocumentos>.

Profa. Dra. Rosely Diniz da Silva Machado (FURG)  
Profa. Dra. Aracy Graça Ernst (FURG)  
Profa. Dra. Clóris Maria Freire Dorow (IFSul)

*A todas as mulheres a quem foi negado seu direito a uma existência plena.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram e me incentivaram todas as vezes que decidi ir em busca de algum aperfeiçoamento nos estudos ou na área profissional. Em especial, quero agradecer aos meus pais, David e Luzinete, que nunca mediram esforços para que eu tivesse acesso à educação de qualidade, mesmo em tempos quando não havia ainda políticas públicas de acesso aos menos favorecidos, pelas quais devemos agradecer e lutar sempre!

A meu companheiro e parceiro da vida, Jorge, pela paciência, compreensão e cuidado ao longo de todo o percurso. Obrigada por me ajudar a seguir em frente, quando o caminho se tornava muito árido, e por se mostrar incansável em me escutar falar inúmeras vezes sobre a pesquisa.

Aos meus amigos, de perto e de longe, com quem posso compartilhar momentos de alegria e de inquietação e que sempre estiveram na torcida para que eu conseguisse concluir essa etapa tão importante na minha vida acadêmica e profissional.

À minha orientadora, Rosely, por aceitar trilhar comigo esse caminho e pelo modo respeitoso e atencioso com que sempre tratou a mim e ao meu trabalho e, ainda, por suas valiosas intervenções ao longo do processo de escrita. Agradeço por me encorajar nos momentos difíceis, quando os obstáculos me pareciam intransponíveis.

À toda a equipe de docentes do mestrado em Letras da FURG, da área de concentração de Estudos da Linguagem, que contribuíram grandemente para que eu pudesse ampliar meus horizontes e me sentir mais segura para a escrita desta pesquisa.

A todos os meus colegas discentes do PPG Letras da FURG pelas riquíssimas trocas nos espaços virtuais (formais e informais), únicos possíveis em tempos de pandemia.

À querida Isabel Mendes, exímia profissional, sempre pronta a atender com muita gentileza e dedicação às minhas dúvidas e solicitações.

*“Cada palavra tem a sua consequência, cada silêncio também.”  
Jean-Paul Sartre*

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AD** - Análise do Discurso de Linha Francesa de Michel Pêcheux

**AIE** – Aparelho Ideológico de Estado

**ARE** – Aparelho Repressor de Estado

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**SD** – Sequência Discursiva

**SPM** - Secretaria de Políticas para as Mulheres

**UNIFEM** - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher



## SUMÁRIO

<b>1 UM BREVE PANORAMA: NAS SOMBRAS</b> .....	11
<b>2 UMA LUZ NO CAMINHO</b> .....	16
<b>3 CONSTRUÇÃO DO CORPUS</b> .....	18
3.1 O documentário.....	18
3.2 O <i>discurso sobre</i> .....	21
<b>4 DISPOSITIVO TEÓRICO-ANALÍTICO DA ANÁLISE DO DISCURSO</b> .....	24
4.1 Língua, sujeito e ideologia.....	24
4.2 Inconsciente, interdiscurso e intradiscurso.....	26
4.3 Formação ideológica e formação discursiva.....	28
4.4 O silêncio significativo.....	31
<b>5 QUESTÕES METODOLÓGICAS</b> .....	35
5.1 A pesquisa na perspectiva da Análise do Discurso.....	35
5.2 A negação no discurso.....	37
5.3 A falta, o excesso e o estranhamento.....	38
5.4 A delimitação do <i>corpus</i> .....	38
<b>6 O CORPUS EM ANÁLISE</b> .....	40
6.1 Análise das SDs selecionadas.....	42
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	70
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	76
<b>APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO <i>O SILÊNCIO DOS HOMENS</i> NA ÍNTEGRA</b> .....	80

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o funcionamento discursivo do silêncio nos discursos sobre o machismo em um documentário intitulado *O silêncio dos homens*. Para tanto, são mobilizados os conceitos de *silêncio fundante* e a *política do silêncio* de Eni P. Orlandi (2007, 2012), bem como os conceitos basilares da teoria da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux, como *sujeito*, *ideologia*, *formação discursiva*, *interdiscurso*, *intradiscurso*, *assujeitamento* e *posição-sujeito*. Tomando o conceito de discurso enquanto efeito de sentidos, a Análise de Discurso busca explicitar os mecanismos de determinação histórica dos processos de significação, compreendendo que a ideologia, que interpela os sujeitos, está manifesta na linguagem. Outros conceitos também servem de sustentação para o desenvolvimento desta pesquisa. São eles: o conceito de *negação externa*, o de *nós político* e da *não pessoa discursiva* de Indursky (1997, 2005); e, ainda, os conceitos de *falta*, *excesso* e *estranhamento* de Ernst-Pereira (2009). Para a construção do *corpus*, foi necessária a transcrição de todas as falas dos participantes do documentário e, a partir delas, foram selecionadas as sequências discursivas, analisadas por meio do gesto de interpretação de acordo com o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso. Observou-se, pela prevalência dos saberes da formação discursiva machista, a partir do fio do discurso (intradiscurso), que o silêncio como censura interdita determinados dizeres dos sujeitos que se filiam a essa formação discursiva, como forma de perpetuar sua posição-sujeito de homem viril, dominador e controlador e de sua posição hierarquicamente superior com relação às suas companheiras e seus filhos. Foi possível depreender, por meio do gesto analítico, que o silenciamento desses dizeres, relacionados às questões de cunho mais íntimo, é compreendido como um dos disparadores para comportamentos agressivos, incluindo atos de violência contra a mulher. Foi de extrema relevância observar, em alguns dos discursos, o movimento de desidentificação de alguns sujeitos que não mais se reconhecem identificados com os saberes referentes à formação discursiva machista. Enfim, esta pesquisa, ao analisar o discurso de homens e mulheres acerca dos modelos de masculinidade presentes na nossa sociedade atual, buscou refletir sobre a linguagem, enquanto um dos elementos constitutivos do processo discursivo que, no caso deste estudo, se deu sob determinadas condições sociais e ideológicas, tematizando o machismo e suas tenebrosas ramificações na vida dos homens, mulheres e crianças brasileiras, mesmo sob a forma de silêncio.

**Palavras-chave: Análise de discurso. Silêncio. Machismo.**

## ABSTRACT

This research aims at investigating the discursive functioning of silence in the discourses about machismo in a documentary entitled *O silêncio dos homens*. In order to do so, concepts as *founding silence* and *silence policy* by Eni P. Orlandi (2007, 2012), as well as other key concepts from the theory of Discourse Analysis, founded by Michel Pêcheux, are mobilized. Other concepts also serve as support for the development of this research. They are based on the work of Orlandi (2007, 2012); Indursky (1997, 2005); and Ernst-Pereira (2009, 2011). For the construction of the corpus, the participants' speeches were transcribed in order to select the discursive sequences which would be analyzed through the gesture of interpretation according to the theoretical-analytic device of Discourse Analysis. It was observed, due to the prevalence of the knowledge of the sexist discursive formation in the "thread" of discourse (intradiscourse), that silence as censorship prohibits certain sayings of the subjects who are affiliated to this discursive formation, as a way of perpetuating their position as a virile, dominating and controlling man and of his hierarchically superior position in relation to their female partners and their children. It was possible to infer, through the analytical gesture, that the silencing of these sayings, related to intimate issues, is understood as one of the triggers for aggressive behavior, including acts of violence against women. It was extremely important to observe, in some of the speeches, the movement of disidentification of some subjects who no longer recognize themselves as belonging to the sexist discursive formation. Finally, when analyzing the discourse of men and women about the models of masculinity present in our current society, this research aimed at evoking a deep reflection on the language as one of the constitutive elements of the discursive process that, concerning this study, took place under determined social and ideological conditions, bringing up the theme of the systematic form of male chauvinism and its dark ramifications in the lives of Brazilian men, women and children, even as the form of silence.

**Keywords: Discourse analysis. Silence. Machismo.**

## **1 UM BREVE PANORAMA: NAS SOMBRAS**

Estudos, debates e pesquisas têm sido dedicados a compreender o papel do homem e da mulher na sociedade atual, como esses papéis foram construídos historicamente e quais relações sociais os legitimaram e seguem legitimando até aqui. Compreender esses papéis envolve necessariamente tratar de outros temas diretamente relacionados a eles: gênero, raça/etnia, classe e relações de poder. Todo esse movimento deve-se, em grande parte, às mudanças que ocorreram em relação à situação da mulher no mundo recente, sobretudo se considerarmos os períodos antes e após as duas grandes guerras mundiais. Até o início do século XX, o universo feminino era voltado majoritariamente para o ambiente doméstico, para o cuidado dos filhos e dedicação ao marido, já que o patriarcado impunha às mulheres uma condição secundária de subordinação, de passividade e de obediência sob o imaginário de que eram frágeis e dotadas de menor capacidade intelectual, fatores que as impossibilitariam de assumir postos de trabalhos ocupados por homens.

Após as duas grandes guerras, tendo em conta que milhares de homens morreram em combate ou ficaram com alguma incapacidade física, a necessidade do mercado de trabalho tirou as mulheres do espaço privado do lar e as impulsionou para os espaços externos, públicos. No entanto, apesar de sua maior participação social, o tratamento que lhes era dado já revelava as desigualdades que observamos ainda em nossos dias no que diz respeito aos seus direitos como pessoa e como trabalhadoras. Muitas vezes, o ambiente violento, opressor e hostil do seu lar se estendia a outros ambientes públicos.

Os comportamentos, atitudes e discursos imbricados nesses papéis são o reflexo de uma sociedade capitalista, patriarcal e machista, na qual os homens desfrutam de privilégios em relação às mulheres em vários níveis e esferas de poder. Nessa posição hierarquicamente superior, o homem exerce, em muitos casos, dominação sobre a mulher, expondo um sentimento de posse, que, via de regra, culmina em atos de cerceamento de liberdade, de violência e até de feminicídio.

Essas atitudes acontecem em decorrência do modo de construção social da ideia de masculino (LARAIA, 1986; MACHADO, 2001; MINAYO, 2005), que é perpetuado, sobretudo por meio de discursos presentes em determinadas formações imaginárias, bem como por condutas e de valores impostos aos indivíduos desde o seu nascimento, muitas vezes de forma muito sutil. Por exemplo, quando se oferece às meninas somente brinquedos “de menina” (casinhas, panelas e utensílios domésticos em miniatura, bonecas etc.), há um reforço do imaginário social de que mulheres estão destinadas somente aos afazeres

domésticos e ao cuidado dos filhos. Enquanto isso, quando meninos recebem carrinhos, armas e super-heróis, ou, ainda, quando se diz a um menino que “homem não chora”, perpetua-se a ideia de que os homens são fortes, dominadores e poderosos. De forma ainda mais sutil, percebe-se, nesses exemplos, a noção de que a figura masculina está associada ao universo público e à produtividade e provisão, enquanto, à feminina, associam-se as ideias de espaço privado, de reprodução e de cuidado.

Estudos antropológicos sobre os gêneros, segundo os quais as noções de figura masculina e feminina estão associadas a determinados comportamentos como os exemplificados acima, atestam que tais comportamentos não podem ser justificados por um determinismo biológico. A esse respeito, Laraia (1986, p. 10) nos recorda que “a verificação de qualquer sistema de divisão sexual do trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica”. Para exemplificar, o autor cita o caso das mulheres da aldeia do Xingu, que são as responsáveis por abastecer a tribo com água, carregando cerca de vinte litros sobre a cabeça, o que pressupõe um grande esforço físico e faz cair por terra a ideia preconcebida de que as mulheres são frágeis. Esse exemplo demonstra que o machismo, tão entranhado em nossa sociedade, tem origem em sociedades ditas “civilizadas”.

É possível perceber o quanto essas diferenças afetam a vida das mulheres no nosso contexto brasileiro atual, quando nos deparamos com alguns dados recentes do IBGE. Pesquisas realizadas em 2019 mostraram que o salário médio das mulheres correspondia a 77,7% do salário dos homens e apenas 34,7% dos cargos gerenciais eram ocupados por pessoas do sexo feminino. Observou-se, ainda, que 25,1% das mulheres com idade entre 25 e 34 anos concluíram o nível superior, contra 18,3% dos homens. Contraditoriamente, menos da metade dos cargos de docente da graduação eram ocupados por mulheres (IBGE, 2019).

Comprometido com o combate a essas desigualdades - decorrentes das relações assimétricas de poder - que colocam o homem, sobretudo os brancos e heterossexuais, em posição hierárquica de superioridade em relação à mulher, nasce, em meados do século XX, o movimento feminista, com a incumbência de levar, para o debate político, questões supostamente estabilizadas na vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, entre outras.

Suas vozes ecoaram mundo afora e elas passaram a contar com o apoio de órgãos públicos e organizações não governamentais (BANDEIRA, 2014). Em 1946, após uma conferência realizada em Beijing, o Conselho Econômico e Social da ONU instituiu a *Comissão sobre Status da Mulher*, com a tarefa de preparar relatórios sobre a promoção dos

direitos das mulheres nas áreas política, econômica, civil, social e educacional. É, também, da ONU o documento intitulado *Carta das Nações Unidas*, que assegura, entre outras coisas, serem iguais os direitos dos homens e das mulheres, cujo texto serviu de inspiração em parte da elaboração da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, publicada em 1948. A partir dessa mobilização da ONU, várias ações têm sido desenvolvidas no âmbito mundial para a propagação e promoção dos direitos da mulher.

Aqui no Brasil, foi somente na Constituição Federal de 1988 que a igualdade entre homens e mulheres foi considerada um direito fundamental. Ainda na década de 80 do século passado, foram criados os Conselhos Estaduais e Municipais de Direitos da Mulher, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e as delegacias especializadas no atendimento às vítimas de violência, que contam com um quadro funcional composto por delegadas e por agentes policiais, todas capacitadas para lidar com as especificidades que caracterizam a violência contra a mulher, o que pressupõe uma ampla compreensão de todas as questões e os fenômenos sócio-histórico e culturais que envolvem os casos (BANDEIRA, 2014).

Em 2005, a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR) criou o serviço ligue 180, que registra denúncias de violações dos direitos das mulheres, encaminha o conteúdo dos relatos aos órgãos competentes e monitora o andamento dos processos. Além disso, a central tem a atribuição de orientar mulheres em situação de violência, direcionando-as para os serviços especializados da rede de atendimento, no intuito de superar o ciclo de violência do qual padecem (BRASIL, 2019). É, pois, um importante canal para que os atos de violência contra a mulher possam ser denunciados anonimamente como forma de proteger a integridade física e moral das vítimas e/ou dos denunciantes.

Segundo dados da SPM/PR, só de março a julho de 2014, o Disque 180 encaminhou aproximadamente 15 mil denúncias à Segurança Pública e ao Ministério Público em todo o país, revelando dados alarmantes da condição da mulher brasileira na atualidade. E a situação só vem se agravando desde então.

A aprovação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) foi, sem sombra de dúvida, mais uma vitória marcante no combate à violência contra a mulher e estabeleceu-se como resposta à Lei 9.099, de 1995. Enquanto esta estava em vigor, “a intervenção do Estado era mínima, assim como também o era a proteção daquelas agredidas em situação de risco. Os agressores usufruíam da impunidade e encontravam no policial [...] um aliado.” (BANDEIRA, op. cit., p. 452-453). Pretendia-se, a partir da criação da Lei Maria da Penha, entre outras coisas, coibir a ação dos agressores e diminuir o número de casos semelhantes ao de Maria da Penha Maia Fernandes, vítima emblemática da violência doméstica. A ação

criminal e o julgamento do seu agressor tiveram repercussão internacional, e a lei decorrente desse caso, considerada como uma das três leis mais avançadas do mundo pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM/ONU), inspirou a criação de leis semelhantes em outros países.

Dentre outras ações, a Lei Maria da Penha “altera a lei de execuções penais para permitir ao juiz que determine o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação” (BRASIL, 2006). Essa determinação tem o intuito de promover a conscientização e responsabilização do agressor por seus atos como forma de reeducá-lo para um melhor convívio e diminuir consideravelmente a porcentagem de reincidência, processo que passa necessariamente pelo enfrentamento da naturalização cultural do papel do homem na nossa sociedade patriarcal - que considera comportamentos violentos como aceitáveis a partir de sua posição de homem -, e da desconstrução de estereótipos de gêneros.

Em 2015, foi implementada a Lei do Femicídio, cujo texto prevê o agravamento da pena de homicídio quando for cometido “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino” (BRASIL, 2015), que passa a ser considerado como crime hediondo. Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública, apresentados no Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>1</sup>, evento realizado em novembro de 2021, a cada 7 minutos em média uma mulher foi vítima de feminicídio naquele mesmo ano.

Embora a igualdade entre homens e mulheres esteja garantida no papel, a realidade de milhares de mulheres no seu cotidiano ainda está bem longe do que prevê a nossa Carta Magna. Há um longo caminho a ser trilhado, já que as atitudes de preconceito, de discriminação e de violência contra a mulher vêm sendo perpetuadas nas relações interpessoais nas microesferas sociais. A reprodução das imagens de homem e de mulher e dos papéis a eles atribuídos - por meio de uma organização assimétrica de regras e normas sociais concernentes ao comportamento esperado de ambos - contribui consideravelmente para a disseminação e para a invisibilidade das violências nas relações familiares, onde “as concepções dominantes de feminilidade e masculinidade ainda se organizam a partir de disputas simbólicas e materiais [...] e que acabam por se projetar a outras searas, sendo processadas em outros espaços institucionais” (BANDEIRA, 2014, p. 457).

Ao relatar sua história em um livro, Maria da Penha nos lembra que

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>.

apesar de nossas conquistas, mesmo não tendo as melhores oportunidades, ainda costumam dizer que somos (as mulheres) inferiores e, isso continua a transparecer em comentários públicos, piadas, letras de músicas, filmes, ou peças de publicidade. Dizem que somos más motoristas, que gostamos de ser agredidas, que devemos nos restringir à cozinha, à cama, ou às sombras (FERNANDES, 2012, p. 31).

O desafio que se impõe no século XXI é o de ampliar o debate que vise ao entendimento sobre quais direitos vêm sendo negado às mulheres, bem como à busca pela igualdade de gênero, o que implica fatalmente na tarefa de analisar como os modelos de masculinidade impactam nas relações sociais patriarcais e relega à mulher uma posição de desprestígio, de submissão e de sofrimento. Para tanto, é imperioso que haja um desejo de mudança tanto em nível público, quanto em nível pessoal, a partir da ressignificação das relações de poder e dos estereótipos de gêneros.

Foi impulsionada por esse desejo de mudança que, inicialmente, decidi pesquisar e emprestar a minha voz para tratar da condição da mulher na nossa sociedade atual, em especial das que se somam às estatísticas de violência doméstica, de cujos números infelizmente faço parte. Embora estivesse ciente da posição da mulher como fruto de construções sócio-históricas e culturais, sentia-me impelida a pesquisar sobre quais “forças ocultas” as mantinham presas a essa condição e o que as impedia de romper com o *status quo*. Após assistir a um documentário sobre masculinidades, meu interesse passou a ser o de tentar compreender quem eram esses atores de violência contra a mulher e o que tinham a dizer sobre o seu comportamento.



## 2 UMA LUZ NO CAMINHO

Por se tratar, em princípio, de um tema mais voltado às ciências sociais, ao comportamento humano e à área do Direito, e, sendo eu da área de Letras, havia inicialmente muita dúvida sobre quais seriam as possibilidades de objetos de pesquisa e metodologias que me permitiriam chegar a algumas respostas para as minhas inquietações. Foi cursando o Mestrado em Linguagens na FURG que uma luz brilhou forte no meu caminho, tornando mais claro como poderia abordar o tema a partir de estudos da minha área de atuação. Os estudos em Análise de Discurso, propostos pelo filósofo francês Michel Pêcheux, trouxeram à luz a possibilidade de compreender os indivíduos como sujeitos que são afetados pela ideologia, pelo inconsciente e submetidos às condições histórico-sociais.

Eni P. Orlandi (2017), baseando-se no conceito de facticidade em Sartre, afirma que, quando uma pessoa nasce, já encontra um mundo constituído de fatos que a precedem e a transcendem: família, sociedade, ambiente histórico, condição social etc. Ou seja, a noção de liberdade do sujeito é “inseparável das condições concretas do seu exercício, na relação dialética entre subjetividade e história” (ORLANDI, 2007, p. 16).

Via de regra, é muito comum, nos dias de hoje, o compartilhamento nas redes sociais de imagens de casais heterossexuais realizando o chamado “chá revelação”. Uma espécie de atualização do “chá de fraldas”, ou seja, uma festa realizada a fim de revelar, para familiares e amigos, o sexo biológico do bebê que irá nascer. Usam-se balões ou dispositivos que soltam uma fumaça na cor rosa se o bebê for uma menina; e, na cor azul se for um menino. Sabe-se que a escolha dessas duas cores como elemento simbólico para o feminino e para o masculino é uma construção social e, a partir daí, várias outras crenças acerca do pequenino ser que ainda nem veio ao mundo já são construídas. Existe todo um imaginário que precede o nascimento do bebê no que diz respeito ao que a criança há de ser quando crescer, como há de se comportar, o que haverá de vestir, por exemplo.

Todo esse imaginário vem se alterando em um nível menor do que o esperado, mas já revela alguns avanços com relação ao papel da mulher na sociedade atual. Não se esperava, por exemplo, de uma mulher, no século XVIII, que saísse de casa sem a companhia de um homem (o marido ou algum outro membro da família). Até as duas primeiras décadas do século XX, não era esperado que uma mulher tivesse o direito ao voto no Brasil. E, somente em 1977, tornou-se legalmente permitido às mulheres se divorciarem de seus maridos. Advém desse imaginário, ainda, uma ilusão de liberdade, do sujeito que pensa agir livremente. Tal ilusão, em Análise de Discurso, constitui-se num processo de assujeitamento ideológico, visto

que o sujeito pensa ser a origem do que diz. Pêcheux atribui um caráter comum entre ideologia e inconsciente que “é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’, devendo-se entender este último como adjetivo e não como ‘que afetam o sujeito’, mas ‘nas quais se constitui o sujeito’” (PÊCHEUX, 1995, p. 152, grifos do autor). A Análise de Discurso está baseada, portanto, em uma compreensão da constituição dos sujeitos e da produção de sentidos em sua dimensão histórica, política e ideológica. Assim sendo, “o sujeito não tem acesso direto ao que o constitui como tal, já que neste processo intervêm a ideologia e inconsciente. Ou seja, ele não é transparente nem para ele mesmo” (ORLANDI, 2017).

Ora, se o sujeito não é transparente nem para ele mesmo, como afirma Orlandi (op. cit.), como será possível que outra pessoa possa chegar a compreendê-lo? É por meio dos gestos de análise dos discursos produzidos pelos sujeitos que é possível chegar a algum nível de compreensão de como eles se reconhecem como pertencentes a uma formação ideológica, identificando-se com os dizeres permitidos nessa formação.

Nesta pesquisa mais especificamente, os gestos de análise se darão a partir de sequências discursivas de participantes de um documentário, produzido inicialmente com o objetivo de propor um debate sobre como a masculinidade tóxica e o modelo de masculinidade que lhes foi ensinado afetam de alguma forma quem eles são e como se comportam em sociedade.

As informações mais detalhadas sobre o documentário e o processo de escolha do *corpus* serão abordados no próximo capítulo.

## 3 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

### 3.1. O documentário

A iniciativa Papo de Homem é uma plataforma criada em 2006 com o intuito de produzir “conteúdo que vá além da cultura do entretenimento, capaz de estimular pensamento crítico e ação” sobre temas do universo masculino, cuja visão é a de “desafiar preconceitos, aprender a viver e se relacionar com mais satisfação” (VALADARES, 2019). O coletivo conta com o apoio do *Movimento Eles por Elas (He for She)* da ONU Mulheres (Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres), cujo esforço global é o de envolver toda a sociedade, inclusive os homens e meninos, na promoção da igualdade de gênero, com ferramentas e ações que propiciem “uma real transformação de comportamento, com melhor divisão dos cuidados e do trabalho não remunerado, participação equitativa dos espaços de poder, com atenção às diferentes necessidades de cada grupo”. (ONU MULHERES, 2020?).

Um dos projetos apoiados pelo Movimento Eles por Elas foi o lançamento do documentário “O Silêncio dos Homens”, a partir de entrevistas com mais de 40 mil pessoas. Com um conteúdo crítico e reflexivo sobre o modelo de masculino que é imposto a meninos e homens, o documentário foca em analisar em que medida o silêncio tem um papel preponderante na construção e na identificação desse modelo. Em outras palavras, o documentário busca revelar como o silêncio imposto a esses sujeitos influencia na manutenção do que se costuma chamar, em senso comum, de “masculinidade tóxica”.

Para os idealizadores, a pesquisa qualitativa (na qual obtiveram incríveis 47.002 respostas), que antecedeu à produção audiovisual propriamente dita, revelou que a maneira de existir e estar no mundo de muitos homens é a causa de danos para as mulheres, para outros homens e para si próprios e que o silêncio está na raiz de vários outros problemas, tais como: violência doméstica, ausência de mulheres em posições de poder na política e na economia, assédio, altíssimas taxas de suicídio, homicídio, feminicídio, mortes no trabalho, entre outros. Para a produção do documentário, também contaram com a colaboração de uma imensa rede de coletivos, formados de grupos bastante heterogêneos: pessoas de diferentes etnias, orientação sexual, faixa etária e de regiões variadas do país.

De acordo com a plataforma, o objetivo maior do documentário é o de contribuir para que o tema da masculinidade seja abordado de um modo mais construtivo, de forma a não apontar somente o que falta e falha nos homens, mas gerar modelos de masculinidade mais

saudáveis. Para muitos dos participantes, especialmente os homens, encontrar um espaço onde possam se sentir à vontade para falar de questões tão pessoais quanto sentimentos, emoções, relacionamento interpessoal, paternidade, sexualidade, entre outras coisas é, em certo sentido, revelador e libertador. Grande parte dos depoimentos foi gravada em um ambiente onde havia vários outros homens reunidos com o mesmo intuito: tratar de questões relacionadas ao “ser homem” e todas as implicações disso em várias áreas de sua vida. A disposição e o desprendimento para falar são facilitados pela identificação com esses outros sujeitos, cujos pensamentos, sentimentos e histórias de vida são semelhantes ao de cada um individualmente e podem ser abordados sem julgamentos e preconceito. Algo que para as mulheres, em geral, costuma ser muito natural e comum.

Na perspectiva da Análise Materialista de Discurso, essas peculiaridades que envolvem os motivos e os modos de produção do documentário são apenas o contexto mais imediato, considerando que as condições de produção “compreendem o sujeito e a situação, podendo ser consideradas em sentido amplo – o contexto sócio-histórico e ideológico de produção do discurso – e no sentido restrito – o contexto imediato” (ORLANDI, 2015, p. 28). Segundo Pêcheux, as condições de produção remetem a “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1997a, p. 82).

Dessa forma, a análise que será engendrada dos discursos produzidos no documentário deverá levar em conta que os sujeitos participantes estão inseridos em uma formação social essencialmente patriarcal, machista e cisgênero, na qual alguns padrões de masculinidade foram sendo perpetuados de uma geração para a outra, reforçando modelos de masculino que propagam uma visão de que homens devem ser “machões” e competitivos, fortes o suficiente para vencer toda e qualquer disputa e devem se sobressair em tudo; que não podem demonstrar sentimentos ou afeto e muito menos chorar; e, ainda, que estão isentos do compromisso de dividir as responsabilidades domésticas.

Na perspectiva da AD, há que se considerar que os discursos produzidos por esses sujeitos são um efeito de uma rede de relações imaginárias e constituem-se na representação desse imaginário social (INDURSKY, 1997) sobre o que se atribui ao papel do homem e da mulher na nossa sociedade capitalista no Brasil do século XXI.

Na via oposta, as mulheres que, como vimos no capítulo anterior, foram submetidas a mais de um século de dominação, estão cada dia mais organizadas na luta pela igualdade de gênero e dispostas a pôr um ponto-final nos casos de violência contra a mulher. Como também já mencionado anteriormente, para atingir esse objetivo, são apoiadas pelo poder público, organizações não governamentais e entidades de defesa dos direitos humanos.

O fato de que esses sujeitos aceitaram fazer parte do debate proposto pela iniciativa Papo de Homem e, mais ainda, de se deixarem gravar para um documentário que seria disponibilizado no próprio site da organização, bem como em uma plataforma de compartilhamento de vídeos acessada por milhares de pessoas, parece demonstrar que o “ser homem” no imaginário social da formação social brasileira, capitalista, do século XXI, de alguma forma, está sofrendo rupturas e esses sujeitos estão sentindo a necessidade de compreender melhor esse seu lugar no imaginário social.

Embora não haja uma subdivisão oficial ao longo do documentário, é perceptível que há alguns subtemas propostos, reforçados por depoimentos de pessoas de autoridade, bem como por relatos de experiência de alguns dos entrevistados. Os subtemas serão apresentados a seguir de forma resumida, já que as análises serão realizadas em sua minúcia no capítulo 6. São eles:

1. *A dificuldade que muitos homens sentem para se expressarem*: O homem não pode falar de seus sentimentos, daquilo que o aflige, de seus medos e angústias e, muito menos, deixar transparecer suas emoções. Demonstrações de afeto, por exemplo, não fazem parte do universo de muitos deles, os quais afirmam que só estão reproduzindo a forma como foram tratados pelo pai.
2. *O homem é visto como um provedor e, conseqüentemente, tem uma visão limitada da paternidade*: aos homens cabe o sustento do lar. Não lhes cabe, portanto, o cuidado com os filhos. E, sendo assim, existe um sério problema envolvendo masculinidade e paternidade. O homem não consegue ter tempo de qualidade com seus filhos que, por sua vez, crescem achando que o cuidado com as crianças é incumbência das mulheres;
3. *O homem e o racismo*: o homem negro é duplamente afetado pelo modelo de masculinidade perpetuado por boa parte de seus representantes e pelo racismo por causa de sua cor de pele. Alguns relatos e dados estatísticos apresentados alertam para o fato de que homens negros são, em geral, submetidos a situações dolorosas com mais frequência que homens brancos, situações essas que já começam na educação infantil;
4. *O homem e a violência doméstica*: o homem que não sabe lidar com os sentimentos reprimidos e que tem a percepção, ainda que inconsciente, de que é hierarquicamente

superior à mulher na nossa sociedade patriarcal pode vir a praticar atos de violência contra a sua companheira e/ou contra seus filhos e enteados e, por último;

5. *O homem e sua orientação sexual*: como algumas pessoas consideradas biologicamente como sendo do sexo feminino e, posteriormente, optaram por assumir sua identidade como transgênero sofrem inúmeras situações de preconceito, incluindo alegações de que são muito sensíveis ou não são tão fortes fisicamente para serem considerados homens. E, de outro lado, homens homossexuais que também sofrem preconceito, porque fogem ao padrão de masculinidade esperado pela sociedade.

### 3.2 O discurso *sobre*

Na perspectiva discursiva, embora o documentário não apresente marcas linguísticas mais estabilizadas como em outros gêneros - como, por exemplo, a carta, a receita, o poema, a letra de música - é inegável que apresenta características que permitem seu reconhecimento e que facilitam sua diferenciação de outros tipos de produção audiovisual como os filmes de ficção e as novelas. Entre essas características está o fato de que os documentários não se limitam a tratar da informação factual, ou seja, o tratamento da informação de forma mais imediatista. Embora seja culturalmente contextualizado, o documentário tem um caráter “mais atemporal e que requer uma pesquisa mais aprofundada e detalhada do tema a ser abordado” (MELO; GOMES; MORAIS, 2001).

Seu discurso se aproxima do jornalístico, haja vista que o discurso jornalístico é considerado como uma modalidade de *discurso sobre* cujo efeito imediato é “tornar objeto aquilo sobre o que se fala” (MARIANI, 1996, p. 63), no qual o jornalista se coloca como um observador imparcial, ou seja, o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento, agindo como intermediário entre o discurso-origem e um interlocutor (MARIANI, *ibid*). O *discurso sobre* é um discurso intermediário, pois, ao seu redor “se organizam diferentes vozes, pois o *dizer sobre* aciona um discurso que faz falar o(s) discurso(s) (dos) outro(s)” (COSTA, 2011, p. 26).

Orlandi (1990) explica que

É no ‘discurso sobre’ que se trabalha o conceito de polifonia. Ou seja, o ‘discurso sobre’ é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos de). Assim, o discurso sobre o samba, o discurso sobre o cinema são parte integrante da arregimentação (interpretação) dos sentidos

dos discursos do samba, do cinema etc. (ORLANDI, 1990, p. 44, grifos da autora).

Cabe aqui afirmar que o discurso do documentário “se aproxima” - ao retratar eventos e/ou temas da realidade -, já que não se enquadra completamente como tal, pois, enquanto o discurso jornalístico prima, em linhas gerais, por efeitos de objetividade, o documentário apresenta efeitos de subjetividade, sobretudo na tomada de posição de seus autores, bem como nas entrevistas e nos depoimentos. A esse respeito, Melo, Gomes e Morais (2001) afirmam que, ao documentarista, é permitido opinar, revelando ao espectador qual ponto de vista defende. Como relatado anteriormente, os autores do documentário em análise tornam transparentes em sua plataforma quais são os objetivos e qual posicionamento assumem a respeito dos modelos de masculinidade, principal tema da produção audiovisual. Nos depoimentos, parte importante do documentário, o uso de paráfrases discursivas conferem coesividade ao texto, na medida em que os discursos apontam para uma repetição do tema na linha do discurso (idibid), isso se explica porque, no discurso jornalístico, a “discursividade pode ser reconstruída através da análise dos processos parafrásticos presentes na cadeia intertextual que se vai construindo ao longo do tempo” (MARIANI, 1996, p. 64).

É importante destacar que, conforme a noção de sujeito e discurso na Análise do Discurso, que será mais bem explicitada no próximo capítulo,

todo sujeito é constitutivamente colocado como autor de e responsável por seus atos (por suas ‘condutas’ e por suas ‘palavras’) em cada prática em que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas (e, em particular, das formações discursivas) no qual ele é interpelado em ‘sujeito-responsável’ (PÊCHEUX, 1988, p. 214, grifos do autor).

Portanto, não se pode pensar no discurso jornalístico absolutamente imparcial, ainda que para fins do tratamento da notícia de forma mais imediatista.

Ademais, delimitar o que difere o documentário de outras produções audiovisuais ficcionais não é tarefa fácil. Não há nada a respeito do documentário que possa atestar “uma autenticidade inquestionável em relação ao mundo” (BEZERRA, 2014, p.30). Mesmo as notícias e reportagens não têm a prerrogativa de retratar o mundo e seus acontecimentos tal qual uma imagem tirada de uma câmera de celular, captando um momento estante. É preciso considerar que a nem a própria imagem por si só chega a ser totalmente fiel à realidade retratada. A “imagem é ontologicamente falsa” (idibid.). Embora considerado como não ficção e, ao mesmo tempo, sem a pretensão de ser estritamente fiel à realidade, o

documentário se vale do discurso jornalístico, o qual atua na institucionalização social dos sentidos e, por conseguinte, “contribui na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado bem como na construção da memória do futuro” (BEZERRA, 2014, p. 64). Aos gêneros jornalísticos, cabe tornar o mundo compreensível aos seus interlocutores. A questão é: a partir de quais lentes? Quais vozes estão presentes? Mariani (1996) também assevera que uma das propriedades do discurso jornalístico é a de se submeter ao jogo das relações de poder vigentes. E esse discurso que reverbera o poder vigente é posto em funcionamento a partir de pré-construídos<sup>2</sup>, de tal forma que o interlocutor possa se identificar com o tema e com o que se discorre sobre ele.

O documentário traz ainda outras peculiaridades mais relacionadas ao universo cinematográfico, tais como: a escolha dos participantes, dos espaços, a cenografia, a movimentação das câmeras, entre outros aspectos<sup>3</sup>, os quais são cuidadosamente pensados com a finalidade de retratar uma realidade histórica e social. Juntamente com a escolha dos elementos verbais que farão parte da produção audiovisual, esses elementos ajudam a compor os discursos, validados na memória coletiva, dos quais podem emergir novos sentidos.

Sendo assim, nesta pesquisa, pretende-se identificar quais saberes e efeitos de sentido estão presentes nas Formações Discursivas mobilizadas nos discursos sobre a masculinidade, a partir da análise do dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de viés Materialista, desenvolvida por Michel Pêcheux, o qual será tratado mais detalhadamente no próximo capítulo.

---

<sup>2</sup> O conceito de pré-construído será melhor explicitado no capítulo 4. Por hora, retomamos a definição de Pêcheux, para quem o pré-construído “corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma de universalidade” (PÊCHEUX, 1995, p. 164, grifos do autor).

<sup>3</sup> Esses aspectos mais relacionados ao universo da produção audiovisual e cinematográfica não serão objeto de análise desta pesquisa.



## 4 DISPOSITIVO TEÓRICO-ANALÍTICO DA ANÁLISE DO DISCURSO

### 4.1 Língua, sujeito e ideologia

Michel Pêcheux (1938-1983), filósofo e linguista francês, é considerado o maior expoente da Análise de Discurso de viés materialista. Em 1959, Pêcheux ingressou na *École Normale Supérieure*, onde foi aluno de Louis Althusser, quem lhe apresentou sua interpretação das teorias de Karl Marx. Em seguida, na década de 60 do século XX, quando o estruturalismo era a base para muitos dos estudos linguísticos, filosóficos e políticos, aos estudos de Althusser sobre a teoria de Marx, somava-se a releitura de Lacan das teorias de Freud. Todos esses conceitos causaram grande reviravolta no mundo acadêmico e científico à época.

Foi nesse contexto de avanços importantes, de conceitos e teorias que se tornaram pilares para inúmeros outros estudos posteriores na área das Ciências Humanas, que Pêcheux deu início à proposição da sua teoria da análise do discurso, incluindo em sua formulação os conceitos de ideologia e sujeito ideológico de Althusser (2010), para quem

o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do SUJEITO, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão, para que ele ‘realize por si mesmo’ os gestos e atos de sua submissão. Os sujeitos se constituem pela sua sujeição. Por isso é que caminham por si mesmos (ALTHUSSER, 2010, p. 104, grifo do autor).

Sob a perspectiva althusseriana, que os indivíduos são “sempre-já sujeitos”, pois, antes mesmo de chegarem ao mundo, os bebês já são inseridos no sistema da sociedade e serão, a partir de seu nascimento, constantemente interpelados e assujeitados pela ideologia. Pêcheux passa, então, a investigar a ligação entre discurso, sujeito e ideologia, já que acreditava ser o sujeito constituído pela ideologia ao produzir discursos. Ou seja, “não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela; não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para sujeitos” (ALTHUSSER, op. cit.). É preciso esclarecer que “o que é representado na ideologia [...] não é o sistema das relações reais que regem a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais em que vivem” (ALTHUSSER, op. cit., p. 128). O filósofo argeliano postulou, ainda, que a ideologia da classe dominante é perpetuada por meio do Aparelho Repressivo de Estado (ARE), que contém o governo, os ministérios, o exército, a polícia, os tribunais etc.; e dos Aparelhos Ideológicos de Estado (doravante AIE): o religioso, o escolar, o familiar, o jurídico, o político, o sindical, o da informação e o cultural.

(ALTHUSSER, 2010, p. 114). É assim, pois, estabelecendo uma relação entre linguagem e ideologia, a partir dos pressupostos althusserianos, que Pêcheux chega ao entendimento de que o discurso pode variar de acordo com as posições assumidas pelo sujeito, ou seja, dependendo do modo como o sujeito é interpelado na formação ideológica. Dito de outro modo, os AIEs são lugares onde se dá a luta de classes e as posições políticas e ideológicas que se colocam ali em confronto organizam-se em formações ideológicas, as quais mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação (PÊCHEUX; FUCHS, [1975], 1997b, p.166).

Pêcheux avança nas formulações dos conceitos que formariam o quadro epistemológico geral de sua teoria: a relação entre o *materialismo histórico*, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; e a *teoria do discurso*, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (PÊCHEUX; FUCHS, op. cit., p. 163, grifo meu).

A partir dessas áreas, Pêcheux fez sua contribuição com o intuito de propor, o que, para ele, faltava nas teorias sobre Linguística e Discurso já existentes. Ao considerar a relação entre Linguagem e Ideologia, sendo esta constitutiva dos sujeitos e dos sentidos, a Análise de Discurso oferece um novo recorte epistemológico ao entender o sujeito como um ser social e histórico, que produz sentidos em determinadas condições de produção.

Tais considerações teóricas de Pêcheux, em um primeiro momento, causaram várias indagações da parte dos linguistas como, por exemplo, o questionamento sobre o quanto a língua, enquanto sistema, é autônoma nessa concepção de discurso. É certo que as línguas naturais, enquanto sistemas, não podem prescindir de considerável estabilidade sintática e morfológica, gerando um certo nível de univocidade, sem a qual não haveria entendimentos entre os falantes. No entanto, quando se trata especialmente do nível semântico, os signos são suscetíveis a deslizamentos, que se dão na interpretação, na metáfora, na ambiguidade, sob a forma de ironia, jogos de palavras, trocadilhos etc., ou seja, as palavras podem deslizar do espaço da univocidade literal. Ainda em consonância com Gadet, entende-se, portanto, que as regras da língua não podem ser consideradas como “regras categóricas – no sentido de que uma regra deve ou não ser aplicada. Em vez disso, as regras da língua devem ser vistas como intrinsecamente possibilitadoras dos jogos ideológicos e das latitudes discursivas” (GADET; PÊCHEUX, [1991] 2001).

Ainda a esse respeito, Orlandi (2007, p. 22) afirma que “os discursos estão duplamente determinados: de um lado, pelas formações ideológicas que os relacionam a formações

discursivas definidas e, de outro, pela autonomia relativa da língua”. Isso porque o discurso é o que permite materializar o contato entre a ideologia e a língua, já que é no interior da língua que são produzidos os efeitos das contradições ideológicas. Sendo assim, a Análise de Discurso não visa tratar da língua enquanto sistema fechado em si mesmo. Antes, como seu próprio nome a define, trata do discurso que, etimologicamente, tem a ideia de curso, percurso, movimento. Destarte, cabe reafirmar que a ideologia se materializa no discurso e este, por sua vez, se materializa na língua (ORLANDI, 2012).

Desse ponto de vista, a língua é a condição de existência do discurso, ou seja, a materialidade discursiva e que, ao ser atravessada pela História e pela Ideologia, não pode ser considerada transparente, mas passa a ser caracterizada por sua opacidade. Como uma prática constituída de interpretação, a ideologia pressupõe o trabalho do equívoco, da incompletude, da opacidade e da falha. O efeito ideológico se dá quando o sujeito toma como suas as palavras que falam nele (ORLANDI, 2017). É nessa relação do sujeito com o simbólico que se dá o assujeitamento. De acordo com Orlandi, o

“assujeitamento não é quantificável. Ele diz respeito à natureza da subjetividade, à qualificação do sujeito pela sua relação constitutiva com o simbólico: se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua. Em outras palavras, para dizer, o sujeito submete-se à língua. Sem isto, não tem como subjetivar-se.” (ORLANDI, 2012a, p. 100).

O sujeito, portanto, imerso em sua situação social (empírica) e na ânsia de significar, submete-se à língua, em um movimento sócio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia (idem).

#### **4.2 Inconsciente, Interdiscurso e Intradiscurso**

Pêcheux parte dos estudos lacanianos sobre o inconsciente para dizer que “todo discurso é a ocultação do inconsciente” (PÊCHEUX, 1995, p. 175). É a partir dessa noção que ele então formula a teoria dos esquecimentos. No primeiro esquecimento, o sujeito pensa ser a origem do seu dizer, quando, na verdade, apenas retoma sentidos outros, já produzidos, a partir da influência que o inconsciente e a ideologia exercem sobre ele. No segundo esquecimento, ou esquecimento nº 2, o sujeito seleciona, “no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase, *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro*” (PÊCHEUX, op. cit., p. 173, grifo do autor), ou seja, escolhe uma

forma de dizer, criando o apagamento das outras. Nesse caso, o sujeito tem a ilusão de que aquilo que diz só possui um significado.

O sujeito em Análise de Discurso é histórico, interpelado pela ideologia, influenciado pelo inconsciente e que, justamente por essas razões, não é considerado o dono do seu discurso, mas sim o sujeito que produz dizeres possíveis dentro de um contexto de produção.

Ao apresentar essa aparente evidência de sentido, o discurso acaba por gerar múltiplos efeitos de sentido entre os interlocutores e, é justamente pelo caráter de incompletude da linguagem que outros sentidos podem ser ditos, ou que sentidos antes silenciados podem vir à tona (MARIANI, 1996). A esse respeito, Pêcheux em sua obra *O Discurso: estrutura ou acontecimento* (PÊCHEUX, 2006) esclarece que

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. (PÊCHEUX, 2006, p. 54).

Nessa perspectiva discursiva, em que há o princípio teórico do assujeitamento e da ilusão discursiva do sujeito como origem, Pêcheux estabelece uma relação entre a linguagem e a exterioridade, ao que passa a denominar interdiscurso: termo que caracteriza o corpo sócio-histórico de traços discursivos “como materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma sequência dada, na medida em que esta materialidade intervém para reconstituir tal sequência” (ORLANDI, 2015). Ou seja, cada vez que elaboramos um discurso, “alguma coisa fala antes, em outro lugar e independente” (PÊCHEUX, op. cit., p. 142). Há o não-dito que remete ao já-dito, ao dito em outro lugar.

Orlandi (2017) define o interdiscurso como sendo memória discursiva, irrepresentável, voz sem nome. Ainda para a autora, o interdiscurso

se define pela estratificação de enunciados já feitos e esquecidos e que constituem nossa memória de dizer. Mas memória em sentido bastante particular, pois não é a memória psicológica, nem se trata de memória histórica, nem tampouco de uma memória representável. Porque já atravessada pelo imaginário, estruturada pelo esquecimento. É no funcionamento do interdiscurso que podemos encontrar uma forma de *conjunção* entre ideologia e inconsciente. Porque no Interdiscurso há o Outro, exterioridade constitutiva, memória estruturada pelo esquecimento (ORLANDI, 2017, p. 24, grifo do autor).

É, pois, na relação do interdiscurso com o intradiscurso que o sujeito atualiza o “já-dito” em seu “novo dizer” em um contexto de produção específico. Em outras palavras, no acontecimento discursivo, o sujeito acessa o espaço da memória do dizer e reorganiza os sentidos em seu contexto de atualidade, gerando sentidos inesperados. Assim, “pensar discursivamente a memória é analisar as formas conflituosas de inscrição da historicidade nos processos de significação da linguagem” (MARIANI, 1996, p. 39).

### 4.3 Formação Ideológica e Discursiva

Porque o sentido não está contido nas palavras, mas abriga a variância (ORLANDI, 2017) – já que o sentido pode variar conforme mudam as posições ocupadas pelos sujeitos -, é preciso considerar o discurso estabelecendo a relação entre o sujeito que enuncia e a formação ideológica e, *a posteriori*, com a formação discursiva. A formação ideológica é “[... ] um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997b, p. 166, grifos do autor).

Essa postulação refere a relação dos enunciados discursivos com a ideologia vigente, na medida em que as formações ideológicas comportam “uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...], a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico” (PÊCHEUX; FUCHS, op. cit., p. 166-167).

Para Pêcheux, o discurso é efeito de sentidos entre locutores e o sentido não está posto, mas se constitui nas relações dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que “sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas” (ORLANDI, 2007, p. 20), compreendidas como “diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes” (ORLANDI, op.cit., p. 20).

Em outras palavras, “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1995, p. 161, grifos do autor). Aqui, é importante esclarecer que o entendimento do autor acerca do conceito de “formação discursiva” passou por algumas alterações ao longo de seu processo de estudos para delimitar os conceitos

basilares de sua teoria. O termo “modalidade”, empregado por INDURSKY (2005) ao se referir a cada uma das concepções que Pêcheux apresenta para a “formação discursiva” será utilizado, a seguir, a fim de demonstrar o que diferenciava uma concepção de outra.

Em um primeiro momento, Pêcheux considera a formação discursiva

como um domínio fechado e homogêneo. Ou seja, o sujeito do discurso, ao tomar posição, identifica-se plenamente com seus semelhantes e com o Sujeito, reduplicando sua identificação com a forma-sujeito que organiza o que pode ou não ser dito no âmbito da Formação Discursiva (INDURSKY, 2005, p. 5).

Nessa primeira modalidade, portanto, ocorre uma superposição entre o discurso e a forma-sujeito, revelando que o sujeito do discurso se identifica plenamente com a forma-sujeito<sup>4</sup> da formação discursiva que o afeta, o que caracteriza a homogeneidade da formação discursiva (doravante denominada FD).

No entanto, em outro momento, Pêcheux (1995) relativiza o que chamou de “reduplicação da identificação” de acordo com a tomada de posição do sujeito. Na segunda modalidade, então, ocorre uma tomada de posição na qual o sujeito se contrapõe à forma-sujeito, caracterizando, assim, o discurso do “mau sujeito”. Isso significa dizer que o sujeito do discurso passa a se contraidentificar com os saberes da formação discursiva, o que acaba por constituir-se como uma forma de resistência e instaura uma certa tensão com relação à forma-sujeito (INDURSKY, 2005).

Há, ainda, uma terceira modalidade, na qual ocorre “uma desidentificação, isto é, uma tomada de posição não-subjetiva, que acarreta não a anulação da forma-sujeito, mas sua transformação-deslocamento” (PÊCHEUX, 1995 p. 217).

É importante considerar, ainda, o fato de que há várias posições-sujeito no interior de uma formação discursiva, tornando-a heterogênea e instaurando em seu interior a alteridade (o discurso-outro), ou seja, saberes que não fazem parte de uma determinada FD passam a integrá-la, introduzindo, assim, a diferença e a divergência entre os saberes mobilizados por determinadas posições-sujeito (INDURSKY, 2005). Em outras palavras, porque as fronteiras da formação discursiva são permeáveis, pode haver a entrada de outros saberes que, inicialmente, não lhe eram comuns. Sendo assim, entende-se que não há limites rígidos entre

---

<sup>4</sup> É a “forma-sujeito (pela qual o ‘sujeito do discurso’ se identifica com a formação discursiva que o constitui) que tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso” (PÊCHEUX, 1995, p. 167).

o interno e o externo de uma formação discursiva, conforme afirma Pêcheux no trecho que se segue.

Uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de ‘pré-construídos’ e de ‘discursos transversos’ (PÊCHEUX, [1975] 1997, p. 314, grifo do autor).

Com base nesses pressupostos teóricos, considera-se, então, que a AD, definida como a “teoria da determinação histórica dos processos semânticos” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997b, p. 164), propõe-se a realizar leituras críticas e reflexivas, tomando o conceito de ideologia como a base das relações de grupos sociais, cujas ideias estão em constante confronto. Daí decorrem as noções de interpelação e assujeitamento do sujeito. E, embora essa condição do sujeito seja a pedra angular da AD, esta não busca combatê-la, mas sim fazer aflorar as contradições na materialidade linguística do discurso, possibilitando a apreensão das relações de contradição, de identificação, de dissimulação e de absorção que ocorrem nas diferentes formações discursivas.

Vale ressaltar também que a ideologia não é sempre a mesma. Orlandi (2012a, p. 104) menciona o exemplo do sujeito medieval, no qual “a interpelação se dá de fora para dentro e é religiosa”. No momento atual, o sujeito capitalista é individualizado pelo Estado na forma de um “indivíduo livre de coerções e responsável, que deve assim responder como sujeito jurídico (sujeito de direitos e deveres), frente ao Estado e aos outros homens” (ORLANDI, *ibid.*, p. 107). Ou seja, a forma-sujeito histórica atende à injunção de sua responsabilidade - e, ao mesmo tempo, sua liberdade - em uma estrutura jurídica que nos torna sujeitos com direitos e deveres.

Ainda a esse respeito, Orlandi (2017, p. 107) afirma que “a ideologia é um ritual com falhas, assim como o Estado falha nos modos de individuação do sujeito, produzindo a falta”. E a falta é o que possibilita o deslocamento, os sentidos outros, sentidos que não se constroem apenas a partir do que é dito, mas também por meio do não-dito, do equívoco, do sem-sentido, do implícito, do pressuposto, do sentido outro e até do silêncio.

Com o intuito de se chegar a uma melhor compreensão sobre o silêncio de que tratam os participantes do documentário, faz-se necessário tomá-lo como objeto de reflexão e colocá-lo na relação do dizível com o indizível, sempre levando em consideração que “as palavras transpiram silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 11) e que, portanto, o silêncio não pode ser

considerado como “excrecência, como o ‘resto’ da linguagem” (ibid., p. 12, grifos do autor). Para tanto, na seção que se segue, o silêncio será abordado a partir da perspectiva da Análise de Discurso de viés Materialista.

#### **4.4. O silêncio significante**

Tratar do silêncio não é tarefa fácil, mesmo para quem é analista de discurso. Há, no entendimento popular, uma ideia pré-concebida de que o silêncio é o não dizer, é aquilo que resta quando não há nada para se dizer ou quando não se sabe o que dizer. Ou, pode-se compreendê-lo, de acordo com um conhecido dito popular, como o meio pelo qual alguém, ainda que inconscientemente, acaba por consentir com algo previamente dito. Há, ainda, o silêncio como pausa, que aparece em meio ao dizer, quando se pretende pensar melhor e escolher mais cuidadosamente as palavras que virão a seguir, em uma demonstração implícita de que o assunto de que se trata é delicado ou extremamente importante.

O silêncio assume, também, a ideia de pausa quando o enunciador é traído por sua memória e faz, então, um esforço para recuperar aquilo que pretendia dizer. O silêncio é objeto de interesse de teóricos da filosofia, etnologia, semiologia e psicanálise. Para muitos linguistas, o silêncio não é representável pela linguagem verbal e só pode ser compreendido no interior das elipses e dos implícitos.

Na AD, porém, o estudo sobre o silêncio é complexo e perpassa pelos sentidos possíveis de se apreender a partir dele. O silêncio aqui é compreendido como fundador, porque está ligado à história e à ideologia e remete ao caráter de incompletude da linguagem. Isso implica dizer que o silêncio não é tomado como algo secundário, como sinônimo de “implícito”, ou como algo sobreposto pela intenção do autor (ORLANDI, 2007). Ao contrário, é possível afirmar que há sentido no silêncio. Para Orlandi (ibid, p. 13, grifo do autor), “o silêncio é a ‘respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”.

Retomando a noção pecheuxtiana de discurso como lugar onde a língua entra em contato com a ideologia, o funcionamento do silêncio deixa transparecer o movimento contraditório de ambos, o sujeito e o sentido, já que nem a ideologia é um ritual sem falhas, nem a língua um sistema homogêneo. Isso implica dizer que “não há coincidência entre a ordem do discurso e a ordem das coisas. Uma mesma coisa pode ter diferentes sentidos para os sujeitos. E é aí que se manifesta a relação contraditória da materialidade da língua e da



história” (ORLANDI, 2007, p. 21) e é aí, também, que se situa o silêncio. Dito de outra forma, há que se considerar que

as palavras não são apenas o que parecem, não são só presença. São presença e ausência. São o que parecem e o que não parecem, são o que dizem e o que não dizem. Não são evidentes. Não ficam paradas no mesmo lugar. Movimentam-se, deslocam-se, rompem espaços de sentidos fixados. (ORLANDI, 2012, p. 143).

Dizer que o silêncio é fundador não significa que é originário, ou o lugar do sentido absoluto, tampouco é o mero complemento da linguagem. Antes, é considerado como “o não-dito visto do interior da linguagem”, “é a garantia do movimento dos sentidos”. (idem, 2007, p. 23).

Visto sob outro ângulo, quando se considera a dominância da linguagem verbal nos discursos, toma-se o silêncio como “falta”; porém, em Orlandi (2007) observa-se uma concepção diferente do silêncio, segundo a qual, pode-se afirmar que, se o silêncio é percebido como o estado primeiro, a linguagem passa a ser o excesso, como é possível perceber nos pares de expressões: “Estar em silêncio/Romper o silêncio; Guardar o silêncio/Tomar a palavra; Ficar em silêncio/Apropriar-se da palavra”. Nessa perspectiva, o silêncio significa. “Constitutivo em primeira e múltiplas instâncias, ele tem primazia sobre as palavras” (ibid., 2007, p. 31) Ou seja, “sem silêncio não há sentido porque o silêncio é a matéria significativa por excelência” (ibid. p. 54).

Para além de definir o que é o silêncio na perspectiva discursiva, o que contribui para a complexidade do estudo sobre o silêncio é a resposta à pergunta: como é possível observar o silêncio no discurso? Orlandi (2007, p. 46, grifos do autor) explica que “não é possível observá-lo senão por seus efeitos (retóricos, políticos) e pelos muitos modos de construção da significação. Quando se trata do silêncio, nós não temos *marcas* formais, mas *pistas, traços*”. Para a autora, compreender o silêncio não é traduzi-lo em palavras, mas “conhecer os processos de significação que ele põe em jogo. Conhecer os seus modos de significar” (ibid. p. 50). Foi a própria Orlandi quem, ao relatar as férias com a avó na infância, afirmou:

Nas minhas férias, com minha avó, havia sentidos que nutriam, em mim, a sensação da família grande, em que a convivência era de muita proximidade, e, **o que não se dizia significava mais alto do que o que se dizia**. Nem tanto pela distância das línguas<sup>5</sup>, mas pela presença das pessoas nos

---

<sup>5</sup> Segundo a autora, a avó falava vêneto (dialeto italiano), enquanto ela falava português.

intrincados caminhos que também aportavam rixas vindas pela narratividade familiar, diferenças, em que até acotovelavam-se preconceitos (ORLANDI, 2017, p. 84, grifo nosso).

O relato nos dá a ideia de um silêncio que significa. O homem se constitui por sua relação com o simbólico e é na “relação do imaginário com o real que podemos apreender a especificidade da materialidade do silêncio, sua opacidade, seu trabalho no processo de significação” (ORLANDI, 2007, p. 16).

Interessa a esta pesquisa, especialmente, as formas do silêncio em sua dimensão política, as quais são indissociáveis do processo de produção, na medida em que há, na significação, uma relação intrínseca entre o dizer e o não-dizer. Orlandi (2012a, p. 128) os divide em: 1. *Silêncio Constitutivo* e 2. *Silêncio Local* (ou *Censura*). O silêncio constitutivo “nos indica que para dizer é preciso não dizer, em outras palavras, todo dizer apaga necessariamente outras palavras produzindo um silêncio sobre os outros sentidos”; já o silêncio local é aquele que remete à interdição: “apagamento de sentidos possíveis, mas proibidos, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura”. A esse respeito, vale ressaltar que, na materialidade discursiva, os signos (e as formas do silêncio em sua materialidade própria) revelam as relações de poder por meio do confronto entre o simbólico e o político. Nessa dimensão política, a contrapartida do silêncio da dominação é o silêncio do oprimido que, muitas vezes, é revestido de uma resistência ao poder. É o caso dos discursos que ecoam nas relações entre brancos e indígenas, latifundiários e defensores da reforma agrária, do patrão e do empregado, nos discursos sobre a mulher etc. (ORLANDI, 2007).

Há, ainda, uma relação entre o silenciamento e a identidade do sujeito. Ao tentar bloquear o acesso do sujeito a outras regiões do sentido, o silêncio como censura impede que o sujeito ocupe determinadas posições. De acordo com Orlandi,

(...) a censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proibem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições. Se se considera que o dizível se define pelo conjunto de formações discursivas em suas relações, a censura intervém a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições. Como a identidade é um movimento, afeta-se assim esse movimento. Desse modo, impede-se que o sujeito, na relação com o dizível, identifique-se com certas regiões do dizer pelas quais ele representa como (socialmente) responsável, como autor (ORLANDI, 2018, p. 104).

Por fim, é de suma importância refletir sobre o fato de que, para compreender um discurso, é premente que se questione o que ele cala (ORLANDI, 2012a). O documentário de

onde foi extraído o *corpus* desta pesquisa busca tratar, conforme o próprio título sugere, do silêncio dos homens. Considerando que o silêncio é discurso, na medida em que também está submetido aos mecanismos discursivos de produção e funcionamento, o objetivo desta pesquisa é, a partir da noção de silêncio na perspectiva discursiva, analisar como esse silêncio significa e o que ele cala.

Para proceder à análise do *corpus*, com ênfase no funcionamento do silêncio nos discursos sobre o machismo, é preciso atentar para o fato de que a AD não se configura como um método a ser utilizado uniformemente para qualquer objeto. Antes, aquilo que o analista escolhe como objeto de sua análise é o que, depois, o levará a selecionar a metodologia de análise a ser empregada, bem como os conceitos que permitirão compreender a produção dos sentidos (MACHADO, 2006). Tendo em conta, ainda, que, na AD, o processo de análise está relacionado com o funcionamento ideológico na materialidade linguística, a metodologia de pesquisa está baseada no próprio dispositivo teórico-analítico da AD, como será apresentado no capítulo a seguir.

## 5 QUESTÕES METODOLÓGICAS

### 5.1 A pesquisa em análise de discurso

A pesquisa em AD tem um caráter peculiar, na medida em que o analista do discurso recorre aos elementos constitutivos do arcabouço teórico que nortearão sua análise, sendo esses os mesmos que servirão de ferramentas metodológicas. Ou seja, a partir da base teórico-metodológica da AD, o pesquisador considera a própria análise como constituição do *corpus*, posto que a AD é, por si só, um método político para analisarmos a linguagem. Como afirma Pêcheux, “nós temos um método para pensar a língua, as línguas, as linguagens, os sentidos, os sujeitos, o mundo” (ORLANDI, 2014, p.12).

Para os autores Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997a, p. 79) “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas [...] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção [...]”. Isso implica dizer que a análise em AD não está voltada apenas para verificar regularidades linguísticas ou aspectos discursivos particulares, exclusivamente para fins de descobrir ou redefinir regras ou práticas de uso. Ou seja, o analista de discurso não busca revelar o que o texto significa, mas “compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos” (ORLANDI, 2012a, p. 19).

O texto é, portanto, analisado em sua profundidade, com vistas a examinar de que lugar e de que forma os sujeitos significam em uma dada formação discursiva. Portanto, a análise não é horizontal, linear, a fim de observar o que o texto diz do início ao fim. Em vez disso, o objeto é submetido a uma apreciação em profundidade por meio da qual é possível, por exemplo, examinar as posições-sujeito assumidas a partir de regularidades discursivas presentes na materialidade linguística. Em outras palavras, a escrita da AD “liga o texto ao discurso, este às formações discursivas e estas à ideologia permitindo ao analista [...] acompanhar o trajeto em que se estabelecem os sentidos e os sujeitos pela inscrição da língua na história” (ibid., p. 51).

É importante retomar o fato de que o sentido não pode ser dado meramente em uma relação signo-sentido, baseado no caráter de univocidade da língua, uma vez que esse sentido é desestabilizado em uma determinada situação de uso. A unicidade da língua pressupõe certa estabilidade morfológica e sintática, mas é preciso reiterar que toda formulação está passível à interpretação, à metáfora e à ambiguidade. Isso porque a “materialidade linguística é o lugar

da manifestação das relações de força e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos” (ORLANDI, 2007, p. 21).

Considerando o fato de que o analista do discurso é um sujeito constituído por sua subjetividade e igualmente interpelado pela ideologia, é mister que o mesmo se empenhe em se ater fielmente ao dispositivo teórico e analítico da AD para cumprir com seu papel.

Visto que o texto não é transparente, é preciso considerar sua materialidade, seu funcionamento, sua historicidade e os mecanismos dos processos de significação, já que é justamente na opacidade do texto que reside o político, o simbólico e o ideológico (ORLANDI, 2012a). Logo, por não ser possível o acesso direto ao sentido, há uma injunção à interpretação. “É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá” (idem, 2012a, p. 22). Orlandi assevera, ainda, que

a Análise de Discurso não interpreta os textos que analisa, mas sim os resultados da análise de que esses textos constituem o corpus [...] a escrita da análise de discurso deve conduzir o pesquisador de linguagem a flagrar a constituição de gestos de interpretação em sua materialidade, no texto, no momento em que o sentido faz sentido (ORLANDI, 2012a, p. 32).

Assim, o que interessa para a AD são as “representações feitas pelo homem no uso que este faz do léxico em sua prática discursiva, procurando examinar as transformações de sentido, bem como os efeitos daí decorrentes” (INDURSKY, 1997, p. 25). O analista, então, valendo-se do dispositivo teórico-analítico da AD, terá de levar em conta todas essas características do sujeito e do sentido funcionando ideologicamente. Dito de outro modo, “o trabalho do analista é em grande parte o de situar (compreender) - e não apenas refletir - o gesto<sup>6</sup> de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido” (ORLANDI, 2012a, p. 25). Em suma, ao trabalhar a ilusão da evidência do sentido, o analista acaba por demonstrar como opera a ideologia.

Ainda sobre o papel do analista de discurso, Ernst-Pereira & Mutti (2011) asseveram que

o que vai determinar o sucesso da análise é a compatibilidade entre a mobilização dos princípios teóricos definidos para o entendimento do objeto de estudo, intrinsecamente ligados à subjetividade e à historicidade, e o

---

<sup>6</sup> Segundo Orlandi (2012, p. 26), há uma diferença entre o gesto do analista (determinado pelo dispositivo teórico) e o gesto do sujeito (determinado por um dispositivo ideológico).

reconhecimento de aspectos linguístico-enunciativos constituintes do *corpus* em estudo a elas relacionados (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 827).

Além dos preceitos do dispositivo teórico-analítico da AD, outros conceitos se mostraram bastante relevantes e proveitosos no processo analítico do *corpus* empírico para o recorte do *corpus* discursivo, os quais serão apresentados a seguir.

## 5.2 A negação no discurso

Durante o processo analítico para a delimitação do *corpus* desta pesquisa e a partir da constatação da recorrente presença de elementos de negação na materialidade de sequências discursivas selecionadas como objeto de análise, o conceito do funcionamento discursivo da negação (INDURSKY, 1997) foi mobilizado para uma melhor compreensão dos efeitos de sentido acionados a partir desse conceito.

Segundo Indursky (ibid, p. 213), “a negação é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos, podendo indicar a existência de operações diversas no interior do discurso em análise”. A autora ainda nos explicita que não cabe ao analista examinar a negação em funcionamento na lógica ou na língua, mas sim no discurso. Para isso, ela pondera que é preciso seguir alguns passos. Em primeiro lugar, identifica-se, no intradiscurso “o mesmo, o repetível, o dizível” em determinada FD. Em segundo lugar, a análise segue outro curso: é preciso buscar no interior do discurso o diferente, ou seja, o discurso em relação a sua alteridade. E, por último, há que se analisar o lugar de onde o sujeito fala.

A partir daí, Indursky (ibidem) define as três operações de negação discursivas diversas, quais sejam:

**a negação externa**, que incide sobre o que *não pode* ser dito no interior de uma FD; **a negação interna**, que incide sobre o que pode, mas não convém ser dito neste domínio de saber e a **negação mista**, que mobiliza as duas modalidades anteriores numa única operação de negação. (INDURSKY, 1997, p. 215, grifos do autor)

Nas sequências discursivas em análise, é possível observar a ocorrência da negação discursiva externa, que incide sobre um discurso proveniente de uma FD adversa e que pode englobar dois tipos diversos: negação do discurso do outro e a negação do pré-construído do discurso do outro. Na negação do discurso do outro, a marca da negação é explícita, enquanto o discurso do outro é implícito. Assim, o discurso-outro, que não pode ser dito pelo sujeito,

passa a se constituir no indizível desse discurso. Desse modo, a negação “estabelece fronteiras entre discursos ideologicamente antagônicos” (INDURSKY, 1997, p. 216).

### 5.3 A falta, o excesso e o estranhamento

Ainda seguindo no movimento analítico para selecionar as SDs que compõem o objeto de análise desta pesquisa, foram identificadas algumas regularidades na materialidade linguística que apontavam para os conceitos-chave, propostos por ERNST-PEREIRA (2009), a saber: a falta, o excesso e o estranhamento, propostos como operações que permitem ao analista criar o gesto de interpretação quando do reconhecimento das sequências discursivas. Segundo a autora, a falta é a estratégia discursiva que consiste na omissão de palavras, expressões e/ou orações, criando zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante; ou a que consiste na omissão de elementos interdiscursivos previsíveis, mas que não ocorrem na linearidade discursiva, criando um vazio com o intuito de mascarar pressupostos ideológicos ameaçadores. A falta, conforme propõe a autora, não segue necessariamente os padrões de ordem sintática e lexical, mas está mais relacionada com elementos ocultados no interdiscurso de uma determinada formação discursiva que só poderão ser acessados a partir de saberes de outros campos do saber, ou seja, requer um saber pré-construído que permitirá resgatar os elementos ocultados.

A segunda estratégia discursiva é o excesso, que remete aos elementos que aparecem em demasia no discurso, tais como intensificadores, ou repetição de palavras ou expressões e orações, cuja finalidade é a de estabelecer a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva.

O estranhamento refere-se àquilo que incide na cadeia significante, mas está em dissonância com o que está sendo dito, instaurando uma desordem no enunciado, por meio de um pré-construído que rompe a linearidade discursiva, conferindo ao discurso as características da imprevisibilidade, da inequação e do distanciamento daquilo que se espera dos discursos de uma dada FD (ERNST-PEREIRA, *ibid*, p. 4-5).

A mobilização dos conceitos supramencionados nas análises das sequências discursivas selecionadas como *corpus* desta pesquisa será abordada no capítulo 6.

### 5.4 Delimitação do *corpus*

Ao proceder à delimitação do *corpus* desta pesquisa, é imprescindível distinguir o *corpus* empírico, constituído pela totalidade das falas dos entrevistados no documentário “O silêncio dos homens”, e o *corpus* discursivo, que será o objeto sobre o qual os gestos de análise incidirão. Cabe aqui elucidar que a coleta realizada no espaço discursivo (transcrições das falas) constitui-se no primeiro movimento analítico que “conduz o analista de discurso a identificar, no *corpus* empírico, sequências discursivas para integrar o *corpus* discursivo, na qualidade de objeto específico de análise” (INDURSKY, 1997, p. 46).

As sequências discursivas estão organizadas considerando o conceito de *recorte*, proposto por Orlandi (2012b), definido como sendo “um fragmento de situação discursiva”, ou seja, de sequências discursivas que relacionam o sentido às suas condições de produção. Ao tratar sobre a noção de recorte, Indursky (1997) atenta para o fato de haver uma distinção entre o gesto do linguista e do analista de discurso. Enquanto aquele utiliza a frase como unidade de análise; este, “ao recortar uma sequência discursiva, recorta uma porção indissociável de linguagem-e-situação” (INDURSKY, op. cit., p. 47).

A partir da transcrição das falas do documentário em análise, optou-se por separar as falas de acordo com alguns subtemas, os quais já foram explicitados no capítulo 3. Dentre esses subtemas, foi necessário realizar mais delimitações de falas que estão, de alguma forma, mais relacionadas com os objetivos propostos nesta pesquisa. Assim, os recortes discursivos que compõem o *corpus* discursivo são aqueles relacionados com o silêncio imposto aos homens, às manifestações de violência e agressividade, à violência contra a mulher e, por fim, a uma possível recusa dos sujeitos de continuarem se identificando como machistas, totalizando 12 sequências discursivas.



## 6 ANÁLISE DO CORPUS

Conforme explicitado no capítulo anterior, a delimitação do *corpus* em recortes discursivos foi realizada a partir da análise de alguns dos subtemas identificados no documentário. A seguir, encontram-se relacionados os recortes discursivos e as SDs que deles foram selecionadas:

**Tabela 1** - Delimitação dos recortes discursivos e das sequências discursivas:

Recortes discursivos	Sequências discursivas
o silêncio imposto aos homens	<p><b>SD1:</b> <i>A gente não tinha a liberdade de sentar com ele assim: 'Pai, eu quero conversar com o senhor'. A gente não teve isso. Quando ele sentava pra conversar, já era com a tabica na mão. [...] Reunia os meninos, os meus irmãos, para que um batesse no outro.</i></p>
	<p><b>SD2:</b> <i>Os homens, eles desde pequeno, eles têm que forjar uma identidade masculina, que é essa imagem onde é baseada na força, na não sensibilidade, é como se a parte emocional, a parte afetiva não pudesse vim à tona, né? E isso cria uma camisa de força dentro do universo masculino, né? É como se os homens crescessem muitas vezes com suas emoções todas trancafiadas.</i></p>
	<p><b>SD3:</b> <i>Acho que um problema que pode surgir quando a gente fala do silêncio dos homens é pensar: 'Bom, os homens tã o tempo todo falando, se impondo, interrompendo as mulheres em tudo o que elas estão falando'. Eles estão em lugares de poder, como assim os homens estão em silêncio? O que eu mais ouço é a voz de homem falando. É que tem uma diferença entre falar e se revelar de fato. Então, quando um homem fala verbalmente, ele está ocultando muitas camadas de profundidade emocional que ele tem. Ele fala pra sustentar uma imagem.</i></p>
manifestações de violência e agressividade	<p><b>SD4:</b> <i>Eu já fui muito agressivo com as mulheres que eu amei, muito agressivo comigo e... o quanto que eu já me tranquei, o quanto que eu já fui violento com amigos, com pessoas que eu trabalhava.</i></p>
	<p><b>SD5:</b> <i>Então, assim, os códigos que nós estamos passando e vivendo na sociedade, eles são extremamente ameaçadores pros homens, porque os homens, eles se matam e eles matam aos outros.</i></p>
	<p><b>SD6:</b> <i>não à toa os meninos, é esperado que eles sejam ativos, dominadores, controladores, em detrimento de uma vida interior cada vez mais...é...sob controle e diminuída.</i></p>

<p>violência contra a mulher</p>	<p><b>SD7:</b> <i>Quantos homens vão ao psicólogo? Eles vão segurando pra eles aquilo sem nenhum tipo de ajuda e, a hora que isso estoura, ela vai estourar ou na violência, ou no uso excessivo de droga, ou no uso excessivo de álcool, tudo isso traz no homem uma mistura de sentimentos, que acabam se revelando em comportamentos agressivos e violentos contra a primeira pessoa, que está lá, e que ele sabe que, por uma construção histórica e cultural e por falta de uma legislação rígida, ele pode agredir, violentar sem que nada aconteça com ele. Então, esse quadro precisa ser mudado.</i></p> <p><b>SD8:</b> <i>Praticamente 60% dos casos, eles ocorrem quando a mulher fala que quer o divórcio, ou fala que quer romper o namoro, o relacionamento e ele não se conforma e, infelizmente, a forma dele reagir a isso é com violência.</i></p> <p><b>SD9:</b> <i>“Todo silêncio que você vai guardando dentro de você, vai formando uma...um turbilhão de emoção e chega uma hora que você explode, né? E talvez essa explosão não seja tão positiva e [...] a gente iniciou uma discussão, eu já tinha casado, tava casado e daí, no meio dessa discussão, eu acabei agredindo ela fisicamente, mas, assim, antes dessa agressão física, pô, a agressão psicológica era diária, né?”</i></p>
<p>Possíveis movimentos de desidentificação com a SD machista</p>	<p><b>SD10:</b> <i>e esse menino, quando eu olhei, ele tava chorando, ele tava super emocionado, ele era...foi o menino que mais se emocionou na roda e o tempo todo ele falava que ele tinha que ser o espelho do pai, né? e o pai era um homem super abusivo, batia na mãe e, no meio da oficina, ele descobriu que ele não queria ser, que ele não queria ser aquela pessoa.</i></p> <p><b>SD11:</b> <i>“[...] até quando eu escutei a minha esposa dizer; ‘eu estou grávida’. (suspiros). Pronto, eu vou querer pra o meu filho coisas boa. Não vou querer o que meu pai fez comigo.”</i></p> <p><b>SD12:</b> <i>“Minha história é como a história de muitos homens assim, né? de um modelo masculino bem machista, com o qual eu não me identificava de maneira alguma, com a falta de referência de outras possibilidades de ser homem e aí esse conflito interno de como pertencer a esse mundo masculino sendo que eu não me identifico com ele.”</i></p>

**Fonte:** elaborada pela autora/2022<sup>7</sup>.

É preciso reafirmar que o objeto da análise de discurso é o discurso e o analista lança mão de gestos de interpretação a partir do dispositivo teórico-analítico da AD para compreender de que lugar e de que forma os sujeitos significam em uma dada formação discursiva. Em outras palavras, segundo Orlandi (2017, p. 282), os analistas de discurso, “pelo gesto de interpretação, saímos da separação entre, de um lado, as formações discursivas,

<sup>7</sup> Transcrição realizada na íntegra, buscando ser fiel à pronúncia dos participantes.

as redes de filiações de sentidos (interdiscurso), e, de outro, as marcas (intradiscurso) no texto”. Importante, ainda, ressaltar que a AD não busca encontrar no discurso o que é verdadeiro ou o que é falso. Antes, “trabalha com formulações sujeitas a equívocos, a efeitos metafóricos, à fuga de sentidos, à polissemia” (ORLANDI, 2017, p. 303).

### 6.1 Análise das SDs selecionadas

Nas SDs de 1 a 3, observa-se, a partir do gesto de análise, o funcionamento do *silêncio local* ou *censura*, termo cunhado por Eni P. Orlandi e já mencionado anteriormente nesta pesquisa, “que remete propriamente à interdição: apagamento de sentidos possíveis, mas proibidos, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura” (ORLANDI, 2012a, p. 128). Iniciando na SD1, é possível verificar, a seguir, como se dá o efeito de sentido que deixa transparecer o silêncio local ou censura produzindo as condições para significar.

**SD1:** *A gente não tinha a liberdade de sentar com ele assim: ‘Pai, eu quero conversar com o senhor’. A gente não teve isso. Quando ele sentava pra conversar, já era com a tabica na mão. [...] Reunia os meninos, os meus irmãos, para que um batesse no outro.*

Na formulação ‘Pai, eu quero conversar com o senhor’, o sujeito reconhece sua posição de sujeição e obediência ao pai, que, no imaginário social, é considerado como uma figura de autoridade, hierarquicamente superior e exercendo poder em relação àquele, e expressa o desejo de receber de seu pai o consentimento para que ambos pudessem dar início e levar adiante uma conversa sobre um determinado assunto, algo que para muitas famílias seria visto como bastante natural e comum. Ao dizer “A gente não tinha liberdade de sentar com ele assim” e “A gente não teve isso”, o sujeito faz uso da expressão “a gente”, referindo-se a si próprio e, muito provavelmente, a seus demais irmãos e/ou outros meninos de sua comunidade. Ou seja, ele deixa transparecer que não era o único em seu convívio que era exposto a esse tipo de situação, o que, de certa forma, pode ser corroborado por meio do enunciado “*Reunia os meninos, os meus irmãos, para que um batesse no outro*”.

Ao analisarmos mais especificamente o lugar social do homem nesta pesquisa, há que se considerar que o imaginário reside no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. “A imagem que temos de um homem, ou de uma mulher [...] se constitui nesse confronto simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições” (ORLANDI, 2017, p. 211). Ora,

considerando a ideologia dominante na nossa sociedade como sendo prioritariamente machista e patriarcal, o homem, aceito como hierarquicamente superior à mulher, é alguém forte, de quem se espera atitudes de valentia e até mesmo atos de violência, justificados por sua necessidade de defesa da honra, da família e de sua masculinidade. Observa-se, portanto, na SD em foco, um discurso identificado com uma posição-sujeito que aciona saberes referentes ao homem cisgênero, a quem não é permitido falar sobre seus sentimentos, demonstrar insegurança, medo, afeto, entre outras atitudes, as quais poderiam, de algum modo, depor contra sua masculinidade.

Então, avançando com o gesto analítico, observa-se que há um silenciamento interditando alguns dizeres desses sujeitos que se inscrevem na formação discursiva machista, que é o reflexo da ideologia que o interpela através do imaginário social do machismo. Um dos modos de fazer funcionar esse silenciamento é por meio da materialidade linguística do advérbio de negação “não”, conceito que será abordado mais detalhadamente logo adiante. No enunciado “A gente não tinha liberdade de sentar com ele assim”, o verbo “sentar” não aciona um sentido dicionarizado<sup>8</sup>, mas um outro efeito de sentido para significar o momento do castigo/punição, ou seja, o chamamento não era para se ter uma conversa mais demorada, de natureza mais íntima e quiçá para tratar de algum assunto polêmico, constrangedor ou de cunho emocional. E o fato de que o pai não consentia em atender ao desejo do filho nos leva à compreensão de que havia assuntos, ou dizeres, que não eram permitidos, já que, no imaginário social, homem “que é homem” não demonstra suas emoções, não se ressentir, não tem queixumes, não expressa seus sentimentos, seus medos, suas angústias, nem tampouco trata de assuntos de caráter mais intimista, como sexualidade, por exemplo, com outros homens, muito menos com a figura paterna.

A partir do aporte teórico do funcionamento discursivo da negação, conforme Indursky (1997, p. 213), considera-se que a negação “é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos, podendo indicar a existência de operações diversas no interior do discurso em análise”. Ainda segundo a autora, há três operações de negação discursiva diversas: a negação externa, que incide sobre um discurso que provém de uma formação discursiva adversa; a negação interna, que faz aparecer diferenças no interior da mesma formação discursiva; e, por fim, a negação mista, que mobiliza as duas modalidades

---

<sup>8</sup> Segundo o dicionário Michaelis online, sentar significa “1. Repousar ou apoiar as nádegas em assento; assentar-se, tomar assento; 2. Fazer tomar assento; 3. *Coloq.* Aplicar golpe violento em; 4. *Coloq.* Arremessar longe; atirar; lançar.

anteriores numa única operação de negação. (INDURSKY, 1997). Na análise das SDs em questão, evidencia-se que está em operação o conceito da *negação externa*, cujas duas características essenciais são a presença explícita do marcador de negação no discurso; e, o discurso-outro, constituindo o indizível desse discurso, “permanece, para sempre, recalcado em seu interdiscurso específico” (INDURSKY, 1997, p. 217).

Nos enunciados em análise, o marcador da negação funciona como uma pista do discurso de oposição. Então, ao enunciar “*a gente não tinha liberdade de sentar com ele assim*” e “*a gente não teve isso*”, o sujeito “transforma o discurso do outro em seu contrário e como tal o incorpora” (INDURSKY, 1997, p. 217). Sendo assim, o discurso-outro é o de que “o homem tem de ter liberdade de se sentar com o pai para conversar sobre quaisquer assuntos”. Para enfatizar a interdição ao seu dizer, o sujeito ainda complementa: “*Quando ele sentava pra conversar, já era com a tabica na mão*”, sinalizando que, no lugar de ter a liberdade para dizer algo que desejava dizer, o sujeito recebia algum gesto de violência, um castigo, como forma de opressão, totalmente cerceadora de seu desejo e necessidade, enquanto sujeito de linguagens, de significar. Desse modo, o silêncio como censura para aquilo que é proibido dizer significa nessa última formulação, sinalizando, neste caso, como censura e opressão são indissociáveis. Isso porque o discurso-outro atravessa o discurso do enunciator e conecta elementos discursivos provenientes do interdiscurso, os quais são de identificação contrastiva por meio da construção negativa (ibidem). Em outras palavras, “o sentido pode ser apreendido, se considerarmos que são saberes que vêm do exterior que constituem os processos de significação do discurso, ou seja, do pré-construído que sustenta o dizer de um *outro*” (ÁVILA, 2021, p. 61, grifo do autor). E, pelo funcionamento discursivo da negação, esse dizer do outro produz sentido naquilo que o homem enuncia.

**SD2:** *Os homens, eles desde pequeno, eles têm que forjar uma identidade masculina, que é essa imagem onde é baseada na força, na não sensibilidade, é como se a parte emocional, a parte afetiva não pudesse vim à tona, né? E isso cria uma camisa de força dentro do universo masculino, né? É como se os homens crescessem muitas vezes com suas emoções todas trancafiadas.*

Como já abordado anteriormente nesta pesquisa, a construção social do papel do homem na nossa sociedade está mais frequentemente vinculada à força física, a posições de poder, a espaços externos, à competitividade, à provisão e sustento do lar etc. Para sustentar essa imagem, homens que assim se reconhecem rejeitam determinadas demonstrações de

afeto ou gestos que demonstrem certa sensibilidade, porque, em tese, poderiam pôr em xeque sua masculinidade. O discurso “*os homens, eles desde pequeno, eles têm que forjar uma identidade masculina [...]*” reitera os sentidos presentes na SD1 de que o “silêncio local” (ORLANDI, 2007, 2012a) interdita os dizeres desses sujeitos desde a infância, de modo que eles vão se constituindo como sujeitos por meio da linguagem, neste caso, tendo esse silêncio local atuando na memória discursiva que o constitui, e que será posta em jogo quando os mesmos colocarem seus discursos em ação ao longo da vida, a menos que haja uma desidentificação desses sujeitos com relação à formação discursiva machista, na qual estão inicialmente inscritos.

No funcionamento discursivo, há uma sinalização de que o sujeito começa a se identificar com outros saberes, quando escolhe como parte do léxico o verbete “forjar<sup>9</sup>”. Observa-se, então, que não ocorre mais uma identificação plena com saberes da FD machista. Ao contrário disso, há um processo de contraidentificação acionado pelo verbo “forjar”, o qual demonstra um movimento no sentido de não mais querer se assujeitar à ideologia que o interpelava na formação machista, ao mencionar que o caráter e o comportamento desse homem são de tal forma “forjados” que eles se sentem impulsionados a agirem de forma semelhante e, discursivamente falando, a se constituírem como sujeitos, cujos discursos são aceitos dentro da mesma FD. E, se essa identidade masculina tem de ser “forjada”, é porque não era para ser dessa forma, ou seja, em princípio, se a ideologia machista não os interpelasse, esses homens não se sentiriam coibidos para falar sobre determinados assuntos sem que fossem tolhidos de alguma forma, ou que se sentissem menos homens por isso.

Nessa sequência discursiva, através da menção de uma imagem forjada de homem: “*baseada na força, na não sensibilidade, é como se a parte emocional, a parte afetiva não pudesse vim à tona, né?*”, há o pré-construído, por meio da oração relativa que restringe o termo “imagem”, pois não se trata de qualquer imagem, mas daquela que se distingue da sensibilidade, na medida em que representa a força do homem (FD machista). Novamente, é possível perceber o silêncio atuando como censura, apontando para quais dizeres são interditados para esse homem forjado para ser forte e não demonstrar emoções.

---

<sup>9</sup> o verbo “forjar”, no sentido figurativo, pode significar “arquitetar algo de maneira ardilosa; fabricar, inventar”, ou ainda, “formar ou contribuir para a formação de características de alguém (caráter, comportamento, espírito etc.); modelar”. Fonte: *Dicionário Michaelis Online*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/forjar/>. Acesso em: 21 maio 2022.

Em seguida, ele conclui, reformulando seu discurso, fazendo uso de metáforas para parafrasear o sentido antes já posto de que esse homem forjado - alguém que precisa demonstrar força e a quem é vedado falar sobre suas emoções -, ao ser interpelado pela ideologia, constitui-se como um sujeito que precisa reprimir certos dizeres. Então, ele enuncia “*E isso cria uma camisa de força dentro do universo masculino, né? É como se os homens crescessem muitas vezes com suas emoções todas trancafiadas.*”. Os sintagmas “camisa de força” e “emoções todas trancafiadas”, usados como metáforas, criam o sentido de cerceamento e de sentimentos e emoções reprimidos dentro do indivíduo. Nesse caso, ocorre a contraidentificação do sujeito com a forma-sujeito determinada na FD machista, já que este passa a colocar em dúvida os saberes que nela circulam (INDURSKY, 2005), produzindo o que Pêcheux nomeou de discurso do “mau-sujeito” (PÊCHEUX, 1975).

**SD3:** *Acho que um problema que pode surgir quando a gente fala do silêncio dos homens é pensar: ‘Bom, os homens tãõ o tempo todo falando, se impondo, interrompendo as mulheres em tudo o que elas estão falando’. Eles estão em lugares de poder, como assim os homens estão em silêncio? O que eu mais ouço é a voz de homem falando. É que tem uma diferença entre falar e se revelar de fato. Então, quando um homem fala verbalmente, ele está ocultando muitas camadas de profundidade emocional que ele tem. Ele fala pra sustentar uma imagem.*

Na SD3, o sujeito inicia seu discurso apontando para algo que ele considera um problema a ser elucidado: “*Acho que um problema que pode surgir quando a gente fala do silêncio dos homens é pensar: ‘Bom, os homens tãõ o tempo todo falando, se impondo, interrompendo as mulheres em tudo o que elas estão falando’.*” Nessa formulação, compreende-se que há uma indagação quanto ao silêncio de que tratam os participantes do documentário e que, em dado momento, o sujeito se dá conta de que não se trata do silêncio representado pelo vazio, pela ausência do dizer. E, portanto, a pergunta que ressoa é “sobre qual silêncio estamos falando?”. Para comprovar que o silêncio nada tem a ver com o falar pouco ou a ausência do dizer, o sujeito diz: “*Bom, os homens tãõ o tempo todo falando, se impondo, interrompendo as mulheres em tudo o que elas estão falando*”. “Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar, mas de fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política” (ORLANDI, 2007, p. 53, grifos do autor).

Para o sujeito, o homem é aquele que, além de falar muito, faz uso de seu discurso como meio para se impor. E cabe aqui outro questionamento: “a quem o homem se impõe?”. Podemos inferir que se trata de um saber pré-construído que faz retornar da memória discursiva o já-dito sobre o comportamento do homem machista, a respeito de quem é esperado exercer poder sobre a mulher para demonstrar essa posição hierarquicamente superior, revelada na materialidade discursiva com o verbo “impor-se”.

Além disso, esse mesmo homem é, também, aquele que “*interrompe as mulheres em tudo o que elas estão falando*”. Isso é algo que acontece na nossa sociedade há muito tempo, porém mais recentemente, quando as mulheres passaram a lutar contra toda forma de violência, promovendo debates e propondo pesquisas acadêmicas sobre questões envolvendo a igualdade de gênero, essa prática ficou tão em evidência que um termo foi cunhado para defini-la. O termo importado da língua inglesa, originário da junção das palavras *man* (homen) e *interrupting* (interromper), representa justamente esse gesto de sobreposição de um discurso sobre outro. Trata-se de uma prática sexista, já que o homem interrompe a fala de uma mulher por entender que ela não é competente o suficiente para dizer algo que precisa ser dito.

Diante do que precede, é preciso recuperar o que há no imaginário social sobre o papel da mulher. Algumas atitudes que fazem parte desse imaginário e que compõem um manual do bom comportamento feminino incluem “falar baixo, não expor suas opiniões, não argumentar ou defender posições que gerem debates e conflitos, calar-se diante da fala masculina” (COELHO; VOLOTÃO, 2020, p. 152). Esse silenciamento (das mulheres) já se fazia presente na *Odisseia*, poema épico escrito pelo poeta grego Homero na Antiguidade. Nele, quando Ulisses sai em viagem em direção à Guerra de Troia, seu filho, Telêmaco ordena a sua mãe, Penélope, que se recolha ao seu quarto e aos seus afazeres domésticos, já que a ele cabia assumir o comando da casa. (HOMERO, 2001). No lugar de filho, pressupunha-se que ele devia obediência à mãe. No entanto, o que sua ordem (enquanto discurso) abriga é o sentido de que, ao homem, cabe o lugar de poder e isso implica deter o poder da palavra e garantir o silenciamento da mulher, mesmo que seja de sua própria mãe. Esse efeito de sentido ainda reverbera nos discursos de homens há mais de dois mil anos.

Seguindo com o gesto de leitura, é possível compreender por meio da análise do fragmento “*Eles estão em lugares de poder, como assim os homens estão em silêncio? O que eu mais ouço é a voz de homem falando*”, que esse homem retratado nesse discurso é aquele que ocupa posições de prestígio na sociedade, a partir das relações de poder pré-estabelecidas na sociedade como base no sistema patriarcal, como bem ilustram os dados do Observatório



Nacional da Mulher na Política, da Secretaria da Mulher da Câmara dos Deputados, segundo os quais, do total de pessoas ocupando as cadeiras na câmara federal brasileira em 2021, somente 15% eram mulheres.

Faz-se necessário esclarecer, ainda, que o silenciamento imposto às mulheres, conforme detalhado há pouco, não ocorre nas mesmas circunstâncias que aquele sobre o qual se trata aqui nesta pesquisa e isso se manifesta na materialidade linguística na formulação: “*É que tem uma diferença entre falar e se revelar de fato. Então, quando um homem fala verbalmente, ele está ocultando muitas camadas de profundidade emocional que ele tem*”. Então, pode-se compreender que o silêncio de que trata o sujeito e que se constitui no tema principal do documentário é aquele que está em meio às palavras. Nesse ponto, o sujeito chega, ele mesmo, a uma resposta para sua indagação inicial, ao compreender que o silêncio dos homens é aquele que censura alguns dizeres, sobretudo os que abordam questões emocionais. Mobiliza-se, aqui, o funcionamento dos níveis intradiscurso e interdiscurso na rede de formulações, atualizando o discurso “homem não chora” (a partir do qual também se aciona o sentido de que homem não expõe seus sentimentos), adequando-se às condições de produção na materialidade discursiva.

Discursivamente, pois, nesta SD em pauta, chega-se mais uma vez ao entendimento de que o silêncio de que trata o documentário e sobre o qual o sujeito enuncia é aquele que interdita alguns dizeres, ou seja, aquilo que não pode ser dito pelo sujeito que, interpelado pela ideologia, identifica-se com a FD machista.

Por fim, na materialidade linguística, a escolha do verbo “sustentar” produz o efeito de sentido de que o homem faz um movimento no sentido de permanecer no papel socialmente construído de alguém que detém o poder da palavra e que, ao proferi-la, age para perpetuar sua imagem de força, virilidade e poder, bem como reforça sua posição de dominação dentro da sociedade patriarcal e cisgênero.

Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997a) postulam que na *formação ideológica* existem forças que podem estar em relação de confronto entre si, de aliança ou de dominação. Ainda, retomando os mesmos autores, é necessário referir o discurso “ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (ibid., p. 79). Nessa SD, percebe-se a presença do discurso do *Outro*, revelando o caráter heterogêneo do discurso. As forças que estão em relação ali estão em confronto entre si, haja vista que existe um embate ideológico, já que o sujeito deixa de enunciar inscrito em uma FD de cunho machista e passa a enunciar de um outro lugar ideológico, inscrevendo-se, dessa forma, em outra FD. Assim,

torna-se possível apreender os sentidos, considerando que eles dependem da relação que uma FD estabelece com outras FDs no espaço interdiscursivo.

O gesto de análise da SD expõe a relação dissimétrica entre homens e mulheres, colocando em jogo o sentido de que o poder da palavra pertence ao homem, enquanto à mulher cabe o silenciamento, especialmente em espaços públicos e políticos. Paralelamente a isso, ao proferir seus discursos, esse homem seleciona os dizeres, de modo que não tragam à luz questões obscurecidas em sua profundidade emocional, a fim de criar uma carapaça em torno de sua identidade mais subjetiva e impedir possíveis rupturas em sua masculinidade. Cabe aqui lembrar que essa masculinidade, trazida ao centro do debate no documentário, é reconhecida como “masculinidade tóxica”, que afeta o comportamento social desses indivíduos a ponto de comprometer suas relações interpessoais, quer seja no ambiente profissional, quer seja no familiar (na relação com suas parceiras e no modo como educam seus filhos), bem como na sua relação com outros homens e com as mulheres de um modo geral. Não raras vezes, esses homens, cujas emoções estão “*trancafiadas*” por tanto tempo, incorrem em algum tipo de ato de violência no curso de suas relações interpessoais, como veremos, a seguir, na análise das SDs de 4 a 6.

**SD4:** *Eu já fui muito agressivo com as mulheres que eu amei, muito agressivo comigo e... o quanto que eu já me tranquei, o quanto que eu já fui violento com amigos, com pessoas que eu trabalhava.*

Nessa SD, o discurso se apresenta na forma de um relato-testemunho no qual o sujeito assume ter sido autor de comportamentos agressivos contra pessoas próximas a ele: companheiras, amigos e colegas de trabalho. A formulação “*Eu já fui muito agressivo com as mulheres que eu amei*” aponta para sentidos paradoxais de alguém que ama uma pessoa e, ao mesmo tempo, é agressivo com ela. Não é o que comumente se espera de alguém que diz amar. O verbo “amar” está comumente associado a um bem querer, a tratar bem, agradecer a outra pessoa, tomar atitudes e dizer coisas para deixar a pessoa amada feliz, entre outras coisas. Então, cabe perguntar quais formações ideológicas estão colocadas em jogo nessa formulação e na SD como um todo?

No caso do comportamento agressivo para com as mulheres, mais uma vez é preciso mencionar o papel do homem na nossa sociedade que se coloca em posição de superioridade com relação à mulher e a enxerga muitas vezes como um objeto de sua propriedade. Portanto, são dois saberes que atuam na constituição deste homem: o de que ele tem que ser viril e

demonstrar força e o outro de que os homens têm domínio sobre as mulheres. Triste combinação que leva à morte por feminicídio uma mulher a cada 7 horas no Brasil<sup>10</sup>.

Sabe-se que o sentido não existe a priori, mas vai sendo determinado na medida em que as posições ideológicas vão sendo acionadas na relação entre as FDs que compõem o discurso. Para apreender, então, os sentidos presentes nesta SD, devemos analisar as condições de produção do discurso. Dados apresentados pelo narrador do documentário apontam que 83% das mortes por homicídios e acidentes no Brasil têm homens como vítimas; os homens vivem, em média, 7 anos a menos que as mulheres e se suicidam 4 vezes mais; 17% deles lidam com algum nível de dependência alcóolica; quando sofrem um abuso sexual, demoram em média 20 anos até contarem isso para alguém; e, ainda, homens são 95% da população prisional no Brasil. Esses dados ajudam a ilustrar um perfil de homem que, como já evidenciado na SD1, é estimulado a praticar atos de violência desde pequeno e que cresce com o entendimento de que precisa agir para defender sua honra, para provar que é homem, para não levar desaforo para casa, ainda que para isso precise usar de violência. Os dados ainda permitem inferir que esse modelo de masculinidade, ao que parece, em vez de proteger sua honra, acaba por levá-lo, muitas vezes, a perdê-la, quando são encarcerados, ou quando são vistos como bêbados, alcoólatras; ou, ainda, podem levá-lo à morte, como apontam os dados estatísticos sobre o suicídio, conforme exibido no documentário e descrito anteriormente nessa análise e de acordo com os estudos da pesquisadora Minayo (2005). A decisão de produzir o documentário para tratar exatamente desse modelo de masculino é, pois, um indício de que alguns homens estão começando a perceber o quanto saem prejudicados - eles próprios e as pessoas ao seu redor - por agirem de acordo com esses saberes. Na perspectiva discursiva, encontramos no relato-testemunho desta SD, um sujeito que não mais se identifica com os saberes da FD machista, segundo a qual, entre outras coisas, os homens “de verdade” são naturalmente fortes e têm sua virilidade diretamente associada ao ser agressivo.

Dando continuidade ao gesto de leitura, mobilizamos o conceito de *estranhamento* (ERNST-PEREIRA, 2009), quando ocorre, na materialidade discursiva, um distanciamento daquilo que é esperado. Embora em seu relato, o sujeito não negue que teve comportamentos agressivos (contra si próprio e contra outras pessoas) como forma de demonstrar virilidade e poder, é possível depreender que ele faz uma avaliação negativa sobre o que ele havia feito no

---

<sup>10</sup> Fonte: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>

passado em um tom de arrependimento. Observa-se, então, um conflito de formações discursivas, segundo o qual o efeito de pré-construído, em conformidade com os saberes da FD machista, é o de que o homem pode usar de força e violência para se manter em sua posição de dominância e poder e não deve demonstrar arrependimento quanto a isso.

Parece haver, ainda, uma relação entre os sentidos que emergiram das SDs 1 a 3 e os sentidos das SDs 4 a 6, a saber, a de que, por não serem autorizados a falar sobre suas emoções e, simultaneamente a isso, por serem encorajados a demonstrar força e virilidade, esses homens acabam por extravasar suas emoções recalcadas na forma de atos de violência contra si próprios e contra pessoas do seu convívio mais próximo. Na perspectiva da AD, o sujeito ocupa uma posição-sujeito que, no corpus em análise, é colocada em xeque frente aos saberes de uma FD machista, cujos dizeres sobre as questões emocionais são interditados, ou a quem não é possível dizer sobre seus medos, dúvidas, angústias etc., que se constitui como alguém de quem se espera demonstrações de força e de quem são aceitos comportamentos violentos e agressivos. A respeito da relação entre os sentidos aqui expostos, chama a atenção o fragmento *“muito agressivo comigo e... o quanto que eu já me tranquei”*. Nele, o sujeito parece associar o fato de que reprimia seus sentimentos, evidenciado pela escolha do verbo *“tranquei”*, e o fato de ter agido de forma agressiva contra si próprio. Observa-se, ainda, uma relação metafórica com o sintagma *“camisa de força”*, presente na SD 2, visto que o discurso *“muito agressivo comigo e...o quanto que eu já me tranquei”* produz um efeito de sentido sobre o violentar-se, pois é possível depreender que, no fundo, era algo que ele fazia contra a sua vontade e, embora se sentisse preso, contido, retomava o círculo vicioso da violência/agressividade, em consonância com uma posição-sujeito machista.

Por fim, o sujeito admite que seu comportamento agressivo atingiu também amigos e colegas de trabalho no enunciado *“o quanto que eu já fui violento com amigos, com pessoas que eu trabalhava”*. A posição-sujeito assumida nesse discurso é de alguém que passa a não aceitar mais como natural, como característica essencialmente masculina, demonstrar comportamentos agressivos e admite que, agindo dessa forma, colherá consequências desastrosas. A mesma posição é ratificada na SD que será analisada a seguir.

**SD5:** *Então, assim, os códigos que nós estamos passando e vivendo na sociedade, eles são extremamente ameaçadores pros homens, porque os homens, eles se matam e eles matam aos outros.*

Nessa SD, em alinhamento com efeitos de sentido presentes na SD4, o sujeito reafirma que os códigos compartilhados e perpetuados na nossa sociedade são os mesmos que os induzem a situações que ameaçam sua integridade física e que podem, inclusive, ocasionar sua própria morte ou a de terceiros, o que pode ser corroborado pelos dados extraídos do documentário, já apresentados na análise da SD4: 83% das mortes por homicídios e acidentes no Brasil têm homens como vítimas; os homens vivem, em média, 7 anos a menos que as mulheres e se suicidam 4 vezes mais. Infelizmente, nessa formulação, o uso do verbo “matar” ratifica o que indicam os dados extremamente alarmantes sobre a condição do homem em nossa sociedade nos dias atuais.

É, também, intrigante o fato de que homens são 95% da população prisional no Brasil. Então, cabe aqui perguntar: o que tem levado esses homens a cometerem crimes nessa proporção? Não há a pretensão aqui de reduzir a resposta ao âmbito do que vem sendo analisado neste capítulo. É do conhecimento de todos que há fatores socioeconômicos e de políticas públicas que impactam diretamente nesse lamentável resultado. Porém, o efeito de sentido produzido por meio do gesto de análise desta SD é o de que os saberes abrigados no interior de uma FD machista ainda são reproduzidos, reafirmados, na nossa sociedade, contribuindo para a manutenção do índice de violência, comportamentos agressivos, os quais muitas vezes levam aos homens a tirarem a sua própria vida e a de outras pessoas.

Para a continuidade da análise desta SD, serão mobilizados os conceitos dos “nós político” e da “não-pessoa discursiva” (INDURSKY, 1997). O pronome pessoal “nós”, juntamente com a desinência verbal de primeira pessoa do plural “*estamos*”, presentes no discurso, não são considerados exatamente o plural, mas uma espécie de ampliação do “eu”, que permite inserir outros enunciadores no seu dizer. Nesse sentido, o “nós” passa a ser considerado como o “nós político”, haja vista que os interlocutores são sociais. Considerando que não há como saber quem são individualmente os interlocutores referidos na materialidade linguística com o pronome “nós”, pode-se designá-los como “não-pessoa discursiva” (INDURSKY, op. cit.). Sobre o conceito, Indursky (op. cit., p. 66-67, grifos do autor) esclarece que “na *interlocução discursiva*, a não-pessoa discursiva corresponde ao referente lexicalmente não-especificado ao qual eu se associa para constituir **nós**”.

Aqui, entende-se que a não-pessoa discursiva “nós” serve ao conjunto lexical “sociedade civil brasileira do século XXI”, já que há no enunciado a escolha da estrutura linguística “vivendo na sociedade”. Salienta-se que, embora estejam inseridos enunciadores, supostos sujeitos que vivem na (nossa) sociedade, não é possível nomeá-los ou identificá-los, portanto, são efetivamente o “referente lexicalmente não-especificado”.

Ao inserir a não-pessoa discursiva “nós” no discurso, o sujeito parece fazer um movimento de responsabilização de toda a sociedade para as consequências do fato de estarmos, nós enquanto sociedade, perpetuando os “códigos” que, segundo o sujeito que produz o discurso, podem culminar em morte, seja do próprio homem machista, seja de pessoas do seu convívio. Parece haver, pois, uma relação parafrástica entre o discurso desta SD e a relação entre machismo e violência. Ou seja, não é mais possível aceitar que haja casos de violência/agressividade, provenientes de posicionamentos machistas, apenas por uma visão maniqueísta de que existem homens bons e maus. Há que se levar em consideração a gama de atitudes e valores, intrínsecos à forma como a sociedade é organizada, que influenciam direta ou indiretamente nos casos de violência e morte.

Em suma, é toda uma estrutura que serve de base e sustentação para que os homens continuem agindo, produzindo discursos e, ao mesmo tempo, se constituindo de determinadas formas que nos permitem identificá-los como machistas. Fica explicitado aqui, o caráter político, *i.e.* aquele que “reside no fato de que os sentidos têm direções determinadas pela forma da organização social que se impõem a um indivíduo ideologicamente interpelado” (ORLANDI, 2012a, p.34). É, pois, na relação entre o simbólico e as relações de poder que a AD torna possível a “textualização do político” (ORLANDI, *op. cit.*). Dessa forma, os sujeitos interpelados pela ideologia machista identificam-se com os saberes que determinam como aceitável que um homem pratique atos de violência em nome de uma masculinidade tóxica a ponto de levá-lo a matar ou morrer por ela.

De outro lado, o sujeito opta pelo uso da 3ª pessoa do plural “eles” quando diz: “*eles se matam e eles matam aos outros*”, como se quisesse criar um efeito de distanciamento entre “nós” e aqueles homens que oscilam entre vítimas e algozes dos outros. Isso implica dizer que “*os códigos que nós estamos passando e vivendo na sociedade*” afetam esses homens e os transformam em assassinos, como se esses mesmos homens não fizessem parte da mesma sociedade a que o sujeito inicialmente se refere. Então, em outras palavras, “nós” perpetuamos os códigos em sociedade, mas somente “eles” são os assassinos, matadores. Ou seja, “nós” não nos identificamos com “eles”.

Por fim, a presença do pronome pessoal da 3ª pessoa do plural “eles” configura também um efeito de saturação de um já-dito que reforça o que todos já sabem sobre os homens que são violentos: *eles se matam e eles matam aos outros*. Eis aí o excesso, definido por ERNST-PEREIRA (2006, p. 4) como o “acréscimo necessário ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem”. A insistência na repetição do pronome “eles” parece, ainda, querer

apontar para um efeito de sentido de oposição entre o masculino e o feminino, ao dizer que quem mata é o homem e não a mulher. O excesso é, pois, acionado, nesta SD, para estabelecer a relevância dos saberes presentes na FD machista de que os comportamentos violentos fazem parte do modelo de masculinidade a que se referem os participantes do documentário.

**SD6:** *não à toa os meninos, é esperado que eles sejam ativos, dominadores, controladores, em detrimento de uma vida interior cada vez mais...é...sob controle e diminuída.*

A partir do gesto de análise dessa SD, ainda, depreende-se a noção de que os homens devem ser ensinados, desde a mais tenra idade, que precisam exercer domínio e controle sobre outras pessoas e sobre determinadas situações. Na formulação “*não à toa os meninos, é esperado que eles sejam ativos, dominadores, controladores*”, observa-se que as palavras selecionadas deixam de lado aquelas que servem de contraponto. Por exemplo, quando o sujeito diz que os homens devem ser dominadores, isso implica dizer que outra(s) pessoa(s) deverá(ão) assumir uma posição de passividade em relação a eles, ou seja, alguém será dominado por eles. Da mesma forma, ao recorrerem ao predicativo do sujeito “controladores”, sabe-se que haverá pessoa(s) sob seu controle. Por toda a análise do contexto sócio-histórico que foi empreendida até aqui, tem-se que a mulher é uma dessas pessoas frequentemente dominadas e controladas pelos homens.

Não é raro assistir nos noticiários casos de homens que mantiveram suas companheiras em cárcere privado, submetidas a todo tipo de maus-tratos. Em alguns deles, a vítima só conseguiu se livrar do opressor, escrevendo um bilhete para algum atendente de farmácia ou estabelecimento de alimentação; ou, ainda, telefonando para o número 180 (central de atendimento à mulher), fingindo que estava pedindo algum alimento para entrega em domicílio (serviço de *delivery*). São inúmeras as variantes que exercem influência nesse tipo de comportamento dos homens, mas pode-se estabelecer uma relação entre os discursos produzidos pelo sujeito a partir da posição-sujeito de homem machista e acontecimentos dessa natureza noticiados quase que diariamente no nosso país.

Na formulação “*em detrimento de uma vida interior cada vez mais...é...sob controle e diminuída*”, nota-se intradiscursivamente a mobilização de saberes relacionados ao cerceamento que os homens sofrem quando desejam falar de questões de foro mais íntimo e todo o esforço empreendido para que se tornem pessoas ativas, dominadoras e controladoras, a exemplo do que já foi mencionado nos gestos de análise das SDs 4 e 5. Esse controle, em

alguns casos, acaba por acarretar consequências na vida das mulheres com quem esses homens mantêm algum tipo de relacionamento amoroso, atingindo, muitas vezes, os filhos e enteados que moram na mesma residência. Nas SDs de 7 a 9, serão analisados os discursos nos quais os sujeitos tratam da violência contra a mulher.

**SD7:** *Quantos homens vão ao psicólogo? Eles vão segurando pra eles aquilo sem nenhum tipo de ajuda e, a hora que isso estoura, ela vai estourar ou na violência, ou no uso excessivo de droga, ou no uso excessivo de álcool, tudo isso traz no homem uma mistura de sentimentos, que acabam se revelando em comportamentos agressivos e violentos contra a primeira pessoa, que está lá, e que ele sabe que, por uma construção histórica e cultural e por falta de uma legislação rígida, ele pode agredir, violentar sem que nada aconteça com ele. Então, esse quadro precisa ser mudado.*

Antes de dar início ao gesto de análise, é importante considerar que, no funcionamento discursivo dessa SD, o discurso é produzido por uma mulher, identificada no documentário como Gabriela Manssur, que o faz de um lugar social de promotora de justiça, a qual se empenha para que os homens acusados de atos de violência contra a mulher frequentem os chamados “grupos reflexivos”, com o intuito de ter contato com outros homens com os mesmos desvios de comportamento para que, juntamente com profissionais da psicologia e do serviço social, possam compartilhar suas experiências e refletir sobre as prováveis causas para todo o extravasamento da agressividade e sobre as possíveis ações de enfrentamento.

A formulação “*Quantos homens vão ao psicólogo?*” é uma pergunta retórica, já que, ao enunciar, o sujeito parte do pressuposto de que já é sabido que a maioria dos homens não têm o hábito de frequentar os consultórios de psicologia. Ou seja, há um pré-construído que é acionado para que o sentido se faça presente. Esse questionamento atua como um disparador para sua linha de pensamento a respeito do comportamento dos homens que agem com violência contra suas parceiras. No nível intradiscursivo, temos “*Eles vão segurando pra eles aquilo sem nenhum tipo de ajuda e, a hora que isso estoura, ela vai estourar ou na violência, ou no uso excessivo de droga, ou no uso excessivo de álcool*”. Há uma relação de causa e consequência entre os dois fragmentos apresentados até aqui. O efeito de sentido produzido nesse dizer mobiliza um já-dito sobre o fato de que os homens não vão ao psicólogo, ou seja, não têm o hábito de falar sobre aquilo que os aflige, sobre seus dramas, seus medos, seus traumas, suas dúvidas e, portanto, vão armazenando esses sentimentos dentro deles de forma



desordenada, tal qual uma bomba relógio prestes a explodir a qualquer momento. No intradiscurso, o uso do pronome "aquilo" permite pensar nos efeitos de sentido produzidos como referente para o mesmo como sendo toda a bagagem de sentimentos e emoções represados e reprimidos dentro do indivíduo, justamente devido ao fato de que, como já referido nas análises anteriores, há uma censura, que determina o que é proibido dizer em uma certa conjuntura (ORLANDI, 2007, 2017). O que se materializa nessa sequência discursiva é um saber da FD machista, a partir do qual determinados comportamentos violentos dos homens cisgêneros, tidos como aqueles que não choram, nem tampouco expõem seus sentimentos, são considerados aceitáveis.

Chama a atenção o uso dos pronomes “aquilo” e “isso” na mesma formulação, pois, embora pareçam se referir à contenção ou à retenção do falar sobre o que sentem, como se fossem apenas dêiticos utilizados com efeito de sinônimos, a escolha do pronome “aquilo” remete a uma noção temporal referida, ainda que não em detalhes, ao tempo de acúmulo de coisas a dizer que foram guardadas, acumuladas dentro de si; já quando o sujeito faz uso do pronome “isso”, associando-o ao verbo “estourar”, produz um efeito da noção de iminência da ruptura que culmina na violência contra a mulher, dado que o homem a que se refere o sujeito já não consegue segurar por mais tempo as emoções reprimidas, ou seja, não consegue mais evitar a atitude violenta. Daí a diferença entre o “aquilo” e o “isso” nesse dizer, pois embora ambos refiram à violência, há uma dimensão temporal sendo mobilizada, produzindo um efeito de sentido nesse discurso.

O discurso segue com a formulação “*tudo isso traz no homem uma mistura de sentimentos, que acabam se revelando em comportamentos agressivos e violentos contra a primeira pessoa, que está lá*”. Outra vez, a escolha do dêitico “isso”, desta vez com seu sentido potencializado pela palavra “tudo”; e, ainda, a mesma relação de causa e efeito entre o silenciamento e os comportamentos agressivos e violentos.

Um elemento novo é incorporado ao sentido: “*contra a primeira pessoa, que está lá*”. Quem é a primeira pessoa, que está lá? Lá onde? Para a análise dessa formulação, retomaremos a distinção e, ao mesmo tempo, a associação que Pêcheux faz dos conceitos de pré-construído e discurso-transverso (inicialmente designado *articulação*). Segundo o autor, o pré-construído “corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma de universalidade” (PÊCHEUX, 1995, p. 164, grifos do autor). Já a articulação (posteriormente designada como o discurso-transverso) “*constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*” (id, 1995, p. 164, grifos do autor). Em outras

palavras, o discurso-transverso, responsável pela articulação e/ou sustentação de enunciados, juntamente com o pré-construído, configuram a linearização do intradiscurso (AMARAL; VINHAS, 2020). O funcionamento do discurso-transverso “remete àquilo que, classicamente, é designado por *metonímia*, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa, etc.” (PÊCHEUX, 1995, p. 166 grifos do autor).

Sendo assim, na formulação “*contra a primeira pessoa, que está lá*”, o discurso-transverso atua na linearidade do discurso, pois se sabe que não se trata de qualquer pessoa, ou de alguém que está passando no momento do rompante de fúria, mas sim da sua companheira, da pessoa com quem esse homem vive ou se relaciona. E, ainda, com relação ao uso do advérbio de lugar “lá”, há igualmente um discurso-transverso na forma de uma formulação metonímica da parte pelo todo, segundo o qual “lá” refere-se à moradia do casal, ou a residência ou o local de trabalho da vítima de violência, quando eles não moram juntos (seja porque nunca moraram juntos, seja porque a mulher decidiu abandonar a relação).

Em seguida, há uma referência a um dos fatores que levam esses indivíduos (os homens autores de violência contra a mulher referidos nesse discurso) a se sentirem tão à vontade para a prática dos atos de violência, *i. e.*, a sensação de que jamais sofrerão qualquer tipo de punição por seus atos. Assim, na formulação “*e que ele sabe que, por uma construção histórica e cultural e por falta de uma legislação rígida, ele pode agredir, violentar sem que nada aconteça com ele*”, o pronome “ele”, embora usado no singular, faz referência a todos os homens que agredem ou cometem atos de violência contra as mulheres. Além disso, o pronome pessoal “ele” transborda na formulação em análise, configurando um excesso (ERNST-PEREIRA, 2006), com a intenção de colocar em evidência os saberes oriundos da FD machista de que é ele – o homem – quem agride, violenta sem se preocupar com a punição para seus atos.

A partir do funcionamento intradiscursoivo “*por uma construção histórica e cultural e por falta de uma legislação rígida*”, mobiliza-se o que já foi abordado no capítulo 1 desta pesquisa sobre as questões de gênero imbricadas na construção social do papel do homem e da mulher na nossa sociedade. Na sequência da SD, temos que esse homem - novamente representado na materialidade linguística como “ele” - *pode agredir, violentar sem que nada aconteça com ele*”, tornando transparente o sentido de que as leis vigentes não costumam ser aplicadas em casos de violência contra a mulher, gerando no agressor uma sensação de impunidade, fortalecida pelos casos recorrentes na história do nosso país, tendo como principal exemplo o caso da Maria da Penha, que só teve uma conclusão favorável à vítima, após forte intervenção de órgãos de defesa dos direitos humanos internacionais.

A SD é finalizada com o discurso “*Então, esse quadro precisa ser mudado*”, cujo efeito de sentido aponta para a necessidade de que algo seja feito para mudar a realidade trazida à tona nas análises anteriores dentro dessa mesma SD7. Dessa forma, Gabriella Manssur, a partir da posição de mulher e promotora de justiça, faz do seu discurso uma ferramenta de resistência contra a ideologia dominante da formação machista, cujos homens se reconhecem como aqueles a quem ela se refere em seu discurso, a saber: homens que praticam atos de violência contra a mulher contando que sairão impunes. Não só isso, que serão respaldados por outros pares, que também se identificam com os saberes da formação machista, cujos comportamentos agressivos são aceitos e justificados.

**SD8:** *Praticamente 60% dos casos, eles ocorrem quando a mulher fala que quer o divórcio, ou fala que quer romper o namoro, o relacionamento e ele não se conforma e, infelizmente, a forma dele reagir a isso é com violência.*

Conforme afirma Orlandi (2015, p. 39), “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das interações dos sujeitos”. Por isso, para procedermos à análise da SD em questão, faz-se necessário situar as condições em que os discursos foram produzidos, as quais serão detalhadas a seguir.

De acordo com os saberes enraizados no imaginário social sobre a mulher, esta é vista como propriedade do marido, a quem deve total submissão. Aqui, é importante retomar o movimento de interpelação ideológica, que funciona no interior dos AIEs, segundo Althusser (2010), pois nessa SD específica, o sujeito está assujeitado ao AIE Religioso, cuja ideologia interpela os sujeitos a partir de uma visão cristã ocidental, segundo a qual as mulheres devem se submeter incondicionalmente aos seus cônjuges. Assujeita-se, conjuntamente, ao AIE da Família, que age para salvaguardar os valores morais advindos da prática do cristianismo.

A formulação “*quando a mulher fala que quer o divórcio, ou fala que quer romper o namoro, o relacionamento*”, em princípio, demonstra um desejo legítimo dessa mulher de não querer mais estar no relacionamento. No entanto, o efeito de sentido produzido através da mobilização de saberes do interdiscurso é o de que essa mulher está indo na contramão das práticas consideradas aceitáveis pela ideologia que interpela os sujeitos nos AIEs da Família e Religioso, conforme explicitados anteriormente. Em seguida, temos a estrutura “*quando a mulher fala que quer o divórcio, ou fala que quer romper o namoro, o relacionamento*, cujo

efeito de sentido apreendido revela haver uma relação de causa e consequência na linearidade discursiva. Então, no momento em que ela decide romper com essa relação de propriedade, ou seja, que demonstra ser dona de seu próprio corpo e de seu próprio destino, o homem machista costuma reagir de forma violenta. Em uma análise mais aprofundada, o sentido desliza para uma culpabilidade da mulher, como se sua decisão de romper o relacionamento (casamento ou namoro) tivesse sido suficiente para justificar que o homem pudesse agir com violência. Se, conforme aludido diversas vezes nas análises das SDs anteriores, o homem é instigado desde a infância a ser dominador, controlador, a não aceitação do divórcio, ou seja, a recusa em continuar sob seu domínio, parece atingir em cheio sua identidade, constituída com base em uma masculinidade tóxica. Ou seja, essa mulher está rompendo com os saberes relacionados ao lugar social de mulher segundo a FD machista, que aciona saberes referentes ao fato de que a mulher se constitui enquanto tal, a partir da manutenção de seu relacionamento com o homem, a quem deve submeter-se.

Importa chamar atenção para o fato de que os AIEs são aparelhos que funcionam predominantemente pela ideologia, mas que também “funcionam secundariamente pela repressão, ainda que no limite, mas somente no limite, esta esteja muito atenuada e escondida, até mesmo simbólica” (ALTHUSSER, 2010, p. 116). Pode-se, pois, considerar a hipótese de que o sujeito interpelado pela ideologia dominante pela qual funciona o AIE da família, cujas práticas são regidas por certos rituais acordados como corretos, usa a violência como uma forma de punição (repressão) para “garantir sua própria coesão e reprodução nos ‘valores’ que propõem para fora” (idem, grifo do autor). Ratificando essa hipótese, Minayo (2005) afirma que os agressores se julgam guardiões do comportamento ideal das mulheres e, quando entendem que sua companheira tem atitudes diferentes do esperado, precisam agir para controlá-la e garantir a adequação desse comportamento.

Assim, tomando a ideologia como “uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (idem), pode-se propor uma pesquisa mais aprofundada do que parece ser uma evidência da ideologia interpelando esse homem (machista) de tal modo que ele se sente compelido a agir com violência para garantir a reprodução dos valores nos quais acredita e a partir dos quais atua, a saber: os comportamentos machistas de controle e dominação da mulher com quem se relaciona, de quem não pode aceitar nenhum tipo de subversão ou resistência. Ou seja, aquele(a)s que não se comportam em consonância com as práticas - previamente estabelecidas pela interpelação ideológica em uma dada formação social - devem sofrer algum tipo de punição.

**SD9:** *“Todo silêncio que cê vai guardando dentro de você, vai formando uma...um turbilhão de emoção e chega uma hora que cê explode, né? E talvez essa explosão não seja tão positiva e [...] a gente iniciou uma discussão, eu já tinha casado, tava casado e daí, no meio dessa discussão, eu acabei agredindo ela fisicamente, mas, assim, antes dessa agressão física, pô, a agressão psicológica era diária, né?”*

Nessa SD, em forma de relato-testemunho, o sujeito começa falando do silêncio. Trata-se mais uma vez do silêncio como censura, aquela que interdita certos dizeres dos sujeitos que se identificam com uma mesma FD à qual são filiados. No enunciado *“Todo silêncio que cê vai guardando dentro de você”*, a escolha pela palavra “todo” antes de silêncio e associada ao uso da locução verbal no gerúndio “vai guardando”, produz um efeito de sentido de que o homem, aqui identificado como “cê” (uso informal de “você”), vem se privando, desde há muito tempo, quiçá desde sua infância, de dizer coisas que sentia a necessidade de dizer. A exemplo das análises das FDs 1 a 3, sabe-se que esses dizeres interditados referem-se a sentimentos, emoções, medos, angústias, ou seja, tudo o que poderia demonstrar fragilidade ou sensibilidade, atributos exclusivos das mulheres, segundo os saberes da FD machista. Então, o discurso “vai guardando” não tem o sentido de manter algo em um lugar seguro por ser muito valioso, como quando guardamos dinheiro no banco, ou joias no cofre. O efeito de sentido mobilizado nessa SD (SD9) é o de que os dizeres e as emoções são guardadas, porque não podem ser expostos, sob pena de criarem uma mácula na sua identidade de homem viril, popularmente conhecidos como “machão”.

Na sequência da SD, na formulação *“vai formando uma...um turbilhão de emoção e chega uma hora que cê explode, né? E talvez essa explosão não seja tão positiva”*, o uso do gerúndio na locução verbal “vai formando uma...um turbilhão de emoções” ratifica o efeito de sentido de que os dizeres vão sendo interditados ao longo de um certo período de tempo (possivelmente anos a fio), ou seja, não é algo que acontece da noite para o dia. O substantivo “turbilhão” é usado também metaforicamente para designar algo desordenado e impetuoso. Assim, num movimento parafrástico, podemos dizer que o silenciamento imposto aos homens como forma de interdição, censura, causa emoções descontroladas que, por sua vez, acarretam, dentro de si, uma inquietação angustiante e difícil de conter. Dessa forma, o discurso produz um efeito de sentido sobre algo que vai se acumulando progressivamente até que chega a um ponto de extravasar, presente na materialidade linguística por meio da metáfora de um artefato que explode: *“chega uma hora que cê explode, né?”*. Importa, aqui, lembrar o dizer de Bandeira (2014, p. 450) sobre esse tipo de violência, que é aquela que

“ocorre motivada pelas expressões de desigualdades baseadas na condição de sexo, a qual começa no universo familiar, onde as relações de gênero se constituem no protótipo de relações hierárquicas”. Parece haver no discurso uma tentativa de justificar os atos de violência com o fato de terem acumulado anos de emoções reprimidas, o que, de certa forma, exime o agressor da culpa pelos seus atos.

Orlandi (2007, p. 29) afirma que o silêncio, em sua dimensão política, “pode ser considerado tanto como parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência)”. Cabe aqui, então, propor uma reflexão a respeito desse silenciamento aqui evocado insistentemente no intradiscursos (a partir dos gestos de análise das SDs anteriores): esse silêncio é parte da retórica do oprimido, na medida em que os indivíduos da sociedade machista patriarcal perpetuam os saberes do imaginário social de tal modo que ‘ensinam’ os meninos a reprimir seus sentimentos e, em decorrência disso, silenciar alguns dizeres ao longo de sua vida como forma de assegurar sua identificação com a posição-sujeito de homem machista? Ou é parte da retórica da dominação na medida em que o efeito desse silenciamento é usado nos discursos dos homens que se reconhecem com os saberes da FD machista para justificar comportamentos agressivos e violentos?

Interessante observar que não há uma afirmação categórica acerca do extravasamento das emoções contidas como sendo algo ruim, apreendida na formulação “*e talvez essa explosão não seja tão positiva*”. Essa modalização presente no discurso aciona uma forma de diminuir sua culpabilidade no ato de violência contra sua parceira. Assim, o sujeito-machista assujeita-se ao saber e ao poder dizer da FD machista, contudo, assume uma posição-sujeito diferente ao sustentar um discurso que desliza para outros sentidos sem, com isso, romper com a FD que o domina, revelando o caráter de heterogeneidade de uma dada formação discursiva.

Ao dizer “*a gente iniciou uma discussão, eu já tinha casado, tava casado e daí, no meio dessa discussão, eu acabei agredindo ela fisicamente, mas, assim, antes dessa agressão física, pô, a agressão psicológica era diária, né?*”, o sujeito identifica os causadores da discussão como “a gente”. Não é possível saber em detalhes quem ou o quê de fato iniciou a discussão. Há uma possibilidade de que o sujeito tenha optado por utilizar “a gente” para, mais uma vez, fugir da responsabilidade da ação, que culminou em um ato de agressão contra sua companheira.

É preciso lembrar que o silêncio imposto (como censura) não serve para calar o interlocutor, mas sim para impedi-lo de identificar-se com certas regiões do dizer

(ORLANDI, 2018). Nesse sentido, o sujeito não deixa de dizer sobre a violência e de se identificar como o agressor, porém, ao usar a formulação “acabei agredindo”, mobiliza um efeito de sentido de que foi algo que aconteceu “sem querer”, que, ao fim e ao cabo, ele não é um real agressor e que a agressão não passou de um descuido. Porém, do ponto de vista analítico, ocorre mais uma vez um movimento na identidade do sujeito que, ao tentar escapar da censura, faz uso da conjunção adversativa “mas”, seguida de uma confissão de ter cometido repetidos atos de violência psicológica. Ainda assim, o uso da interjeição popular “pô” no meio do discurso aponta novamente para uma tentativa de abrandamento da gravidade dos seus atos.

O gesto analítico sobre a interrogação, sinalizada nesta SD por meio do uso informal da expressão “não é?”, aciona um espaço de interpretação, pois, conforme afirma Pêcheux (1990, 2006) “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p.53). Por outro lado, dizer que toda descrição abre sobre a interpretação não é necessariamente supor que ela abre sobre ‘não importa o que’: a descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca necessariamente em jogo (através da detecção de lugares vazios, de elipses, de negações e interrogações, múltiplas formas de discurso relatado...) o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa sequência. (Ibidem, p. 54).

Desse modo, podemos dizer, com base em Pêcheux, que a interrogação presente, nessa SD, sugere um movimento de interação, por meio de uma resposta que, apesar de não ser dada explicitamente na materialidade da língua, ela significa. Há, portanto, um silêncio que não é preenchido por quem diz, mas por quem ouve/lê, mobilizando a posição-sujeito de quem não assume a responsabilidade pela violência psicológica que praticou contra sua companheira, mas deixa uma “lacuna” que remete ao fato de que esse homem deve ser culpado pelo gesto de violência praticado. Daí que a posição-sujeito oscila entre culpado e não culpado, ser responsabilizado ou não ser responsabilizado, caracterizando, assim, duas posições-sujeito dentro de uma mesma formação discursiva machista. Desse modo, entende-se que o silêncio produz um sentido endereçado aos saberes abrigados no interior do discurso machista, uma vez que não chega a romper, ou seja, se desidentificar plenamente com tal FD, apenas há uma suspensão do dizer, instaurando um espaço de produção de sentido. Como nos ensina Pêcheux (2006, p. 54):

“[...] é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio do linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação,

identificação, transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas pode-se organizar em memórias, as relações sociais em redes de significantes.”

Sabemos que a concepção de sujeito como unitária e a formação discursiva como homogênea são da ordem do desejo e do imaginário do sujeito (INDURSKY, 2005, p. 5), mas, em se tratando da tomada de posição do sujeito dentro de uma formação discursiva, o que há efetivamente é “um sujeito dividido em relação a ele mesmo e esta divisão do sujeito se materializa nas tomadas de posição frente aos saberes que estão inscritos na formação discursiva em que se inscreve” (ibidem). Há, portanto, na SD em análise, a mobilização de duas posições-sujeito de uma mesma FD: uma quer assumir a culpa pelos seus atos; e, outra que tenta isentar o sujeito da responsabilização por seus atos. Nota-se, pois, o caráter de heterogeneidade na FD, dado que as posições-sujeito, ainda que mobilizadas de modo diferente, permanecem identificadas com os saberes machistas.

A seguir, nas SDs de 10 a 12, os discursos produzem um efeito de sentido que aponta para uma certa inquietação com relação aos saberes da FD machista.

**SD10:** *e esse menino, quando eu olhei, ele tava chorando, ele tava super emocionado, ele era...foi o menino que mais se emocionou na roda e o tempo todo ele falava que ele tinha que ser o espelho do pai, né? e o pai era um homem super abusivo, batia na mãe e, no meio da oficina, ele descobriu que ele não queria ser, que ele não queria ser aquela pessoa.*

Na formulação “*e esse menino, quando eu olhei, ele tava chorando, ele tava super emocionado*”, o excesso, enquanto “acréscimo necessário ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem” (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 830), é evocado pelo uso repetido do termo “tava”, criando um efeito de sentido de um estado de ser momentâneo, algo inesperado, reforçando o fato de que o menino não costumava agir daquela maneira nas rodas de conversa.

Ao mesmo tempo, é possível também observar um *estranhamento*, como algo que “parece não caber ser dito num dado discurso” (ERNST-PEREIRA, 2009, p.2). Nas análises anteriores, observou-se, por diversas vezes, a mobilização de saberes referentes à FD machista, transparecendo em tais discursos o silenciamento como censura, ou seja, como interdição de alguns dizeres. Dentre esses dizeres, dois dos mais latentes e recorrentes são que



“homem que é homem não chora” e “homem que é homem não deixa transparecer suas emoções”, e que isso lhe é ensinado desde a infância. Fato é que esses dizeres acionam saberes pré-construídos de que o “homem machista” é forte, viril, competitivo, dominador e controlador e que, portanto, precisa manter suas emoções silenciadas. Então, a formulação “*e esse menino, quando eu olhei, ele tava chorando, ele tava super emocionado*” traz à tona o princípio geral do estranhamento, já que o menino ali referido “(es)tava chorando” e “super emocionado”. Ele não só estava emocionado, como é dito que “*ele era...foi o menino que mais se emocionou na roda*”.

Na formulação “*e o tempo todo ele falava que ele tinha que ser o espelho do pai, né?*”, apresenta-se aqui um sujeito (o menino referido no enunciado) assujeitado ao AIE Familiar (ALTHUSSER, 2010) e interpelado pela ideologia dominante, de acordo com a qual, os filhos devem seguir os passos do pai. No discurso em análise, esse pai é identificado como “*um homem super abusivo, batia na mãe*”.

Então, seguir os passos do pai significaria reproduzir tal e qual os rituais de homem cisgênero machista, que se enxerga como alguém em posição superior à de sua companheira, a quem trata de forma agressiva. Nesse momento, observamos uma mudança no movimento de sentido no discurso. No fragmento “*no meio da oficina, ele [o menino] descobriu que ele não queria ser, que ele não queria ser aquela pessoa*”, percebe-se um processo de desidentificação dos saberes da FD machista. O referente “aquela pessoa” evoca a figura do pai: abusador, violento, machista. Em um movimento parafrástico, o menino poderia enunciar “se for homem é ser como meu pai, não quero ser homem”, ou “não é esse modelo de masculinidade que quero para mim”, ou ainda “não quero ser identificado como um homem que bate em mulher”. Orlandi (2017, p. 207), baseando-se nos estudos iniciais de Pêcheux sobre o conceito de formação discursiva, postula que “os sujeitos, individuados, inscrevem-se em algumas, e não outras formações discursivas, identificando-se assim com certos sentidos, determinados pela relação com a ideologia, que resultam em determinadas posições-sujeito”. Algum tempo depois, Pêcheux reformula sua teoria e afirma que há uma modalidade de identificação do sujeito, na qual ocorre uma “uma desidentificação, isto é, uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito” (PÊCHEUX, 1995, p. 217). Assim, esse menino referido no discurso, que participava de uma roda de conversa sobre masculinidades com os colegas de classe em uma escola de ensino médio, deixa de se inscrever na formação discursiva, reflexo da ideologia que o interpela através do imaginário social do machismo e se identifica com outros sentidos.

**SD11:** “[...] até quando eu escutei a minha esposa dizer; ‘eu estou grávida’. (suspiros).

*Pronto, eu vou querer pra o meu filho coisas boa. Não vou querer o que meu pai fez comigo.”*

Na perspectiva da AD, o sujeito não tem acesso direto àquilo que o constitui como tal, haja vista que a ideologia e o inconsciente intervêm nesse processo. Ou seja, a transparência não é propriedade da língua nem do sujeito. Por isso, em cada gesto de análise, “tratamos, em discurso, da língua funcionando no mundo por e para sujeitos” (ORLANDI, 2017, p. 209). Tendo isso em mente, tem-se, nessa SD (SD11), um sujeito assujeitado à ideologia que o interpela no AIE familiar, cujos saberes incluem o papel do homem cisgênero casado, pai de família, cuja maior responsabilidade é a de ser o provedor do lar e aquele que zela pelo bem-estar de sua companheira e de seus filhos. Esses saberes estão cristalizados no imaginário social - o qual faz parte do funcionamento da linguagem - por meio das imagens que nos ligam às nossas condições reais de existência. Dito de outro modo, o imaginário “assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder” (ibidem). Sendo assim, a imagem que temos de um homem ou de uma mulher na nossa sociedade capitalista, patriarcal, extremamente marcada pelo machismo, é constituída no confronto do simbólico com o político e, ao identificar o modo como o imaginário atua na discursividade, buscamos chegar a compreender o modo como os efeitos de sentidos estão sendo produzidos.

Há também o assujeitamento à ideologia que o interpela no AIE familiar, segundo a qual, o filho deve seguir o exemplo do pai. Nessa SD, o sujeito se coloca no entrecruzamento desses dois saberes que se revelaram contraditórios: seguir o exemplo do pai, ou ser um bom pai para o seu filho. Observa-se que há um silêncio, representado na materialidade sob a forma de “suspiros”, que é o silêncio fundante, o silêncio enquanto elemento constitutivo do sentido. Orlandi (2007, p. 70, grifos do autor) afirma que “há injunção dos sentidos da linguagem em estar nos sentidos, sejam esses ‘feitos’ de palavras ou de silêncio. Não se pode não significar”. Considerando que a relação do homem com os sentidos se pratica em processo de significação diversos (ORLANDI, 2017), incluindo o corpo e o silêncio, depreende-se que o sujeito, ao suspirar (uma expressão corporal), evidencia um silêncio fundante, que deixa transparecer o efeito de sentido de uma inquietação que o assolava com relação ao papel de pai que deveria escolher. Ou seja, qual forma-sujeito de pai ele deveria assumir? A de um pai amoroso, zeloso, que provê o sustento do seu filho, que o protege e

contribui para um crescimento saudável tanto física quanto psicologicamente; ou, a do pai que ele teve?

Na formulação “*Pronto, eu vou querer pra o meu filho coisas boa. Não vou querer o que meu pai fez comigo*”, observa-se que há uma lacuna a ser preenchida sobre os detalhes do papel de seu pai em sua criação. É possível notar que seu dizer nos possibilita acionar outros efeitos de sentido, por exemplo, de que ele vai querer proporcionar para o seu filho o contrário do que recebeu de seu próprio pai, o que nos leva a compreender um não-dito que constitui o efeito de sentido a partir do que *falta* (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011), a saber, o de que seu pai não era um bom pai e que fazia coisas ruins com ele.

A fim de melhor embasar a análise em pauta, é relevante o que diz Pêcheux (2005, p. 56), sobre o fato de o discurso não dever ser tratado como “um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe”, visto que “todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos”. Ao encontro desse dizer, Indursky (2003, p. 103) assevera que os enunciados representam os saberes que estão contidos em uma estrutura que se apresenta de duas formas: a vertical e a horizontal. A estrutura vertical comporta os saberes pré-existentes ao discurso. Nela, o sujeito extrai seu discurso de uma rede de formulações pré-existentes e reinscreve seu dizer na mesma rede de formulações, instituindo um ciclo de repetibilidade. Em paralelo a isso, esses saberes mobilizados no discurso existem também em uma estrutura horizontal, que corresponde ao intradiscurso, a partir do qual, o discurso passa pelo processo de apropriação e sintagmatização. Dessa forma, a estrutura vertical aponta para uma existência anterior do enunciado, enquanto a horizontal indica uma forma atualizada do referido enunciado.

Na formulação em análise nessa SD, o sentido desliza dos saberes dominantes que se tem acerca do papel do homem para sentidos outros, porque há rupturas na estrutura, cujos discursos estabilizados pressupõem a repetibilidade. E essa “ruptura produz um acontecimento discursivo” (INDURSKY, *ibidem*, p. 118). Em outras palavras, a formulação em análise nessa SD está inscrita em uma memória social, a qual abarca os enunciados sobre o machismo. No entanto, ocorre a desestruturação-reestruturação do discurso, irrompendo em um acontecimento discursivo, no qual o sentido desvincula-se dos dizeres da FD machista, no momento em que o sujeito diz “Pronto, eu vou querer pra o meu filho coisas boa. Não vou querer o que meu pai fez comigo”.

**SD12:** *“Minha história é como a história de muitos homens assim, né? de um modelo masculino bem machista, com o qual eu não me identificava de maneira alguma, com a falta de referência de outras possibilidades de ser homem e aí esse conflito interno de como pertencer a esse mundo masculino sendo que eu não me identifico com ele.”*

Nessa SD, o sujeito já inicia o discurso se reconhecendo como um homem machista, porém, ao mesmo tempo, dizendo não se identificar com o que ele referencia como um “modelo masculino bem machista”. É possível apreender os efeitos de sentido, a partir dos gestos de análise de todas as SDs anteriores e de todos os dizeres que fazem parte do documentário *O silêncio dos homens*, sobre qual modelo de masculinidade é esse presente no dizer desse sujeito.

A interpelação ideológica é um ritual sujeito a falhas (PÊCHEUX, [1983] 1997) e, portanto, nenhum processo de assujeitamento pode ser completo ou imutável, até porque “o sujeito, no todo social, não ocupa apenas uma posição. Os mecanismos de resistência, ruptura (revolta) e transformação (revolução) são, assim, igualmente constitutivos dos rituais ideológicos de assujeitamento” (MARIANI, 1996, p. 24). Essa resistência ou ruptura é manifesta nessa SD (SD12), quando há no intradiscorso a formulação *“de um modelo masculino bem machista, com o qual eu não me identificava de maneira alguma”*. Reiteramos que esse “modelo bem machista” é constituído, entre outras coisas, dos sentidos que foram silenciados - porque certos dizeres são interditados na FD machista -, porém, “os sentidos silenciados podem retornar, redirecionando os sentidos hegemônicos do presente” (idem p. 38).

O discurso permite imaginar que, possivelmente, essa resistência ou ruptura o levarão, em alguma medida, a algum nível de transformação. No discurso, há um efeito de sentido presente de alguém que não se reconhece mais com os saberes compreendidos pela FD machista, mas que, no entanto, ainda não sabe bem como vai se constituir como homem identificado com uma forma-sujeito não machista, já que sua única referência para o modelo de masculinidade é proveniente de homens machistas. Quando o sujeito diz *“Minha história é como a história de muitos homens assim, né?”*, observa-se mais uma vez o uso da expressão “né?”, que parece apontar para um desejo do sujeito de obter de seu interlocutor a validação do seu dizer. Há um não-dito na formulação que remete a algo como “você sabe que eu não sou o único homem machista na face da Terra, certo?”, como se o fato de que isso acontecer com muitos outros homens pudesse amenizar seu sentimento de que teve comportamentos inadequados ao longo de toda sua vida até então (momento da produção do discurso). É

importante ressaltar que o uso do “né?” nas SDs 9, 10 e 12 configuram um excesso (ERNST-PEREIRA, 2009) importante no processo de análise, ao mobilizar efeitos de sentido de sujeitos que não parecem estar totalmente seguros de suas posições e que reclamam a confirmação/validação de seus dizeres.

A formulação “*com a falta de referência de outras possibilidades de ser homem*” mobiliza um efeito de sentido de que as pessoas mais próximas a ele eram homens que, filiados à FD machista, comportavam-se e produziam discursos a partir da posição-sujeito de homem machista. Há um não-dito presente no discurso que pode ser apreendido como “não quero ser igual a esses homens que serviram de referência para o modelo de masculinidade que me constituiu como o homem que sou até agora”, gerando nesse sujeito um conflito, materializado em seu discurso da seguinte forma: “*e aí esse conflito interno de como pertencer a esse mundo masculino sendo que eu não me identifico com ele.*” Aqui, observa-se o princípio da dissimetria entre sujeitos e sentidos no funcionamento discursivo da alteridade. A esse respeito, Orlandi (2017, p. 303) afirma que “não se pode passar de uma formação discursiva a outra, sem deslizamentos de sentidos”. Esse recuo da tomada de posição do sujeito com relação à sua identificação com os saberes da FD é o que permite, de acordo com Indursky (2005, p. 6), “a instauração da diferença e da dúvida [...] responsáveis pela constituição da contradição no âmbito dos saberes da Formação Discursiva”. Ou seja, há no interior da FD a presença do discurso-outro, da alteridade, o que caracteriza a FD heterogênea.

É interessante notar que, para alguns desses homens, socialmente identificados como machistas, ser “machão” chega a ser um motivo de orgulho. Há situações em que o dizer “sou machão” é carregado de efeitos de sentidos, tais como: sou forte, sou viril, sou dominador etc. Em determinados contextos sociais, esses homens sentem-se poderosos ao produzirem discursos dizendo sobre a grande quantidade de mulheres com quem já tiveram relação sexual (quanto maior o número melhor), sobre quantas (e quais) mulheres “perderam a virgindade” na sua mão; sobre como proibiram suas companheiras de trabalhar “fora”, de sair com as amigas, de usar determinadas roupas; de como agrediram outros homens que “folgaram” com eles etc.

Quando estão compartilhando esses dizeres em uma roda de conversa, esses homens não só se identificam com esses discursos, como também ratificam essas posições. Então, ao dizer desse conflito de “*como pertencer a esse mundo masculino sendo que eu não me identifico com ele*”, o sujeito produz um efeito de sentido sobre como será visto, ou como será tratado por esses homens machistas, a partir do momento que decidir não mais compactuar

com alguns comportamentos, ou não mais chancelar seus discursos. Há um questionamento a respeito de sua filiação à FD machista, a partir de um discurso de resistência, e, paralelamente a isso, o sujeito aponta para uma instabilidade com relação a sua própria identidade. Na medida em que ele próprio interdita, pela via da desidentificação, sua inscrição na FD machista, rejeitando alguns sentidos que o impedem de se identificar plenamente com saberes da forma-sujeito machista, sua identidade é então afetada (ORLANDI, 2018). O sujeito parece, então, estar no processo de reconhecer outros saberes de uma FD não machista que o constituirão em um homem identificando-se com uma posição-sujeito diferente daquela que ocupava.

No gesto de análise da SD em questão, mais uma vez observa-se que há um movimento de desidentificação com as redes de formulações da FD machista. O sujeito, então, inaugura uma nova rede de formulações, ou seja, a partir da ruptura, o sentido derivou, transformando-se em outro, configurando um acontecimento discursivo, que desestabiliza a memória, Vale reiterar que o acontecimento discursivo “faz trabalhar a memória do dizer, a estrutura, o repetível, provocando um reordenamento no que pode ser dito: o que antes era da ordem do não-dito, do impensável aparece, agora, como o que pode/deve ser dito. (INDURSKY, 2003, p. 115). Com base nisso, observa-se na formulação da SD em questão que o sujeito passa a se desidentificar com os saberes e os dizeres possíveis dentro da FD machista e põe em xeque sua própria identidade quando faz a seguinte formulação: “*e aí esse conflito interno de como pertencer a esse mundo masculino sendo que eu não me identifico com ele*”. Assim, observa-se, o acontecimento discursivo, que reclama sentidos, a partir do estabelecimento de um novo sítio de significância, constituindo novas redes de formulações (INDURSKY, 2003).

Após realizado o percurso analítico dos efeitos de sentido que irrompem nas sequências discursivas aqui apresentadas, serão feitas, no próximo capítulo, as considerações e ponderações finais acerca do funcionamento discursivo do silêncio nesta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa iniciou-se traçando um breve panorama histórico-cultural acerca do papel do homem e da mulher na sociedade capitalista ocidental desde o século passado até os dias atuais. Por meio dele, buscou-se demonstrar que o modelo de relações sociais que legitimam esses papéis (de homem e de mulher) é majoritariamente patriarcal, baseado em relações assimétricas de poder, nas quais o homem - sobretudo o homem branco, ocidental e cisgênero - assume uma posição hierarquicamente superior às mulheres nas mais diversas esferas da sociedade. Nesse cenário, é esperado que as mulheres tenham comportamentos sociais voltados para o ambiente doméstico, envolvendo o cuidado com os filhos, além da atenção ao cônjuge, a quem deve demonstrar uma atitude de obediência, passividade, altruísmo e subordinação.

A reprodução desses papéis atribuídos aos homens e às mulheres, por meio da organização assimétrica de normas sociais relacionadas ao comportamento esperado de um e de outro - contribui para a propagação de modelos de masculinidade e feminilidade (LARAIA, 1986; MACHADO, 2001; MINAYO, 2005), que, via de regra, impõem às mulheres uma situação de desvantagem com relação aos seus direitos mais básicos.

A preocupação com os desdobramentos resultantes da desigualdade de gênero levou a ONU a promulgar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1946, na qual declara “que todos os direitos e liberdades humanos devem ser aplicados igualmente a homens e mulheres, sem distinção de qualquer natureza”. A partir de então, organismos públicos e organizações não governamentais passaram a se mobilizar, criando leis e promovendo ações que visem garantir o alcance da igualdade entre homens e mulheres dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo. Toda essa mobilização, aliada ao fato de que as mulheres passaram a ter maior escolarização<sup>11</sup>, tem feito com que muitas delas se recusem a continuar na condição de submissão e inferioridade, assumindo, pela via do conhecimento e do engajamento em redes de enfrentamento à discriminação contra a mulher, um novo papel na sociedade atual, na qual o estereótipo de que as mulheres são intelectualmente inferiores tem cada vez menos espaço.

---

<sup>11</sup> Segundo o Censo de 2010, o número de mulheres com idade igual ou superior a 25 anos com nível superior dobrou em uma década.

Embora seja possível vislumbrar alguns avanços desde a Declaração dos Direitos Humanos, há muito caminho ainda por ser percorrido. Ao mesmo tempo em que há um aumento da participação da mulher nos ambientes externos por conta da necessidade de mercado e de assumir a renda familiar, observa-se que essa participação social ainda acontece de forma bastante desigual. As mulheres ainda são, muitas vezes, submetidas a uma convivência com um modelo de masculinidade que se mostra violento e opressor, quer seja no âmbito privado, quer seja nos ambientes externos. Dando continuidade a essa luta, o documento intitulado “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável”, lançado pela ONU em setembro de 2015, prevê em seu quinto objetivo “alcançar a igualdade de gênero” e, para tanto, incentiva parcerias entre instâncias dos poderes judiciário, legislativo e executivo, nos níveis federal, estadual e municipal com vistas a implementar leis e políticas públicas que garantam a igualdade de direitos de homens e mulheres.

Parte dessas ações passa pela resignificação do modelo de masculinidade, segundo o qual muitos homens sentem-se encorajados a ter comportamentos violentos sob a alegação de que precisam defender sua honra, sua imagem de “machão” e precisam impor sua dominação sobre suas companheiras e filhos. Uma dessas ações, desenvolvida pela iniciativa Papo de Homem, foi a produção do documentário intitulado *O silêncio dos homens*, no qual homens e mulheres refletem e dão depoimentos a respeito do que pensam sobre o modelo de masculinidade imposto a meninos e homens. Em grande parte desses depoimentos, os participantes do documentário abordam o tema da masculinidade tóxica e tratam sobre o silenciamento a que os homens são submetidos e o impacto em seu comportamento, bem como quais são as consequências disso para sua própria vida e para os que estão à sua volta. Indiretamente, o documentário chama a atenção para o machismo estrutural, tão arraigado em uma sociedade, cujas relações de poder são predominantemente regidas pelo patriarcado.

As vozes presentes no documentário conclamam a todos para que lancemos, enquanto sociedade, um novo olhar para esse modelo de homem “machão”, reconhecidos como aqueles que têm força, virilidade e racionalidade a ponto de não chorar e não falar de seus sentimentos, já que são esses mesmos homens que costumam ter comportamentos mais violentos e que se mostram incapazes de um diálogo mais equilibrado e de práticas mais conciliatórias. Para além das imposições legais previstas para o combate e a punição de comportamentos agressivos e violentos, os quais podem até resultar em morte, é cada vez mais urgente que haja um debate público sobre os atributos do que conhecemos como “ser homem” e sobre como esse modelo de masculinidade, que tantos impactos negativos têm causado, foi aceito por tanto tempo. Esses homens que não falam de seus sentimentos, não



cuidam de sua própria saúde física e/ou mental, que não podem demonstrar sensibilidade ou fragilidade são os que, via de regra, resolvem seus conflitos de forma agressiva ou violenta e que tratam mulheres e crianças como seres inferiores. Esse modelo de masculinidade não pode mais ser aceitável em uma sociedade que pretende ser mais justa e igualitária.

Atendendo a essa conclamação, houve, num primeiro momento, uma curiosidade acerca dos dizeres sobre o machismo que estão circulando em contextos sociais, nos quais há um posicionamento de enfrentamento dos estereótipos dos papéis de homem e mulher na sociedade, concomitantemente a uma busca pelo estabelecimento das condições necessárias para que haja, efetivamente, igualdade de direitos para homens e mulheres. Em meio a essa busca, o documentário *O silêncio dos homens* foi produzido pela iniciativa Papo de Homem em 2019, a partir de entrevistas com mais de 40 mil pessoas, com foco em refletir sobre o modelo de masculinidade imposto a meninos e homens, bem como em analisar em que medida o silêncio a eles imposto tem efeitos nocivos na construção e na identificação desse modelo, a que designamos, no senso comum, de “masculinidade tóxica”. A produção audiovisual, que contou com o apoio do Movimento Eles por Elas (*He for She*) da ONU Mulheres, apresenta dados e conversas com homens e mulheres, alguns dos quais são especialistas da saúde mental, da sociologia e da área do direito penal.

Diante desse contexto, a pesquisa buscou compreender qual análise esses homens, considerados machistas, faziam de si mesmos e como eram vistos por seus pares, por suas parceiras e filhos e por especialistas que estudam o machismo estrutural. Para tanto, mobilizou-se o dispositivo teórico da Análise de Discurso Pecheuxtiana para proceder à análise da transcrição das falas, a fim de delimitar quais recortes discursivos possibilitariam, por meio de gestos de interpretação, chegar a uma compreensão dos efeitos de sentidos acionados nos discursos sobre o machismo. O *corpus* foi, então, composto de recortes discursivos que tratavam essencialmente dos seguintes subtemas: 1. o silêncio imposto aos homens; 2. a relação entre o silenciamento e o comportamento agressivo; 3. a violência contra a mulher; e, por fim, 4. o movimento de resistência de alguns entrevistados em seguir demonstrando essas características atribuídas aos homens machistas. Desses recortes, foram selecionadas doze sequências discursivas, a partir das quais, procedeu-se à análise, por meio do dispositivo teórico-analítico da AD, buscando compreender os efeitos de sentido que emergiram sobre o machismo e de que modo a ideologia que interpela os sujeitos desses discursos era manifesta na materialidade linguística.

Antes de iniciar os gestos de análise, foi possível observar, nos capítulos 1 e 2, os aspectos que compõem o contexto sócio-histórico e ideológico dos discursos sobre o

machismo; e, no capítulo 3, delineou-se o contexto mais imediato, com as informações relacionadas às condições de produção do documentário.

Os gestos de interpretação das sequências discursivas permitiram depreender que o silêncio de que tanto tratam os participantes do documentário e, mais especificamente, dos sujeitos que produziram os discursos das SDs selecionadas, é o *silêncio como censura*, que interdita alguns dizeres desses homens que ocupam a posição-sujeito de homem machista. Esse silêncio é da ordem do político e, portanto, não é aquele que somente faz calar, mas aquele que permite dizer algumas coisas para não dizer outras, incorrendo no apagamento de certos sentidos que, embora possíveis, são proibidos (ORLANDI, 2007, 2012).

Pela atualização da memória discursiva no intradiscorso, os homens que se identificam com os saberes da FD machista têm seus dizeres sobre seus sentimentos, seus medos e suas angústias interditados. Especialmente nas SDs de 1 a 3, foi possível observar discursos identificados com uma posição-sujeito de homem machista e cisgênero, nos quais o funcionamento do silêncio como censura é mobilizado, ao dizerem reconhecer que há uma reprodução de saberes sobre ser homem que atua como uma herança familiar, mas que está sendo refletida por eles, na condição de homens adultos, que vivem numa sociedade em que as relações de poder se manifestam de diferentes formas, em diferentes AIEs, como nos diz Althusser (2010). Esse silenciamento atua interditando os sentidos que deixam transparecer medo, insegurança, sensibilidade ou qualquer demonstração de fragilidade ou vulnerabilidade que possa, de alguma forma, depor contra sua imagem de homem forte, dominador e controlador. Nesse processo discursivo, os sujeitos acionam em seu dizer o pré-construído de que homem “que é homem de verdade” não chora, nem expõe seus sentimentos.

Nas SDs de 4 a 6, os efeitos de sentidos produzidos sinalizam que os homens que se identificam com a FD machista são aqueles que têm seus dizeres sobre as questões emocionais interditados e que, ao mesmo tempo, precisam demonstrar que são fortes o tempo todo, fatores esses que, associados, levam esses sujeitos a extravasar suas emoções reprimidas por meio de atos de violência contra si próprios ou contra pessoas do seu convívio (família, amigos, colegas de trabalho etc.), os quais podem inclusive resultar em morte (suicídio, homicídio e feminicídio). Isso implica dizer que os códigos compartilhados na nossa sociedade acerca do que é ser “homem de verdade” são os que os induzem a se constituírem enquanto sujeitos de discursos e a se comportarem de um modo tal que ameaça sua própria integridade física e a de terceiros.

Dentre essas ameaças, a que, infelizmente, mais tem sido noticiada é contra as mulheres. Os casos de violência (física, psicológica, moral e financeira), bem como os de

feminicídio têm aumentado vertiginosamente. Observou-se, nos capítulos 1 e 2, como os saberes enraizados no imaginário social reforçam a ideia de que o lugar social de mulher pressupõe a submissão ao seu cônjuge, o que significa, entre outras coisas, que a mulher deve consentir em permanecer ao seu lado (no relacionamento) enquanto ele assim desejar. No momento que a mulher decide pôr fim ao relacionamento - muito frequentemente devido ao comportamento abusivo e/ou agressivo do cônjuge -, esta passa a enxergá-la como alguém que não está se submetendo adequadamente e, por isso, merece ser punida. Na perspectiva da AD, isso implica dizer que, no processo discursivo nas SDS de 7 a 9, ocorre o assujeitamento ao AIE Religioso (ALTHUSSER, 2010), cuja ideologia interpela os sujeitos a partir de uma visão cristã, segundo a qual as mulheres devem se submeter incondicionalmente aos seus cônjuges. Os sujeitos são, também, assujeitados ao AIE da Família, que perpetua esses mesmos valores.

Foi justamente por demonstrarem reconhecer que toda essa gama de ações e pensamentos que os constituíam como homens machistas, evidenciadas nos discursos das SDs de 1 a 9, era algo que estava lhes custando caro demais, que alguns dos indivíduos entrevistados demonstraram um desejo de mudança. Na perspectiva da AD, chegou-se à compreensão de que esses sujeitos, ao se darem conta do processo de reprodução dos saberes da FD machista, sendo perpetuados de geração a geração, manifestam em seus discursos uma vontade de transformação. Podemos relacionar isso ao que diz Pêcheux (1995), como sendo um dos modos de deslocamento da forma-sujeito, ao que compreendemos, no caso do *corpus* aqui analisado, ter produzido um pre(tenso) deslocamento. Um dos modos como isso foi mobilizado no fio do discurso ocorreu quando o sujeito quebrou o silêncio como censura, deixando à mostra sua vulnerabilidade, num gesto de identificação com uma forma-sujeito que busca não mais reproduzir os saberes machistas com os quais anteriormente se identificava. Essa contraidentificação dos sujeitos com os saberes da FD machista pôde ser apreendida nos gestos de interpretação de algumas das SDs já mencionadas, mas o movimento de desidentificação foi principalmente observado nas SDs de 10 a 12.

Enfim, através desta pesquisa, foi possível refletir sobre a linguagem, enquanto um dos elementos constitutivos do processo discursivo que, no *corpus* analisado, se deu sob determinadas condições sociais e ideológicas, tematizando o machismo estrutural e suas tenebrosas ramificações na vida dos homens, mulheres e crianças brasileiras, compreendendo os efeitos de sentidos apreendidos no dizível, mas também no silêncio da ordem do não dizível.

Como palavras que sinalizam um efeito de conclusão para este estudo, que não buscou desvelar as reais causas dos comportamentos machistas e suas consequências desastrosas em nossa sociedade, espera-se ter lançado as sementes para que outros pesquisadores, imbuídos da tarefa de buscar compreender os mecanismos que regem as relações de poder na nossa sociedade capitalista, ocidental e patriarcal, possam, por meio da ciência, seguir abrindo caminho na direção de uma sociedade verdadeiramente mais justa e equânime, onde homens e mulheres tenham seu direito à existência e integridade física, moral e psicológica preservados. As leis que punem atos de violência, homicídios e feminicídios são extremamente imprescindíveis no sentido de coibir as manifestações decorrentes do machismo estrutural. Contudo, só as leis não bastam. É preciso haver políticas públicas que promovam a ressignificação dos papéis do homem e da mulher na sociedade, bem como a conscientização sobre a igualdade de direitos para ambos. Por fim, é mister reiterar que o silêncio discursivo atua sob a forma de censura de certos dizeres e, como é de conhecimento de todos, toda censura caminha invariavelmente ao lado da opressão, que subjuga os indivíduos e os impede de manifestar suas emoções – quer seja em atitudes, quer seja em seus discursos -, reprimindo uma parte importante da natureza humana que há em cada um de nós. Quando os homens forem capazes de compreender que falar dos sentimentos demonstra, de fato, certa vulnerabilidade e que, para isso, é preciso muita coragem, será possível construir uma sociedade com homens essencialmente humanos.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos do Estado. *In: Zizek, S. (org.) Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. P. 105-142.

AMARAL, Priscila Cavalcante do; VINHAS, Luciana Iost. **Discurso Transverso**. *In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.)*. Glossário de termos do discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

ÁVILA, Suzana Schemechel. **Ele contra ela**: uma análise de discursos de mulheres vítimas de violência doméstica. (Dissertação de Mestrado) UFPEL, 2021.

**Declaração dos direitos humanos**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 20 out. 2020.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, ago. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>. Acesso em: 21 out. 2020.

BEZERRA, Julio. **Documentário e jornalismo**: propostas para uma cartografia plural. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Casa Civil, 1988. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao>. Acesso em: 16 set. 2020.

BRASIL. **Balanco 2019**: Ligue 180 Central de Atendimento à Mulher. Brasília, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), 2020. Disponível em: <file:///home/chronos/u-9642ae96e135dae7df58091db9712bc4c7f29d40/MyFiles/Downloads/Relat%C3%B3rio-2019-Balanco-ligue-180.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

BRASIL. **Cartilha - Ligue 180**. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/cartilhas/protecao%20a%20mulher/BOOKLET%20180%20EM%20ORDEM.pdf/view>. Acesso em: 27 set. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 19 jul. 2020.

BRASIL. Lei n. 13.104, de 10 de março de 2015. **Lei do Feminicídio**. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm). Acesso em 19 jul. 2020.

CASTILHO, Ela Wiecko Volkmer de; OMOTO, João Akira *et al.* (org.). **Perspectivas de gênero e o sistema de justiça brasileiro**. Brasília: ESMPU, 2019.

COELHO, Naiara; VOLOTÃO, Amanda. Não serei interrompida: o processo de silenciamento feminino no espaço político brasileiro. **Dossiê**. Vol. 06, n. 02 - Abr. - Jun., 2020.

COSTA, Graciely, Cristina da. **Discursos sobre a milícia**: nomes, vozes e imagens em movimento na produção de sentidos. 2011. Tese (Doutorado em Linguística), Campinas, UNICAMP, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/.../Costa...> Acesso em: 16 abr. 2021.

ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. *In*: Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 4., 2009, Porto Alegre, RS. **Anais do IV SEAD**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ERNST-PEREIRA, Aracy; MUTTI, Regina Maria Varini. O Analista de discurso em formação: apontamentos à prática analítica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, set./dez. 2011.

FERNANDES, Maria da Penha Maia. **Sobrevivi...: posso contar**. 2.ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

GADET, Françoise.; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. (1991). A língua inatingível. Entrevista. Tradução Sérgio Augusto Freire de Souza. *In*: **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2015. p. 93-106.

GELEDES. **O machismo também mora nos detalhes**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>. Acesso em: 19 nov. 21.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 4.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

INDURSKY, Freda. LULA LÁ: Estrutura e acontecimento. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, 2003. DOI: 10.22456/2238-8915.30020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30020>. Acesso em: 25 jul. 2022.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO-SEAD, 2, p. 1-11, 2005. Porto Alegre. **Anais eletrônicos [...]** Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: [http://anaisdosead.com.br/sead2\\_simposios.html](http://anaisdosead.com.br/sead2_simposios.html). Acesso em: 19 maio 2021.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores sociais das mulheres no Brasil** – 2a edição. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=resultados>. Acesso em: 19 nov. 2021.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEANDRO-FERREIRA, M.C. (org). **Glossário de Termos do Discurso**: edição ampliada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violências**: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. Brasília: UNB, 2001.

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. **O estudo do gênero pelo viés discursivo**: refletindo sobre a dualidade masculino/feminino e sua relação com a escrita. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. *E-book*. Disponível em:  
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7120/000539414.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 fev. 2021.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). (Tese de Doutorado) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico**: gênero essencialmente autoral. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – set. 2001. Disponível em:  
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>. Acesso em: jun. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, vol. 10, n. 1, p. 23-26, jan./mar. 2005.

**O SILÊNCIO dos homens**. Direção: Ian Leite; Luiza de Castro. Produção: Papo de Homem e Instituto PdH. [S. l.]: Monstro Filmes, 2019. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&t=218s>. Acesso em: 16 fev. 2020.

ONU MULHERES. **Eles por elas**. [S.l.], 2020?. Disponível em:  
<http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. Ed., Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, tu ele**: discurso e real da história. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni P. (Org) **Análise De Discurso**: Michel Pêcheux 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4.ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

ORLANDI, Eni. P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (1990) **Terra à vista – Discurso do Confronto**: Velho e Novo Mundo. 2ª Ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. **Terra à vista**. Discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas, SP: Editora Unicamp: 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi [*et.al.*]. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Sampaio Corrêa Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997 a. p. 61–105.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, FRANÇOISE; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Sampaio Corrêa Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997 b. p. 163–235.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, FRANÇOISE; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Sampaio Corrêa Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997 c. p. 311-319.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

SENTAR. In: **Dicionário Michaelis online**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sentar>. Acesso em: 21 maio 2022.

VALADARES, Guilherme Nascimento. **Papo de homem**. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo/>. Acesso em: 25 abr. 2020.



**APÊNDICE A** – Transcrição do documentário *O Silêncio dos Homens* na íntegra

**José Antônio Ciríaco Neto (agricultor e aluno Serta):** Pelo que o meu pai nos criou, ele sempre dizia, se não fizesse o que ele mandasse fazer, o cacete rolava.

A gente não tinha a liberdade de sentar com ele assim: “Pai, eu quero conversar com o senhor”. A gente não teve isso. Quando ele sentava pra conversar, já era com a tabica na mão.

Reunia os menino, o meus irmão, pra que um batesse no outro. “Você hoje vai cortar uma tabica pra bater em quem errou”. Então, tudo isso veio uma consequência que me oprimiu até quando eu escutei a minha esposa dizer; “eu estou grávida”. (suspiros). Pronto, eu vou querer pra o meu filho coisas boa. Não vou querer o que meu pai fez comigo.

**Guilherme M. Valadares (Fundador do PAPODEHOMEM e professor de equilíbrio emocional):** Eu já fui muito agressivo com as mulheres que eu ameí, muito agressivo comigo e... o quanto que eu já me tranquei, o quanto que eu já fui violento com amigos, com pessoas que eu trabalhava. Eu achava que o meu jeito era ok. Só que eu não aceitava minha namorada dirigir, eu tinha que dirigir, mesmo que eu tivesse bêbado. Eu não aceitava quando a minha palavra não era respeitada como eu achava que tinha que ser no ambiente de trabalho. Então eu tinha uma série de teorias e crenças sobre o que eu achava que um homem tinha que ser.

**Ismael dos Anjos (fotógrafo, jornalista e pesquisador de masculinidades):** É muito comum a gente ouvir ou sentir que a gente precisa, como homens negros (no meu caso, ainda que de pele clara), ser melhor do que os outros pra chegar em algum lugar. Se você não for dez vezes melhor do que o menino branco que tá na sua sala, cê não vai chegar nem perto do lugar que ele vai chegar. Então, durante muito tempo, eu tentei mirar numa construção do que seria ser um homem cada vez melhor, pra depois entender que o meu aspiracional naquela hora era virar um homem branco, era tentar ser um homem que eu nunca ia chegar a ser.

Voz 1: Pra ser macho, tem que viril, tem que ser competidor.

Voz 2: Homem mesmo tem que tá na roça, tem que cuidar do gado, tem que ir pro arado.

Voz 3: O homem sai pra trabalhar e traz o sustento da casa, e a mulher fica em casa lavando louça, cuidando dos filhos, limpando a casa

**Ed René Kivitz (pastor da Igreja Batista de Água Branca):** Deus mandou assim. Deus disse que homem é isso, mulher é isso, que família é isso. Ou você está fazendo a vontade de Deus, ou você está no pecado. Esses estereótipos de que eu não preciso de ajuda, homem não chora, que aparentemente são expressões de força, de potência, na verdade, são grandes expressões de covardia, de medo, de temor de ser explícita e publicamente fraco e vulnerável. Quebrar o silêncio a respeito de sua própria fraqueza e vulnerabilidade é uma forma de humanizar-se.

**Eduardo Chakora (psicólogo e pesquisador em masculinidades, gênero e saúde):** Os homens, eles desde pequeno, eles têm que forjar uma identidade masculina, que é essa imagem onde é baseada na força, na não sensibilidade, é como se a parte emocional, a parte afetiva não pudesse vim à tona, né? E isso cria uma camisa de força dentro do universo masculino, né? É como se os homens crescessem muitas vezes com suas emoções todas trancafiadas. Isso, pra mim, explica muito por que que os homens têm que competir o tempo inteiro, ou botar sua vida em risco o tempo todo pela honra, ou, entendeu? pra provar que é homem, pra não levar um desaforo pra casa, né? Então, assim, os códigos que nós estamos passando e vivendo na sociedade, eles são extremamente ameaçadores pros homens, porque os homens, eles se matam e eles matam aos outros.

**Ismael dos Anjos (fotógrafo, jornalista e pesquisador de masculinidades):** Eu acho que ser capaz de identificar poucos sentimentos, não ser capaz de nomear o que se sente é um dos motivos que levam vários homens a usar a violência como linguagem. Essa linguagem vai perpassar a relação com ele, mas com outros homens, com mulheres, com filhos. Talvez não seja a coisa mais urgente, mas talvez seja a coisa que mais atinja várias das coisas urgentes que a gente precisa endereçar.

**Narrador:** O que os homens estão escondendo por trás de tantos silêncios? Pra discutir masculinidades, é essencial abrimos essa caixa. 83% das mortes por homicídios e acidentes

no Brasil tem homens como vítimas. Eles vivem 7 anos a menos que as mulheres e se suicidam quase quatro vezes mais. 17% deles lida com algum nível de dependência alcoólica. Quando sofrem o abuso sexual, demoram em média 20 anos até contarem isso pra alguém. Cerca de 30% enfrentam hoje ejaculação precoce ou disfunção erétil. Homens são 95% da população prisional no Brasil, sendo que a maior parte dos encarcerados são jovens, periféricos e com ausência de figura paterna. Negros e LGBTs sentem muito mais boa parte disso. Mesmo diante desse cenário, apenas 3 em cada 10 homens possuem o hábito de conversar sobre seus maiores medos e dúvidas com seus amigos. Os homens sofrem, mas sofrem calados e sozinhos.

**Fred Mattos (Psicólogo clínico e escritor):** A abertura emocional tem a ver com você dizer ‘Cara, eu tô com medo de não ser competente no meu trabalho’, ‘Eu tô com medo de perder a minha parceira ou o meu pai tá muito doente e eu não sei como reagir em relação a ele, eu não sei o que falar, e eu tenho um monte de coisas engasgadas aqui que eu não consigo dizer...’. Isso é abertura emocional e eu não preciso fazer isso chorando ou dizendo que eu sou um coitado.

**Guilherme M. Valadares (Fundador do PAPODEHOMEM e professor de equilíbrio emocional):** Quando você escolher falar do que tem dentro, você não vai ser menos homem por isso. Quando um amigo escolher fazer isso, o seu pai, o seu filho, o seu irmão, não faz pouco disso. Pergunta por que que ele tá falando isso, o que que ele sente.

**Fred Mattos (Psicólogo clínico e escritor):** Acho que um problema que pode surgir quando a gente fala do silêncio dos homens é pensar: ‘Bom, os homens tão o tempo todo falando, se impondo, interrompendo as mulheres em tudo o que elas estão falando’. Eles estão em lugares de poder, como assim os homens estão em silêncio? O que eu mais ouço é a voz de homem falando. É que tem uma diferença entre falar e se revelar de fato. Então, quando um homem fala verbalmente, ele está ocultando muitas camadas de profundidade emocional que ele tem. Ele fala pra sustentar uma imagem.

**Cristiano Alcântara (coordenador pedagógico):** A escola tem um papel muito grande neste contexto de ‘O que eu coloco pra reforçar ou questionar o que é esta masculinidade?’.

**Raquel Franzim (Coordenadora de Educação - Instituto Alana):** Um exemplo que eu gosto de dar, até por ter sido professora de creche, é que a gente aceita os meninos sujos, com o nariz escorrendo, com uma troca de fralda demorada, o que com as meninas a gente tem uma tolerância menor, mas com os meninos a gente vai deixando e, com os bebês e meninos negros, a gente deixa ainda pro final da fila. Eles são os últimos a serem cuidados e, quando essas expressões partem dos meninos...quando os meninos, por exemplo, têm essa iniciativa de abraçar, a gente ensina rapidamente eles a dar a mão, bate no ombro... não à toa os meninos, é esperado que eles sejam ativos, dominadores, controladores, em detrimento de uma vida interior cada vez mais...é...sob controle e diminuída.

**Cristiano Alcântara (coordenador pedagógico):** O sentido de ser de estarmos no coletivo é que o coletivo nos humaniza. Então eu aprendo a ser um ser humano. Eu posso ser um ser humano mais afetivo ou menos afetivo mediante as experiências que eu vivencio.

**Narrador:** Desde a primeira infância, os meninos crescem praticamente sem ver homens exercendo cuidado. Só 2% dos educadores nessa fase são homens, assim é natural acharem que isso não é pra eles e que não aprendam a cuidar de si, dos outros e nem do ambiente ao redor. O desempenho escolar dos meninos vem caindo em vários dos países desenvolvidos e também no Brasil. Eles estão desistindo mais dos estudos, entrando menos na faculdade e conquistando menos diplomas. Eles parecem estar cada vez mais sozinhos e confusos . Um em cada quatro homens de até 17 anos afirma se sentir solitário sempre e 37% deles nunca conversou com ninguém sobre o que significa ser homem. Será que estamos oferecendo aos meninos referenciais saudáveis para compreender e expressar sua masculinidade?

**Workshop Plano de Menino - ETEC Pirituba - São Paulo**

**Viviane Duarte (Fundadora do Instituto Plano de Menina e Plano de Menino):** Não é todo mundo ser humano? Todo mundo não tem carne, osso, sentimento? Quem disse que o cara não pode demonstrar sentimento? Então é essa cena que a gente vai fazer”. A gente começou o plano de menina especialmente com as meninas. A gente descobriu o ano passado que era urgente a gente falar com os meninos também. E as meninas trouxeram essa demanda pra gente. Os meninos começaram a ficar muito mais violentos na escola, por conta das meninas estarem mais informadas, identificarem o racismo, o machismo, o assédio. Antes era porque a gente não tinha informação que a gente sofria. Agora a gente também tá sofrendo porque a gente tem informação e tá sendo mais pesado.

Aluno 1: Meu Deus, que decepção! Um filho que prefere vôlei do que futebol. Cadê aquela camiseta do São Paulo que eu te dei?

Aluno 2: Ah, eu não gosto de futebol, eu não torço pra nenhum time.

Aluno 1: Nenhum time “memo”?

Aluno 2: Nenhum.

Aluno 1: Que decepção! Vai já pro seu quarto!

**Ana Heloisa Alves da Silva (estudante):** A gente insistiu tanto pra que os meninos tivessem também uma roda de conversa, pra justamente ser algo que a gente crescesse juntos, pra que tanto as meninas quanto os meninos pudessem entender que não é uma guerra. A gente precisa crescer junto como sociedade, como grupo mesmo.

**Juan Alberto Dutra da Silva (estudante):** E eu vejo hoje principalmente com o Plano de menino que ser homem é muito além de “tipo” gostar de mulheres ou ter um órgão masculino e etc. É muito além disso.

**Viviane Duarte:** Eu lembro que, na primeira... na nossa primeira oficina, tinha um menino que hoje é um dos nossos principais ... é...multiplicadores na escola. Com as oficinas, ele vinha para acompanhar os amigos e ficar tirando sarro, né? e esse menino, quando eu olhei,

ele tava chorando, ele tava super emocionado, ele era...foi o menino que mais se emocionou na roda e o tempo todo ele falava que ele tinha que ser o espelho do pai, né? e o pai era um homem super abusivo, batia na mãe e, no meio da oficina, ele descobriu que ele não queria ser, que ele não queria ser aquela pessoa. A gente tem esse feedback da diretoria, das próprias meninas que os meninos mudaram bastante em relação ao comportamental. É ... aquele assédio, aquela brincadeira boba, eles pararam com isso, começaram a respeitar mais, começaram a defendê-las, então eles têm sido esses agentes de transformação. Viraram nossos aliados, né? Então a gente começou uma conscientização o ano passado com os meninos e começou a promover as rodas de conversa, falar também sobre sexualidade, os meninos têm uma questão muito forte em relação à objetificação da mulher, que tá muito ligada à pornografia na internet também, né? Então essa geração, ela tem um acesso muito fácil a corpos, a sexo e tudo isso interfere também na visão que tem do outro, né?

**Claudio Serva (fundador do Prazelele):** O consumo de pornografia atualmente nos meninos começa na fase de 8 a 9 anos de idade, quer dizer, uma coisa muito precoce, né? Então, esses meninos vão para as relações com uma ideia muito distorcida do que é uma possibilidade de troca, né, entre duas pessoas pelo menos e, também, eles vão muito com essa necessidade da performance, né, da penetração e de performar e acaba que não dá muito certo na prática. Sem falar no grande problema que é o vício em consumo de pornografia, né? Tentaram recentemente fazer uma pesquisa com os jovens que não consumiam pornografia e jovens que consumiam pornografia. Não conseguiram realizar a pesquisa, porque não encontraram esse grupo de jovens que não consome pornografia.

Hoje, a gente vai entrar um pouco em anatomia avançada, a ideia de hoje é falar um pouco também de ritual a dois, de prática para casal, né, e auto também um pouco de rituais individuais...o curso que eu dou tem o nome de “tudo o que o seu pai não te ensinou: sexo e sexualidade”, porque eu fiz uma pesquisa com homens e eu vi que, de fato, os homens não têm essa figura ou muito poucos têm uma figura de um homem mais maduro, um homem mais velho, com um emocional mais maduro pra que possa ter uma conversa.

**Fred Mattos:** Quando eu penso na figura do meu pai, eu tenho dificuldade de lembrar momentos em que se conversava sobre...sobre sexo assim. Uma vez eu me lembro que ele me flagrou me masturbando e foi uma coisa muito vergonhosa pra mim, e ele deu um tempo, aí

ele voltou, sentou do lado da cama e falou: ‘filho, normalmente essas coisas que a gente faz em relação a sexo a gente não pode fazer logo depois que a gente almoça porque pode dá congestão (risos). Eu paro pra pensar hoje e eu falo assim, acho que foi, sei lá, acho que o máximo que ele conseguiu falar sobre sexualidade naquele momento e aí eu lembro que ele me deu uma, tinha uma...um chaveiro, que era uma camisinha que falava ‘em caso de emergência, quebre o vidro’. Acho que esse foi o momento épico vamo dizer assim de conversa a respeito de sexo ou masculinidade que eu tive com meu pai.... O fato de um homem ter companhia física não quer dizer que ele tenha real intimidade e intimidade acontece quando você comunica coisas muito profundas suas: fragilidades, medos, receios, dilemas. Então você pode passar anos do lado de um amigo e nunca ter se aberto efetivamente pra eles, simplesmente você se mantém numa faixa segura de ‘*brotheragem*’, de amizade para coisas do lado de fora e não pra coisas do lado de dentro.

**Claudio Serva:** A *brotheragem* tóxica e a *brotheragem* saudável é bem esse antagonismo, né, por exemplo, o cara chega numa festa e conta uma intimidade pra um grupo de amigos, né, que aconteceu com ele, por exemplo, “pô, fui transar e eu não tive uma ereção”, por exemplo. O cara vira piada. Todo mundo vai sacanear, tal, mas muitos ali passaram por essa mesma situação ou tão passando e uma *brotheragem* saudável seria o quê: “Pô, cara, isso acontece comigo também, vamo conversar, vamos trocar, o que a gente pode fazer então, é acolher essas situações, mas é preciso que, pra uma *brotheragem* aconteça, que os homens estejam mais maduros com suas emoções, com a sua masculinidade, mais tranquilo, para que ele possa acolher aquela dúvida, né? Se tá todo mundo frágil nesse sentido de “não tô entendendo, não sei também o que que eu falo sobre isso”, melhor sacanear o cara.

**Narrador:** 6 em cada 10 homens afirmam lidar hoje com distúrbios emocionais em algum nível, muitos ainda não diagnosticados, pois evitam buscar ajuda. Os mais comuns são: ansiedade, depressão, vício em pornografia e insônia. Mas, outros vícios como álcool ou demais drogas, comida, apostas e jogos eletrônicos são mais presentes do que imaginamos.

**Roda após evento anual “Homens possíveis”**

**Mediador:** Então acho que a primeira pergunta que eu queria jogar aqui na roda é: “existe ou não existe um movimento de transformação dos homens acontecendo hoje?”

**Túlio Custódio (sociólogo e curador de conhecimento da Inexplorato):** Nos últimos três, quatro, cinco anos pra cá, né?, talvez uma roda como essa não seria possível, então, sim, tá acontecendo. Ainda não é perfeito, ainda não resolveu os problemas, mas se a gente pensar que as mulheres estão organizadas há pelo menos cem anos e também não resolveram os problemas, então, a gente sabe que isso é uma coisa, né, a vir, mas existe.

**Narrador:** Para responder essa e outras perguntas, realizamos uma pesquisa nacional, que escutou mais de 40 mil homens e mulheres, de todas as idades, raças, classes e regiões. Além disso, mapeamos dezenas de iniciativas trabalhando com os homens e as masculinidades, de norte a sul do Brasil, e fomos pessoalmente conhecer algumas delas.

## **Primeiro Encontro Nacional “Homens em conexão”**

### **Brasília, Distrito Federal**

**Fernando Henrique Rezende (mestre em psicologia clínica):** Homens em conexão é um trabalho de reunir os grupos de homens, né?, os movimentos de homens que a gente tem no Brasil. Minha história é como a história de muitos homens assim, né, de um modelo masculino bem machista, com o qual eu não me identificava de maneira alguma, com a falta de referência de outras possibilidades de ser homem e aí esse conflito interno de como pertencer a esse mundo masculino sendo que eu não me identifico com ele. Então, tá nesses espaços, com esses outros homens, com essa polaridade de homens, de masculino, essa sensação de pertencimento assim, né, de “uhhh”, quem eu sou também é bom”. Isso não tem preço, né?

**José Bueno (arquiteto social, aikidoca e aquarelista):** É um encontro que eu esperei durante trinta, quarenta anos, né, um encontro pra discutirmos, né, o que que é, como estamos sendo



homem na nossa comunidade, né, entre nós e com as mulheres na nossa sociedade, enfim, é o grupo que eu queria ter conhecido há trinta anos atrás, né? Fico imaginando o que que vão ser os próximos trinta anos dessa garotada, né?

**Fernando Henrique Rezende:** Então, pra mim, esse encontro e esses trabalho com os homens é algo que...é quase que não tenho nem escolha de não fazer, né...de...ele acontece, ele me chama, ele me nutre nesse nível que eu não consigo explicar, mas que é muito nítido toda vez que eu participo.

**Antonia Pellegrino (escritora e ativista):** Eu acho que os homens têm que se entender no seu lugar de privilégio e saber se pensar a partir disso e saber se recolocar e como às vezes é hora de recuar, às vezes é hora de ouvir, às vezes é hora de abrir espaço para outras pessoas. Então, assim, isso significa o quê num ambiente de trabalho? Isso significa o quê dentro de casa? Os homens não tão sendo convidados ou se sentindo instigados a refletirem porque caiu uma maçã na cabeça deles e eles entenderam que é hora de mudar. Não! Houve uma mudança na sociedade e isso gerou dificuldades para os homens. Então essas novas masculinidades, elas estão se reproduzindo e sendo empurradas pelos movimentos das mulheres.

### **Serviço de Tecnologia Alternativa**

**Sandro Cipriano (Educador Social):** Falando aos participantes: Esqueçam papel. Circulem à vontade pela sala, contemplando o outro com o olhar. Precisa pegar em ninguém, nem agarrar ninguém agora, tá? Contempla o outro com o olhar. Circulem livremente.

Entrevista: Olha, a dinâmica mais forte que eu tenho trabalhado na dimensão nas aulas é a dinâmica do beijo. Eu faço um momento de caminhar na sala e depois eu fecho um círculo e dou o seguinte comando “olha, eu vou fazer um gesto e eu quero que esse gesto circule e ele volte pra mim”.

Falando aos participantes: Voltando à roda normal, o círculo. Vamo tentar ficar próximo aí um do outro, como a gente tá aqui. Eu vou fazer um gesto agora, esse gesto ele vai circular no grupo e ele vai voltar pra mim, tá?

Continua a entrevista

Quando chega nas meninas, é tranquilo. Mas, quando chega na parte que tem lá um grupo de homens junto, aí começa a resistência. Alguns colocam a mão no rosto pra dar o cheiro na mão, o outro dá o cheiro na cabeça, outro não consegue dar o cheiro. Em uma dessas turmas passadas, no meio da dinâmica, um rapaz começou a chorar. Ele foi tomar água e depois que a gente terminou a dinâmica, ele voltou pra reflexão da dinâmica e eu perguntei pra ele o porquê que durante a dinâmica ele tinha se emocionado tanto, e ele olhou pra roda e olhou pra mim e disse:

- Professor, eu nunca tive coragem de dar um abraço e um cheiro no meu pai, porque lá em casa, sempre quem foi ensinado a beijar e a abraçar era minha irmã com mainha. E com meu pai eu não podia fazer isso.

Trabalhar essa equidade aqui dentro do curso e dentro do Serta é a gente possibilitar esse espaço pra que esses ator eles percebam algumas dimensões que lá fora eles não conseguem perceber ou não têm essa oportunidade de perceber.

**Mediador:** Boa noite, pessoal!

**Participantes:** boa noite!

**Mediador:** É uma alegria ter vocês aqui pra gente poder conversar sobre assuntos relativos ao universo masculino, sobre o que a gente tem vivido, sobre o que a gente passa e o que a gente já passou e muito provavelmente sobre coisas que talvez a gente não tenha falado com ninguém ou não tenha falado claramente ainda.

**José Antônio Ciríaco Neto (agricultor e aluno Serta):** A roda de ontem foi excelente, gostei muito e eu espero que a gente dê continuidade a essa dinâmica, a esse conhecimento que primeiramente a gente se descobre, né? Aquilo que tá... é, digamos assim, oculto dentro de nós, que possa se expandir, se esclarecer. Aquela roda de ontem foi isso, foi sair da escuridão.

**Sandro Cipriano:** A própria história ela se concebeu um pouco como se o homem do campo ele fosse intocável, que ele tem que ser aquele exemplo de homem forte, né, que é o homem do pesado, que é o homem que não chora, mas quando a gente vivencia essa metodologia aqui de formação, a gente começa a compreender um outro contexto. O próprio homem, ele começa a se perceber com outro olhar.

**Hélio Gomes (Podcasts Afropai e Balaio de Pais):** Repensar a masculinidade parte do repensar qual que é o nosso cuidado um com o outro. Eu dei um exemplo num grupo de pais pretos um tempo atrás que os caras estavam falando, reclamando tudo e tal das companheiras e aí eu fiz uma pergunta, eu lancei uma pergunta: “Escuta, você sabe, sua filha tem cinco anos, né?”/ “É, cinco anos” / “Você quantas calcinhas da sua filha tem na gaveta dela?” Aí o cara me perguntou: “Pô, o que que essa pergunta tem a ver?” / “Não, alguém tem que saber” E aí, quando eu faço essa ... quando eu faço esses questionamentos, eu faço também pra mim, porque eu também me vejo nessa posição de “eu não sei quantas calcinhas a minha filha tem lá na gaveta”. Cê tá jogando uma carga pra uma outra pessoa.

**Tiago Koch (Idealizador do projeto Homem Paterno):** E aí uma pergunta que eu trago: “Por que que ninguém se prepara pra paternidade?” Porque parece que vai vim uma luz divina quando a criança nasce e vai iluminar o nosso ser e a gente “Óóóó” né? e, a partir daquele momento, você é um pai, né? Só que o amor não é construído de um momento, de uma hora pra outra, uma relação não é construída de uma hora pra outra.

**Leonardo Piamonte (Psicólogo e membro do Balaio de Pais):** Pra cuidar de um filho realmente, você precisa se conectar num nível emocional e, pra isso, você precisa entrar em contato com emoções que talvez você como homem nunca se permitiu. É você se atentar a uma noção de futuro, que te traz uma responsabilidade a não somente sair com o menino e sair à rua, mas sair e pensar num tempo, uma logística de comida, que faz parte do homem...eh... a questão de...do não cuidado. Homem se cuida menos e, pra se cuidar menos, é muito difícil você cuidar de alguém.

**Narrador:** A maioria dos homens afirma ter o pai como principal referência de masculinidade, mas só 1 em cada 10 já conversou com o pai sobre o que significa ser homem. Em nossa pesquisa, identificamos o quanto os homens concordam terem sido ensinados cada uma das crenças a seguir durante a infância e a adolescência:

Ser bem-sucedido profissionalmente 85%

Não se comportar de modos que pareçam feminino - 78%

Ser fisicamente forte - 73%

Ser o responsável pelo sustento financeiro da família - 67%

Não expressar minhas emoções - 60%

Dar em cima das mulheres sempre que possível - 48%

E somente 2 em cada 10 homens dizem ter tido exemplos práticos de como lidar com as suas emoções.

Por que pais e filhos têm tanta dificuldade em conversar sobre as pressões que enfrentam como homens?

Como os pais podem ser mais presentes, abertos e afetuosos?

## **Curso “Gestão e Parto para Homens”**

### **Casa Védica - São Paulo**

**Tiago Koch:** “Curso de Gestação e Parto para Homens”: esse nome às vezes até gera um estranhamento, né? Como assim um curso de gestação e parto para homens, né? Homem não pare. Mas, é pra gerar já essa, esse primeiro questionamento: “Como assim?” né? Eu trago aí conhecimentos sobre a fisiologia dessa mulher, as transformações, muito o que acontece realmente sobre a mulher, com a mulher, né, com a mulher durante a gestação e fazer com que esse homem se prepare para o parto. O principal objetivo é sensibilizar, é trazer conhecimento, e é trazer a reciprocidade desse casal.

**Leonardo Piamonte:** É, acho que os pilares da paternidade mudaram muito. Antigamente a gente tinha uns pilares que se baseiam em três P's, se eu puder falar assim.

**Filho do Leonardo:** Papi, Papi, você falou pilar igualzinho a isso.

**Leonardo Piamonte:** É verdade. Igual ao seu. Porque é isso, olha, isso é um pilar.

**Filho do Leonardo:** Uhum

**Leonardo Piamonte:** Então é onde tá em cima uma coisa, né? Então, antigamente tinha três pilares: o pilar da proteção, da procriação e da provisão. Então, a transformação numa paternidade ativa é deixar pra trás um pouco a questão da simples proteção e passar pro cuidado. Então já não é um pai que entra e resolve. Agora a gente tem um pai que cuida. Então, é um pai que já não está esporadicamente, mas tá presente. Já não tem uma atitude passiva, tem uma atitude ativa.

**Tiago Koch:** Antes de qualquer coisa, se refletir o que é ser homem. Quais são as minhas referências paternas e pensar o que que eu quero replicar? É estudar mesmo, é se dedicar. Porque sem conhecimento a gente não vai conseguir ser empático. E aí quer bater foto, né, beijando a barriga pros outros falarem que é paizão, mas o cara num tá nem aí, né? E, se necessário, se impor: “Não tô achando graça do que cê tá falando, *brother*”, né? “Ah, é pau mandado”. “O que cê qué dizer com isso?” “Porque eu tô realmente indo lá cuidar da minha esposa, do meu filho, eu sou pau mandado?” né? “O que que você faria?” Então é questionar também, né? E isso precisa ter coragem.

**NYM SMIT (DJ):** Se você tem um pai que tá com você e que te ajuda, presente, você é privilegiado sim. Eu vejo que não sou só eu. Tem muita gente necessitada dessa figura paterna

**Kdu dos Anjos (Gestor do “Lá da Favelinha”):** E entre nosso bonde, principalmente entre os *rappers* e uma juventude do passinho e tal, a gente tem umas piadas assim: “Ah, *boy*, cê tem pai”, “*boy*, tu é *boy, boy, boy*”. Quando tem pai, é *boy*. Tem um dos meninos, que ele é muito engraçado, ele é um menino gay, o Dudu, ele sempre faz uma piada quando ele precisa de alguma coisa, quando ele precisa de celular, ele pega no Instagram e fala “galera, meu celular é igual meu pai: não tenho! Tô precisando de um celular” e tudo mais (risos). Eu acho que a gente começa a ter alternativas de mostrar pra criançada o que é ser um homem legal, incentivando homens legais a protagonizarem.

### **Centro Cultural “Lá da Favelinha”**

#### **Aglomerado da Serra - Belo Horizonte**

**Kdu dos Anjos:** Esse “Lá da Favelinha” é um centro independente, que é autogerido pelos moradores da comunidade. A gente tem 16 oficinas semanais. Todas as oficinas são voluntárias. A gente tinha uma bazar, esse bazar era para ajudar a completar a renda do lanche. Aí peguei umas peças de bazar, montei um look com o que eu já tinha e botei a galera pra desfilarem na passarela.

#### **Favelinha Fashion Week**

**Kdu dos Anjos:** Aí nasceu o Favelinha Fashion Week. Eu percebi que era quase que óbvio que isso ia acontecer, do jovem, né, estudar numa escola pública e tal e ele, quando chegasse nos 12 nos 13 anos, tinha muito esse espelho do tráfico e, quando não era o espelho do tráfico, e ele queria trabalhar, só nos restava o subemprego. E eu comecei a pensar nisso de: “Poxa, até quando a gente só vai ter que ser diarista, faxineira, motorista. Se você quiser ser o pedreiro hoje em dia com a minha visão, você vai ser o melhor pedreiro. Nós vamos fazer de tudo pra você ser o melhor pedreiro, mas que seja seu sonho, sabe? Não que ocê tá ali porque sobrou, porque na verdade você queria ser um astronauta. Se você quiser ser um astronauta, vamos ser astronauta.

**NYM SMIT:** Kdu é uma pessoa muito mente aberta. Ele é uma pessoa tipo assim ele não quer saber se é homem, se é mulher, se é gay, se é trav. Ele abraça, ajuda, cumprimenta e

brinca com todo mundo como se todo mundo fosse... o que todo mundo deveria fazer...como se fosse todo mundo igual. Isso é muito interessante. Eu comecei a aprender muito sobre a diversidade e a respeitar opiniões, aceitar jeitos através disso, com essa convivência, então não existe essa coisa de padrão de certo e errado.

**Moradora da comunidade:**

Vem pra favelinha

Vem pro Cafezal

Vem conhecer o nosso

Centro Cultural

**Kdu dos Anjos:** Aqui na Favelinha a gente tem uma rede de apoio muito forte. Então eu pego muito pra esse lado do... de ir além de ser só o *brother* “Ah, nós é amigão aqui”, pá, e na hora que tá sofrendo “ah, tô sem tempo, irmão”. Não! A gente tem que ter tempo pra esse lado, então, todo esse convívio faz com que a gente crie essa rede de apoio e por onde a gente passa é o reflexo dessa rede. É o reflexo de tipo “te amo, sou seu *brother*, não vamo só até a página dois, vamo escrever a história inteira”, sabe? “Vamos lê junto, vamo desenhar junto, vamo programá juntos e juntas”.

**Túlio Custódio:** A categoria existencial do homem, né, o homem com H maiúsculo é a categoria do homem branco. Esse é o homem, né? Quando se fala da figura do homem, o que espera do homem, o que se pensa do homem, esse é o homem, o homem ideal. O homem negro nunca vai ser o homem ideal. Não é à toa que a célebre frase do Franz Fanon “O homem negro não é um homem” diz muito sobre a nossa condição, a condição de que, antes de tudo, você é um negro. E esse negro vai ser sempre correndo atrás do prejuízo em relação a como você, o que você pode fazer para ocultar este lugar do ser negro e a gente vai tentando se constituir para se aproximar do “homem”, do branco.

**Timm Arif (rapper):** Pra eu me entender, eu tive que entender as questões do meu pai e, pra eu entender as questões do meu pai, era engraçado que, meu, é (pausa) você quer destruir a masculinidade do menino negro é você falar que você é igual ao pai dele. Só que não lembrar pelo bom aspecto, lembrar pelo mau aspecto. “Você é igual ao seu pai”. Vários meninos negros ouvem isso.

**Felipe Cirilo (Educador e bailarino):** Ser um menino negro é estar nesse lugar onde essa ideia de país não quer cuidar desse menino negro, não quer cuidar dessa população negra como um todo, né

**Timm Arif:** A gente precisa fazer com que os meninos pretos sobrevivam, porque eu tenho um filho preto, né, com 8 anos de idade, o nome dele é Jorge. Num determinado momento, ele vai chegar em casa, a partir daqueles 12, 13 anos que começa os enquadros, ele vai chegar em casa um certo dia chorando e falar; “Pai, tomei um enquadro da polícia e foi pesado. Pegaram leve comigo, porque eu era ingênuo. Quando eu tomei meu primeiro enquadro da polícia, eu cheguei em casa tipo como? Num sabia o que que era aquilo. Isso aconteceu. E, ao mesmo tempo, eu já tive amigo branco que falou assim pra mim: “Cara, eu nunca tomei enquadro”. Eu falei assim: “O quê? Como assim, mano, nunca tomei enquadro?” Então, a gente acaba ficando familiarizado com uma coisa que não deveria ser comum.

**Túlio Custódio:** Mas, sem dúvida, eu acho que tem algumas experiências que são mais pontuais, como exemplo, a primeira batida policial, por exemplo, que eu tomei no dia do meu aniversário. 2004. Nunca vou esquecer, uma arma na cabeça. Estava saindo de um show, indo pra casa de um amigo que faz aniversário no mesmo dia que eu. A dor é entender que eu ocupo um lugar que, independente do quão eu sou, do quão eu estudo, de quão bonito eu sou, de quão bem vestido eu sou, de quão cheiroso eu sou, de quão legal eu sou, é, isso vem antes de mim, né, isso vem antes de mim.

**Felipe Cirilo:** Então, a gente pode cegamente entrar numa lógica de remediar a violência em relação ao homem preto e nunca olhar pros reais motivos que construíram esse ambiente violento que cerca o homem preto, que mata o homem preto a cada 23 minutos. Não tem



como a gente falar de masculinidade preta e não falar de violência. E é aí que a gente vê que o racismo é um, é uma estrutura muito bem preparada, porque ela faz com que você sofra o racismo e ela cobra que você não seja negro. “Faça o possível para estar no nosso sistema, mas eu vou te derrubar porque você é negro”. Todo esse processo midiático de embranquecimento faz com que a gente não consiga mais reerguer, que a gente tenha muitas dificuldades pra reerguer uma noção de povo, porque a televisão não vai dizer pra gente quem foi Malcolm X, quem foi Steve Biko. A gente tem referências de masculinidade e a gente tá num momento em que o homem negro grita de diversas formas pra que a gente consiga enxergar essas referências.

**Timm Arif:** Quando você fala quebrar o silêncio dos homens, quando você fala do silêncio dos homens brancos, quem silenciou o homem branco? Se o homem negro tem algum silêncio a ser quebrado, se você perguntar isso pra um homem negro, com certeza.

Os corpos que saem de todo canto

Essa noite eu vou ficar de canto

Eu calarei o meu canto,

Enquanto o meu pranto

Salva o sentimento dessa porra que vem me matando

Mas, ó, eu aprendi a ser falso com quem é falso comigo,

Tá ligado?

E eu tenho uma vantagem

Eles acham que eu não minto

E acham que, na mentira deles, eu acredito, ó

Mas, eu, na minha sagrada observação,

Eu sigo convicto, invicto,

Contra meus demônios que me pedem pra ser cínico

A transformação do homem preto nas rodas de conversa, ela é visível, principalmente quem nunca foi, ele começa a entender que o que ele encontra logo de cara é o afeto e entre os homens pretos. Caramba! Existe essa parada.

### **Roda sobre masculinidades negras**

#### **Centro de Referência da Dança da Cidade de São Paulo**

**Felipe Cirilo:** E a gente tá aqui agora, pra mim, pessoalmente, é urgente pelo moleque preto que vai jogar no Youtube alguma coisa, às vezes nem sobre masculinidade, e vai aparecer esse vídeo e tipo não tem lá um homem preto reproduzindo uma fala da masculinidade branca. Tem um homem preto que identifica onde tá pisando, critica o lugar onde pisa e quer construir lugares de autonomia para esse povo preto.

**Pedro HMC (roteirista e Youtuber):** Acho que viver com medo é quase que um padrão pra qualquer pessoa que faça parte de qualquer minoria, seja a mulher que não sai na rua sem medo de ser assediada, seja gay que sofre medo de sofrer uma violência, seja um negro que sai na rua e alguém acha que é um assaltante.

**Lam Matos (Cenotécnico / Coordenador nacional IBRAT):** As pessoas trans morrem não é por causa de outras pessoas trans. As pessoas trans morrem. porque essa “norma” do ser homem, do ser mulher é que é contra a gente. É essa raiva, esse ódio que mata as pessoas trans, que violenta os gays, que violenta as lésbicas, que violenta as mulheres. É isso tudo que violenta a sociedade. Quando eu me coloco como um homem dentro da sociedade, a sociedade me cobra uma postura de homem. Me é cobrado: “Você não pode chorar” e aí é uma coisa muito recorrente entre homens trans que, quando começam a assumir os papéis masculinos dentro da sociedade, eles falam... uma coisa que eu notei que eu parei de fazer, quando eu me tornei, quando eu cheguei nessa nesse nesse nessa masculinidade foi: eu parei de chorar. Eu me vejo...é, obrigado a seguir um padrão pra ser aceito como homem.

**Pedro HMC:** Acho que todo homem, independente de ser hétero, ser gay, ser bi, o primeiro xingamento que eu ouvi na escola ainda criança é “bicha”. Cê nem sabe o que que é “bicha”, mas cê aprende que aquilo é ruim. Quando você descobre “bicha”, cê vê que você é gay, cê qué escondê aquilo, cê qué negar aquilo pra você mesmo, porque cê aprende que é errado e cê aprende numa fase onde todos seus valores tão sendo formados, né? Isso é péssimo, porque você tem que desaprender muito do que já tava formado ali, pra você se aceitar, pra você sair do armário, pra você depois contar pras pessoas e ensiná algumas que aquilo não é errado, então é um esforço muito grande.

**Ed René Kivitz (pastor da Igreja Batista de Água Branca):** Se você perguntar à Igreja, o que é a relação masculino e feminino, é uma relação hétero, indissolúvel, monogâmica, fiel até a morte para gerar filhos. Só que nós vivemos num tempo em que todas estas multiformes expressões de identidade pessoal e de identidades e de relação estão hoje dentro da igreja, querendo ou não, está lá, e a igreja vai ter que aprender a lidar com isso.

**Pedro HMC:** Talvez muita gente enxergue a desconstrução desses valores como se a gente tivesse destruindo a sociedade. Muita gente que diz que quem tá questionando esses valores quer destruir a família, que quer destruir o tradicionalismo. Não! Tem alguns que... algumas pessoas que não correspondem a isso e também tem o direito de existir.

**Ed René Kivitz (pastor da Igreja Batista de Água Branca):** A Igreja precisa entender a novidade do Evangelho e é um dos meus lamentos essa Igreja violenta, excludente, é que ela não entendeu a graça de Deus, Ela (a Igreja) ainda está na Lei de Deus, Ela quer controlar o mundo pela legislação. O melhor exemplo pra isso é quando uma mulher pêga ou flagrada em adultério é trazida pra Jesus e as pessoas, os religiosos da época dizem: “A lei manda apedrejar uma mulher que adulterou”. Jesus diz: "Apedrejem! Tá na Lei?" Deu o impasse e Jesus completou: “Quem não tem pecado, atire a primeira pedra”. O que Jesus tá ensinando? Não se constrói sociedade com Lei, a gente constrói sociedade com graça e amor e perdão.

**Leonardo Piamonte:** Acho que existe uma relação muito forte entre o que um homem sente e a dor que ele provoca. Os crimes de honra são relacionados à masculinidade, os estupros são relacionados à masculinidade. 71% das mortes de...uh... dos feminicídios, melhor, são provocados pelo ex ou pelo atual. 71%. Então, é esse o nível de masculinidade, esse nível de dores provocado por uma compreensão errada do que deveria ser um homem.

**Bruno Cabral (Palestrante de combate à violência de gênero e ao uso de drogas):** Todo silêncio que cê vai guardando dentro de você, vai formando uma...um turbilhão de emoção e chega uma hora que cê explode, né, e talvez essa explosão não seja tão positiva e, com 28 anos, eu engravidei uma mulher e eu tava em abstinência e a gente iniciou uma discussão, eu já tinha casado, tava casado e daí, no meio dessa discussão, eu acabei agredindo ela fisicamente, mas, assim, antes dessa agressão física, pô, a agressão psicológica era diária, né?

**Antônia Pellegrino:** Acho que toda mulher tem uma história de violência pra contar. Toda mulher tem várias histórias de violência pra contar. São violências que aconteceram em casa, são violências que aconteceram no ambiente de trabalho, são violências que acontecem na rede.

**Gabriela Manssur (Promotora de justiça):** Praticamente 60% dos casos, eles ocorrem quando a mulher fala que quer o divórcio, ou fala que quer romper o namoro, o relacionamento e ele não se conforma e, infelizmente, a forma dele reagir a isso é com violência. Óbvio que nós vamos falar da mulher, trabalhar com o empoderamento feminino e com toda parte de proteção e assistência a essa mulher que sofre violência, aliás, eu dedico meus dias a isso, porém, nós temos que falar do outro lado da violência. Quem é esse homem que está agredindo essas mulheres? Por que que ele está agredindo essas mulheres? Como fazer pra que ele não agrida mais? Porque todos os casos de feminicídio vem numa escalada da violência. Se você consegue impedir, de alguma forma, aquele homem de continuar nesse fluxo, nesse ciclo, você consegue evitar a morte de uma mulher. E aí com pesquisas, conhecendo outros projetos, inspiradas em outras experiências, eu desenvolvi o “Tempo de Despertar”. O “Tempo de Despertar” é um projeto de grupos reflexivos de homens autores de violência. Lá, se discute construções sociais, se discutem relações entre homens e mulheres,

pra que eles vão se conscientizando, refletindo sobre o que eles pensam ou deixam de pensar, e sobre o que que eles podem fazer pra diminuir a violência.

**Bruno Cabral:** Eu recebi uma intimação, não sabia do que se tratava e fui no fórum pra ver, aí eram essas reuniões. Eu, pô, fiquei completamente revoltado, eu falei “pô, eu um tenho que tá aqui, não tô mais com a pessoa que eu agredi, eu não uso mais droga, eu não tenho mais problema”. São reuniões a cada quinze dias, né, os encontros. Fui no primeiro, não gostei, saí de lá super revoltado, mas, enfim, né, aí fui no segundo. No terceiro encontro, no final do encontro, eu tive a oportunidade de tá expondo meu caso. Eu fui me abrir com o pessoal da equipe e tal e daí eu falei: “Pô, eu tenho muita coisa pra mim mudar, sabe? tem muita coisa pra mim aprender aqui”. Eu comecei a ir, mas com vontade e sabe como são a cada quinze dias, é uma semana sim, uma semana não, na semana que não tinha, eu comecei sentir falta do projeto, sabe? Quando finalizou, finalizou em dezembro, eu...em janeiro eu tava procurando eles porque eu queria mais, sabe?

**Gabriela Manssur (Promotora de justiça):** Quantos homens vão ao psicólogo? Eles vão segurando para eles aquilo sem nenhum tipo de ajuda e, a hora que isso estoura, ela vai estourar ou na violência, ou no uso excessivo de droga, ou no uso excessivo de álcool. Tudo isso traz no homem uma mistura de sentimentos, que acabam se revelando em comportamentos agressivos e violentos contra a primeira pessoa que está lá, e que ele sabe, por uma construção histórica e cultural e por falta de uma legislação rígida, ele pode agredir, violentar sem que nada aconteça com ele. Então, esse quadro precisa ser mudado. Ele precisa se conscientizar de que não é isso que resolve seu problema. Foram as próprias mulheres vítimas de violência – e isso é muito importante falar – que me deram a luz de trabalhar com os agressores. “Conversa com ele”, “Promotora, por favor, chama ele aqui

**Bruno Cabral:** Hoje, eu consigo tratar minha companheira com o respeito que ela merece. Sei que não vou ser menos homem porque eu tô passando pano, tô lavando louça, que fui pro fogão, sabe, sei que tô ajudando ela, até porque eu moro na mes... eu moro ali, não é que eu tô ajudando ela, eu moro ali, a obrigação é minha também, né? Então, assim, eu sou muito

grato ao Projeto, né?, porque eu acho que eu não conseguiria nem tá limpo das drogas ainda se não fosse o Projeto mudar meu comportamento.

**Gabriela Manssur:** Nós conseguimos diminuir a reincidência com os grupos reflexivos desses homens que eram 65% reincidentes pra quanto de reincidência? 2%. Então é um resultado...quase nenhum desses homens voltou a cometer ato de violência contra a mulher. Mas, do ponto de vista social, subjetivo, o maior resultado é esse homem voltar pra mim e falar o seguinte: “Doutora Gabriela, eu não cometo mais violência contra a mulher, mas tem uma coisa que isso me ajudou, eu conseguir olhar pros meus filhos e falar ‘eu te amo’, eu conseguir entrar num grupo para tratar do alcoolismo, eu tenho mais amigos no trabalho. Pra mim, é o resultado mais expressivo desses grupos reflexivos de homens, mostrando que há essa possibilidade, é efetiva e os homens podem sim despertar para uma nova vida

**Narrador:** Qual a percepção das mulheres sobre o progresso dos homens? 50% das mulheres concordam, em algum nível, que os homens estão agindo de modo menos machista nos últimos anos e 65% delas afirmam que os homens que são pais estão participando cada vez mais. Entretanto, 54% acreditam que eles ainda não entenderam completamente que elas merecem as mesmas oportunidades e direitos. E, somente 28% das mulheres acham que os homens estão assediando menos. Mas será que eles estão confrontando seus amigos? 6 em cada 10 homens afirmam já ter deixado de lado pelo menos uma atitude machista ou homofóbica apontada por outra pessoa. E, 5 em cada 10 homens de até 17 anos afirmam confrontar seus amigos com frequência. Ou seja, muitos de nós parecem ter dado o primeiro passo para a mudança, o que é ótimo, mas há muitos outros degraus pela frente.

**Pedro de Figueiredo (Fundador do MEMOH):** Ainda hoje a gente percebe questões de gênero como coisas à parte dos homens assim, mas o que eu vejo em movimento é justamente esse reconhecimento de que a gente também precisa ... é ..., sempre alinhado às mulheres, também olhar pras nossas questões e também perceber que temos grandes responsabilidades e eu percebo esse movimento acontecendo assim.

**Fred Mattos:** Então, quando um homem se percebe machista e ele começa a questionar aquilo...não é uma questão só racional, tem um componente emocional muito forte, tem a ver com ele ficar no escuro, perdido, sem saber o que ele de fato é. Então até que ele encontre uma nova identidade, que seja segura, reconfortante, que traga benefícios pra ele, ele não vai abandonar aquela outra identidade, que ele tem muita familiaridade, que ele viveu até aquele momento.

**Ismael dos Anjos:** Eu sou machista, vivi e fui criado numa sociedade machista. Eu vou me educando através de relacionamentos, através de conversas pra ser o mínimo de machista que eu consigo. Só que, quando alguém me falar que eu sou machista, eu não preciso tá com duas pedras na mão e pensando “pô, mas eu não fui machista 99% das vezes, cê vai falar dessa uma vez que eu fui machista?”. Sim, vai falar dessa uma vez que cê foi machista, assim como, se alguém falar sobre essa uma vez que cê foi racista, ouça!

**Antônia Pellegrino:** Por exemplo, na relação heterossexual, a divisão de tarefas dentro de casa, porque isso é uma demonstração de consciência do próprio lugar e de respeito ao outro, ao tempo do outro. Acho que isso é uma coisa prática, fácil de fazer. Não tem que ler um livro, não tem que fazer uma imersão, não tem que fazer nada (risos). É, tipo, vai lá, enfrenta a louça. É muito simples. Vai no mercado, vê se na geladeira tá faltando alguma coisa, bota uma roupa pra lavar.

**Ismael dos Anjos:** Não pode ser uma responsabilidade das mulheres educarem os homens. Agora cês vão ter que ser desse jeito. Não. Pera, cê acha que tá dando certo ser assim? Cê acha que faz bem ser assim? Se você começa a achar que não faz bem ser assim, por que que cê não fala com aquele seu amigo que não é legal o que ele tá fazendo?

**José Bueno:** Eu acho extremamente importante os homens conversarem entre si, por uma razão muito óbvia: nós não aprendemos a conversar.

**Hélio Gomes:** Falar com outro homem pode ser o início dele se soltar e poder falar com o mundo, interagir melhor com o mundo de uma outra forma

**Túlio Custódio:** É pelo desconforto, né?, e o acolhimento desse desconforto é que pode-se gerar essa transformação. Como fazer isso? Estar sujeito, estar disponível a esse desconforto. Muitas vezes, diz que se quer transformar, diz que quer fazer parte desses grupos, mas nunca passa da página um, que é o ser ver, o se reconhecer, se responsabilizar em relação às coisas que você faz, você pensa, você decide. Então, acho que pra criar um grupo desse, as pessoas têm que estar dispostas a lidar com o desconforto e, claro, com a possibilidade de escutar.

**Personagem não identificado:** Então a gente tem a responsabilidade nesse debate, já que somos nós os protagonistas da violência, somos nós que nos matamos mais, somos nós que violentamos de uma maneira geral muito mais do que qualquer outra pessoa.

**Claudio Serva:** Olha, eu acho que os grupos de homens se reunindo atualmente é necessário, assim, principalmente por ser esse espaço de *brotheragem* saudável. Quando junta mais de dois, e não tá ali pra fazer *bullying* um com o outro. Eles tão ali pra mostrar a vulnerabilidade, então aí cria um campo, um espaço incrível, então, assim, é preciso que tenha mais grupos, é..., se encontrando, mais espaço...eu recebo comunicado de homens de outras cidades, dizendo: “pô, como é que eu posso fazer pra conversar? Eu não tenho com quem conversar.

**Guilherme N. Valadares:** Então, criar um grupo de homens é uma coisa muito simples. Passa por ter um incômodo e a disposição. Eu vou convidar amigos que eu sinto que têm o mesmo incômodo, a gente vai sentar numa roda e se fazer boas perguntas. Perguntar quais são os medos, obstáculos, e vergonhas que a gente tem. A gente vai se responder com sinceridade em primeira pessoa. A conversa não é teorizando, não é falando dos homens, da sociedade, do Brasil. É “eu sinto”, “eu vivo”, “eu tenho esse obstáculo, eu tenho essa alegria, esse sonho”

**Ismael dos Anjos:** Então, eu acho que os benefícios são pequenas transformações individuais que, depois, viram pequenas transformações sociais em grupos de amigos e, uma vez que



você muda seu comportamento, não dá pra voltar atrás, né? Uma vez que você consegue escutar mais, você aprende a ficar mais calado, uma vez que você aprende a sentir mais empatia, você coloca isso em movimento e, de repente, você já é um homem diferente do que você era não só há cinco, quatro anos, mas, às vezes, diferente do que você era da última vez que você discutiu com alguém semana passada

**Guilherme N. Valadares:** Se a gente volta uns vinte anos, a gente vê o surgimento do Instituto Nos, Instituto Pró-Mundo, tem o Benedito Medrado, Jorge Lira, Marcos Nascimento, pessoas incríveis olhando pra isso. A gente vê o movimento Guerreiros do Coração e o que a gente vê é que, nos últimos dois anos, teve um *boom*, em especial nos últimos doze meses. Tem iniciativas surgindo no Brasil inteiro de norte a sul, iniciativas com cunho mais espiritual, com cunho mais corporal, com cunho mais político, que trabalham com o olhar da raça, da paternidade, tem vários caminhos. Todos os homens ... eu, como homem, preciso assumir responsabilidade pelo que eu faço de ruim e destrutivo comigo mesmo, com outros homens e com as mulheres. Pra mim, esse é o movimento possível, seja qual for a perspectiva.

**Narrador:** Quebrar o silêncio e conversar entre nós é um excelente primeiro passo, porém só um em cada dez homens já participou desses grupos. A boa notícia é que 61% deles afirmam ter vontade de se juntar a um. Cada vez mais iniciativas estão surgindo pelo país, mas o volume total ainda é pequeno. Precisamos de mais homens dispostos a criar e serem caseiros desses espaços de transformação. Nosso sonho é que cada um dos municípios do país possa ter pelo menos um grupo. Esse é um movimento de coragem. Coragem pra assumir responsabilidade, coragem pra escutar as mulheres, coragem pra abrir nossos corações, sermos vulneráveis e nos ajudarmos a construir vidas melhores. Não é um movimento de homens virtuosos e bonzinhos, muito menos de novos homens, é um movimento de homens comuns como eu e você. Mãos à obra?